VÍDEO 42 lançamentos, incluindo FORREST GUMP

SET

CINEMA & VÍDEO

EDITORA AZUL

nos bastidores de
LENDAS DA PAIXÃO com
BRAD PITT

CINEMA BRASILEIRO
os nacionais que vêm aí

ESPECIAL
50
MELHORES FILMES DE GUERRA

ADIVINHE QUEM VEM PARA MATAR?

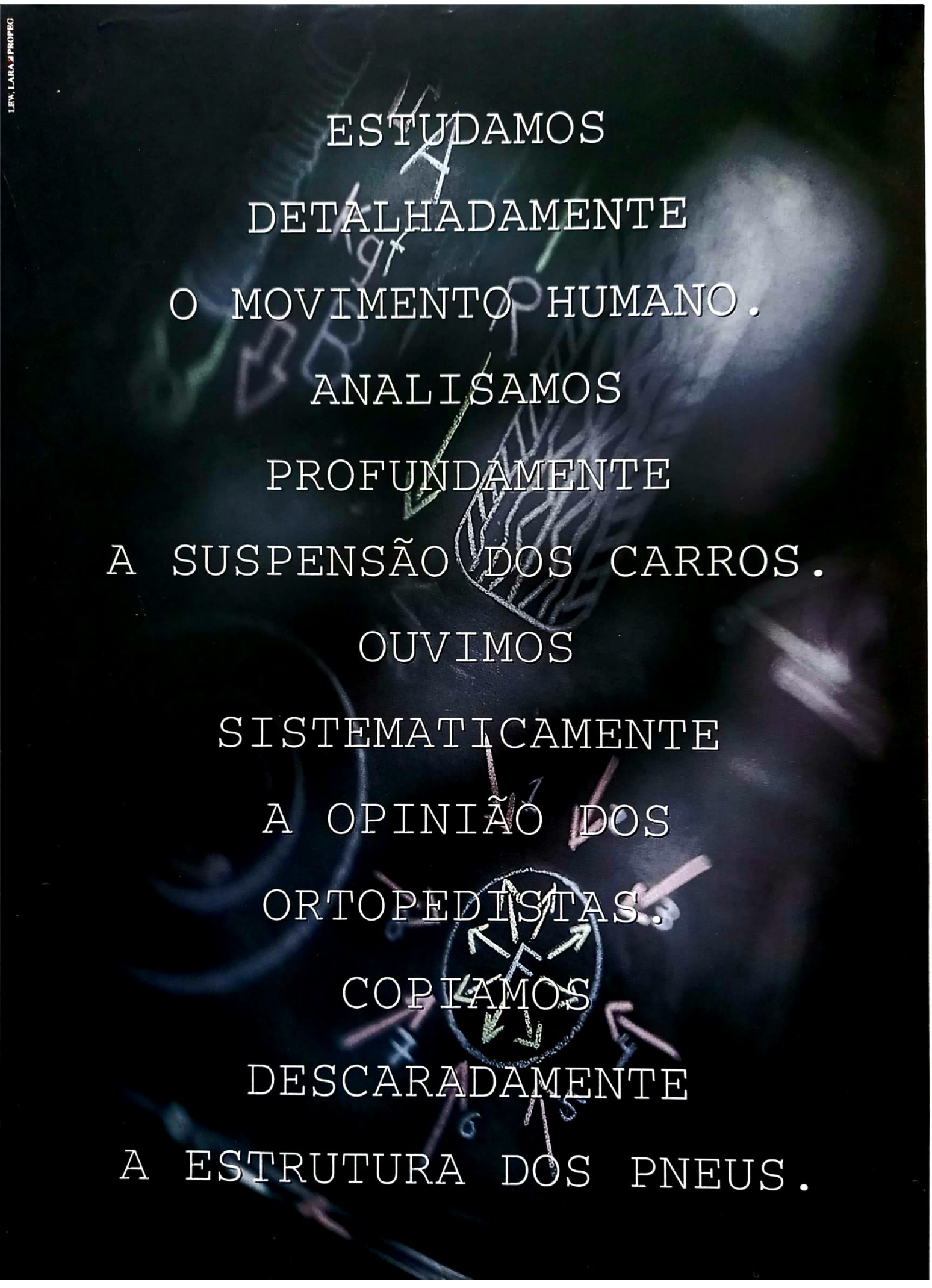
SHARON STONE

ATACA DE PISTOLEIRA NO SEU NOVO FILME

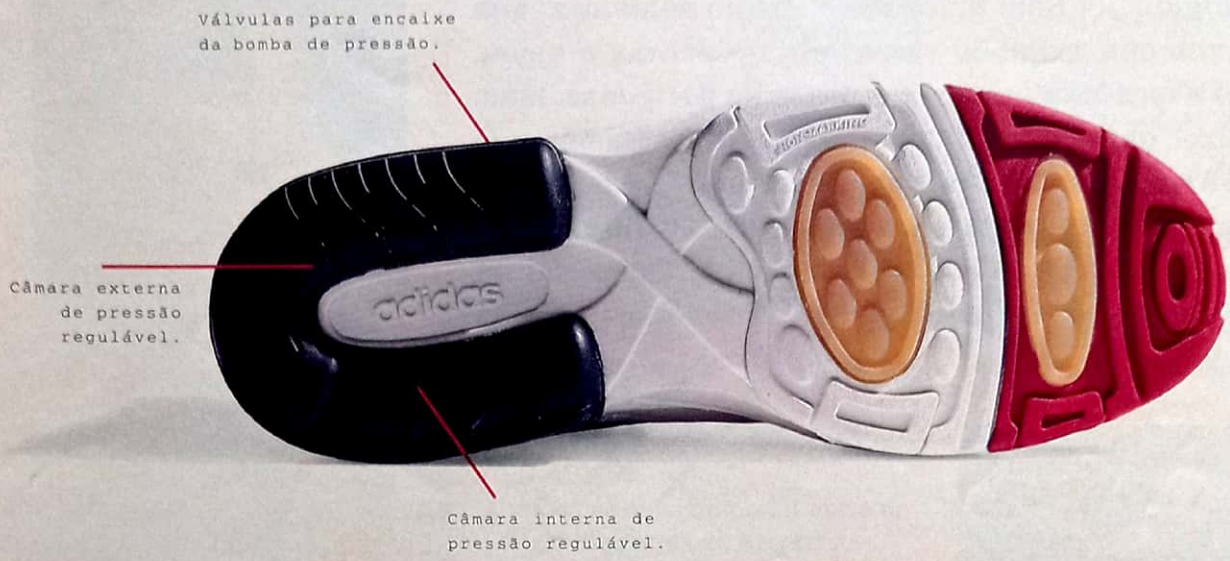
5633 - Maio, 1995 - Ed. 95 - Ano IX - Nº 05 - R$ 4,20

ISSN 0104-1592

LEW. LARA PROPEG



(E AÍ SÓ DEMOS UMA MEIA-SOLA.)



AMORTECIMENTO AJUSTÁVEL POR REGULAGEM DE PRESSÃO.

ADIDAS TUBULAR. O ÚNICO COM BOMBA DE PRESSÃO COM VISOR DIGITAL, QUE PERMITE AJUSTE DE AMORTECIMENTO NO SOLADO, DE ACORDO COM O PESO E A ALTURA DO ATLETA.

CROSS TRAINER XTR TUBULAR.

RUNNER TUBULAR.

adidas®

tubular TECHNOLOGY

THE BRAND WITH THE THREE STRIPES

Programa

Este mês oferecemos Sharon Stone vestida. Isso mesmo: vestida. É assim que ela aparece em *Rápida e Mortal*, o faroeste dirigido por Sam Raimi onde não há nenhuma cena de sexo, nenhuma exibição voluntária de pernas e seios. Sharon é só a mocinha – claro que das mais perigosas. Mas, para não dizer que não desnudamos a atriz, deixamos que ela falasse à vontade numa entrevista exclusiva. E nela está a Sharon que nós aprendemos a cobiçar: sexy, inteligente (ela tem mesmo um Q.I. altíssimo) e explosiva. Tanto quanto em *O Especialista*, ao lado de Sylvester Stallone, que está saindo em vídeo.

Na capa: Sharon Stone em *Rápida e Mortal* (Columbia TriStar) e Tom Hanks em *Forrest Gump* (CIC)

6 TAKES
Os bastidores do Oscar 95

12 CONEXÃO L.A.
Nixon, o novo objeto de Oliver Stone

14 RÁPIDA E MORTAL
Sharon Stone é a pistoleira mais rápida do Oeste

22 CENAS DA VIDA
Os atores preferem as top models

24 MAKING OF
A paisagem, a fotografia e o trabalho de Brad Pitt em *Lendas da Paixão*

28 ENTREVISTA
Whoopi Goldberg fala de *Somente Elas*, seu novo e polêmico filme

34 ESPECIAL
Hollywood e a Segunda Guerra Mundial

38 SELEÇÃO DE VÍDEO
A Segunda Guerra em 50 filmes

42 REPORTAGEM
Cinema brasileiro: as produções que estréiam até o final do ano

46 NOVOS FILMES
Somente Elas, O Inocente, Almas Gêmeas, A Morte e a Donzela, Jefferson em Paris, Rob Roy – A Saga de uma Paixão, Top Dog – Uma Dupla Animal

54 MITO
Jacques Tati, o cineasta de *Meu Tio* e *As Férias do Sr. Hulot*

56 HOLLYWOOD BOULEVARD
Sob o domínio da garrafa: os atores chegados num copo

82 FREESHOP
Equipamentos, livros e trilhas

84 CARTAS

86 NOSTALGIA

LFI

Warner

Columbia TriStar

14

Caderno de vídeo

CAPA

57 FORREST GUMP, O CONTADOR DE HISTÓRIAS
O fenômeno cinematográfico vencedor de seis Oscar chega às locadoras com a promessa de bater recordes de venda e locação

DRAMA

59 A FRATERNIDADE É VERMELHA
A última (e mais otimista) parte da trilogia das cores de Krzysztof Kieslowski

60 ASSASSINOS POR NATUREZA
Oliver Stone inquieta mais uma vez o espectador com seu retrato da violência moderna

61 FRESH
Uma vigorosa produção independente fala do cotidiano de um garoto nas ruas de Nova York

INFANTIL

64 PAGEMASTER – O MESTRE DA FANTASIA
Macaulay Culkin transforma-se em desenho e descobre o mundo da literatura

COMÉDIA

65 ATRAÍDOS PELO DESTINO
Nicolas Cage e Bridget Fonda ficam milionários e se apaixonam

AVENTURA

68 O ANJO DA GUARDA
Bruce Willis é o anjo da guarda de Elijah Wood, que está à procura de pais melhores

72 O ESPECIALISTA
Sharon Stone contrata Sylvester Stallone para matar os assassinos de seus pais

TERROR

73 O NOVO PESADELO – O RETORNO DE FREDDY KRUEGER
Wes Craven conclui a saga do assassino de garras de aço com uma ótima idéia

FICÇÃO

76 FUGA DE ABSOLOM
Ray Liotta tenta fugir de um presídio de segurança máxima

68
PlayArte

61
Lumiere

73
Américo

64
Look

POR TRÁS DAS CÂMERAS

67A CERIMÔNIA DO OSCAR

O que aconteceu nos bastidores do Shrine Auditorium, na festa realizada em 27 de março, que foi vista na televisão por mais de 1 bilhão de pessoas

● Os largos sorrisos de **Tom Hanks** e **Robert Zemeckis** após a cerimônia de entrega dos prêmios não refletiam apenas a alegria de receber o Oscar: graças a *Forrest Gump*, os saldos bancários de Hanks e Zemeckis estão hoje entre os mais polpudos de Hollywood. Como não havia muito dinheiro para a produção do filme, eles aceitaram receber uma quantia mínima no início das filmagens e, mais tarde, repartir uma porcentagem dos lucros. Resultado: até agora, Zemeckis embolsou nada menos que US$ 36 milhões, enquanto Hanks já ganhou US$ 40 milhões. É a maior quantia já recebida por um diretor e um ator pelo trabalho em um único filme. **Jack Nicholson** (por *Batman*) e **Steven Spielberg** (por *Jurassic Park*), receberam quantias maiores, mas nelas estavam incluídas porcentagens de merchandising.

● **Martin Landau** confidenciou que trazia na carteira um bilhete de biscoito chinês. O bilhete profético, ganho depois de um almoço no Vale de San Fernando, subúrbio de Los Angeles, dizia: "Você ganhará um prêmio ou um troféu muito importante".

● Os convidados da festa pós-Oscar organizada pela Miramax no Chasen's – um dos restaurantes mais tradicionais de Hollywood, fechado permanentemente a partir de 1º de abril – se surpreenderam quando viram entrar um grupo de policiais com pastores alemães na coleira. Eles estavam atrás de um suspeito de furto que, fugindo da polícia, havia entrado na festa por um buraco na tenda montada ao lado do restaurante. Não foi difícil achar o meliante: o pobre rapaz era o único de camiseta.

● Explica-se a animação de **Jack Nicholson**, **Clint Eastwood** e **Michelangelo Antonioni**. Antes de subir ao palco do auditório, os três passaram uma hora batendo papo no camarim do produtor do programa, **Gilbert Cates**, bebericando cerveja.

● Normalmente confusa, este ano a coordenação das chegadas e saídas de limusines literalmente tirou premiados e convidados do sério. Houve casos em que a espera pela limusine após a cerimônia era de uma hora e meia. Até o colunista **Army Archerd**, do *Variety*, tradicional mestre-de-cerimônias da chegada dos astros, foi visto sapateando de raiva e frustração defronte ao Shrine Auditorium.

● Dentro do Shrine Auditorium, as filas dos banheiros eram intermináveis. A culpa, explicam, era de **David Letterman**. Por causa dele, a temperatura no auditório foi baixada a um mínimo que estimulava a atividade das bexigas.

● O crítico de cinema **Roger Ebert**, alvo de uma das piadinhas de Letterman – sobre a rapidez com que o gorducho crítico comeria uma caixa de chocolates –, teve o máximo de elegância ao replicar: "Ser mencionado nos primeiros minutos do Oscar só pode ser bom", disse. "O peso de **Gene Siskel** (seu parceiro de programa de TV) é perfeito, mas ele sequer foi mencionado, foi?"

● Todo mundo percebeu que **Paul Newman** deixou de ler os nomes dos indicados para o prêmio de Melhor Fotografia, que ele apresentou. Mas ninguém sabia a razão. Até agora: o teleprompter estava desregulado e as falas passavam rápido demais.

● Noite de Oscar também serve para divulgar novos projetos. **Martin Landau** contou que será Gepeto no novo *Pinocchio* dos estúdios Jim Henson e **Dianne Wiest** estará num remake de *A Gaiola das Loucas* ao lado de Robin Williams.

José Emilio Rondeau

Martin Landau: será Gepeto

Eric Roth: roteiro premiado

Dianne Wiest: remake de *A Gaiola das Loucas*

OS PREMIADOS

FILME: *Forrest Gump – O Contador de Histórias*

DIRETOR: Robert Zemeckis, por *Forrest Gump – O Contador de Histórias*

ATOR: Tom Hanks, por *Forrest Gump – O Contador de Histórias*

ATRIZ: Jessica Lange, por *Blue Sky – Céu Azul*

ATOR COADJUVANTE: Martin Landau, por *Ed Wood*

ATRIZ COADJUVANTE: Dianne Wiest, por *Tiros na Broadway*

ROTEIRO ORIGINAL: Quentin Tarantino e Roger Avary, por *Tempo de Violência – Pulp Fiction*

ROTEIRO ADAPTADO: Eric Roth, por *Forrest Gump – O Contador de Histórias*

FOTOGRAFIA: John Toll, por *Lendas da Paixão*

DIREÇÃO DE ARTE E CENÁRIOS: Ken Adan e Carolyn Scott, por *A Loucura do Rei George*

FIGURINO: Lizzy Gardiner e Tim Chappel, por *Priscilla – A Rainha do Deserto*

SOM: Gregg Landaker, Steve Maslow, Bob Beemer e David R.B. MacMillan, por *Velocidade Máxima*

EDIÇÃO: Arthur Schmidt por *Forrest Gump – O Contador de Histórias*

FILME ESTRANGEIRO: *O Sol Enganador*, de Nikita Mikhalkov (Rússia)

MAQUIAGEM: Rick Baker, Ve Neill e Yolanda Toussieng, por *Ed Wood*

EFEITOS ESPECIAIS: Ken Ralston, George Murphy, Stephen Rosenbaum e Allen Hall, por *Forrest Gump – O Contador de Histórias*

EFEITOS SONOROS: Stephen Hunter Flick, por *Velocidade Máxima*

TRILHA SONORA: Hans Zimmer, por *O Rei Leão*

CANÇÃO: "Can You Feel the Love Tonight", de Elton John e Tim Rice para *O Rei Leão*

CURTA-METRAGEM DE ANIMAÇÃO: *Bob's Birthday*, de Alison Snowden e David Fine

CURTA-METRAGEM DE AÇÃO: *Franz Kafka's It's a Wonderful Life*, de Peter Capaldi e Ruth Kenley-Letts, e *Trevor*, de Peggy Rajski e Randy Stone

DOCUMENTÁRIO: *A Great Day in Harlem*, de Jean Bach

DOCUMENTÁRIO DE CURTA-METRAGEM: *A Time for Justice*, de Charles Guggenheim

Fotos LFI

As estatuetas aguardam seus donos

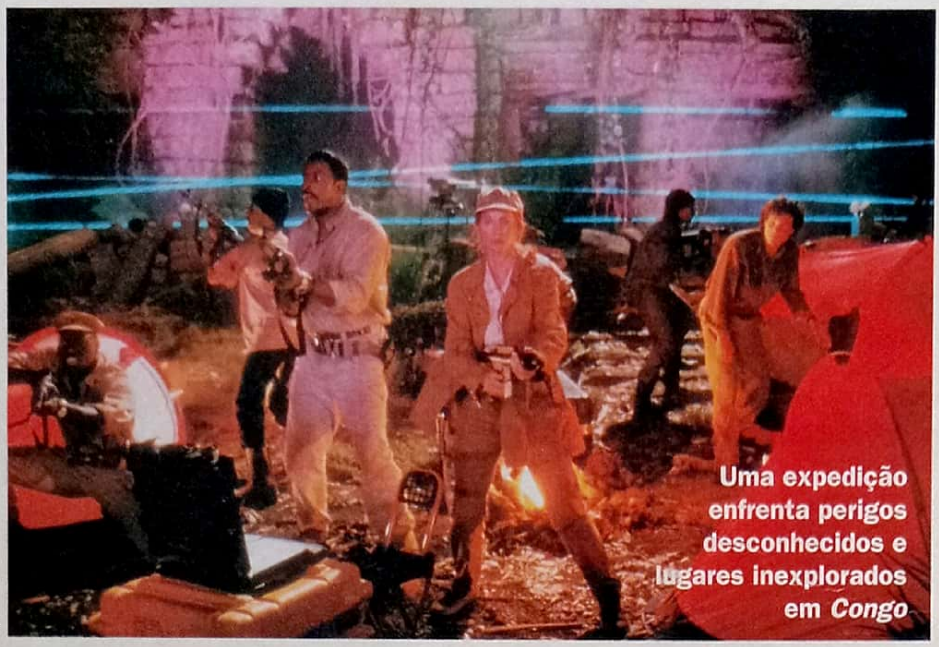
Tom Hanks e a estatueta mais valorizada de todos os tempos

Jamie Lee Curtis: antes de entrar no Shrine Auditorium e depois, toda linda para enfrentar as câmeras

Jessica Lange no camarim, abaixo, e já devidamente premiada

A figurinista Lizzie Gardiner, de *Priscilla*, arrasou com seu vestido de cartões de crédito. Tim Chappel e Sharon Stone dividiram as honras

Espelho, espelho meu: Sally Field dá os últimos retoques



Uma expedição enfrenta perigos desconhecidos e lugares inexplorados em *Congo*

VIP

PRIMEIRAS IMAGENS

MAIS UMA ADAPTAÇÃO DO AUTOR DE *JURASSIC PARK*

O próximo filme do diretor de *Aracnofobia*, **Frank Marshall**, é uma adaptação do best-seller de **Michael Crichton** *Congo*. Crichton já provou que sabe escrever histórias perfeitas para serem transformadas em filmes, vide *Jurassic Park*, superbem aproveitada por Steven Spielberg. Com roteiro do próprio Michael Crichton, esta aventura se passa numa região inexplorada da África, onde uma expedição em busca de um tesouro descobre um lugar em que o ser humano é o alimento e as leis são regidas pelos estranhos habitantes. Estréia noBrasil nas férias de inverno.

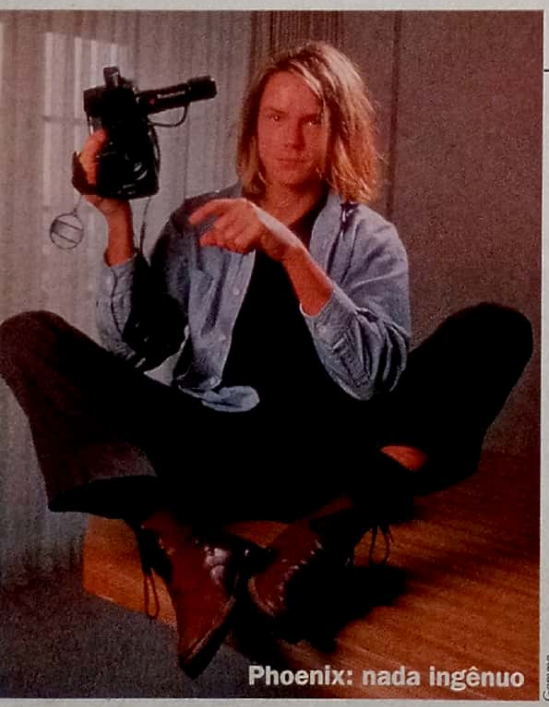
ALICIA SILVERSTONE

"JAMAIS POSAREI NUA"

Aos 18 anos, a ninfeta assassina de *The Crush* – pelo qual foi eleita pelo MTV Movie Awards-94 como revelação e melhor vilã – **Alicia Silverstone** não quer ser conhecida como a *baby face* dos anos 90 e muito menos que os garotos fiquem excitados por ela. Apesar dela ter aparecido em três videoclips do Aerosmith como uma fêmea fatal e de interpretar uma maníaca psicótica em ***Hideaway***, diz que não quer que as pessoas a vejam de uma forma sexual. Para desgosto dos fãs mais libidinosos, a ninfeta jura que não posará nua jamais. Alicia também mostra seus dotes artísticos na produção ***Clueless***, que estréia no verão americano.

Alicia: contra símbolos sexuais

LFI



Phoenix: nada ingênuo

Gamma

RIVER PHOENIX

FINALMENTE SAI SUA BIOGRAFIA

Era inevitável: foi lançada nos Estados Unidos a biografia ***Lost in Hollywood: the Fast Times and Short Life of River Phoenix***, de autoria de **John Glatt**. Ao contrário do que se poderia esperar, esta biografia não mostra o ator (morto em novembro de 1993) como um rapaz despreparado que morreu de overdose por acaso. Segundo Glatt, a vida de Phoenix foi desperdiçada e as pessoas que conviviam com ele não estavam aptas a ajudá-lo. Uma das teorias do autor é a de que River Phoenix não agüentou o peso das responsabilidades, que incluiam cuidar dos pais ex-hippies e dos irmãos mais novos.

SHERILYN FENN

NO PAPEL DE LIZ TAYLOR

Uma das atrizes mais polêmicas da história do cinema pode ganhar uma cinebiografia: para viver **Elizabeth Taylor**, foi convidada a atriz **Sherilyn Fenn**, uma das revelações do seriado *Twin Peaks*, onde interpretou a maluquinha Audrey. Com o título de *Liz: The Elizabeth Taylor Story*, a minissérie de **Lester Persky** quase não foi ao ar porque Liz não queria autorizar a utilização de sua imagem. Mas um júri decidiu que ela não tinha o direito de interferir. Sorte dos telespectadores.

Shills

ISABELLE ADJANI/
DANIEL DAY-LEWIS

Adjani e Day-Lewis: tempo bom não volta mais!

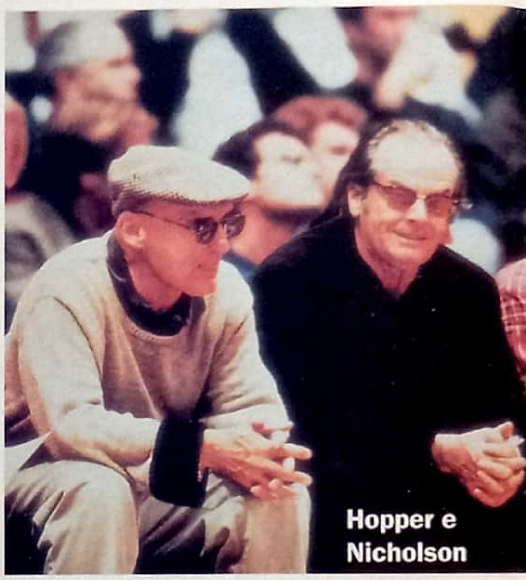
O FIM DE UM ROMANCE POR FAX

Sem dúvida, **Isabelle Adjani** (39 anos) e **Daniel Day-Lewis** (37 anos) formavam um dos casais mais bonitos do cinema. E quando o tablóide francês *Voici* publicou que Isabelle estava grávida de Daniel, todo mundo já começou a imaginar como esta criança seria linda. O triste desta história é que Isabelle comunicou a Daniel que ele seria pai através de um recado por fax. Em resposta, o ator inglês terminou o romance com a mesma moeda: via fax.

VIDA BOA

NICHOLSON E HOPPER NO BASQUETE

Gente famosa também se diverte. É o que fizeram **Jack Nicholson** e **Dennis Hopper** em fevereiro último. Fãs dos **Lakers**, foram ao estádio juntos prestigiar a vitória de um dos maiores times de basquete dos Estados Unidos.



Stills

Hopper e Nicholson

CABELO CHANEL

Louise Brooks lançou a moda do cabelo chanel em 1929 quando estrelou *A Caixa de Pandora*. De lá para cá, as atrizes adotaram o look. A última a aderir ao visual foi **Uma Thurman** em *Tempo de Violência – Pulp Fiction*

Paramount

Louise Brooks – *A Caixa de Pandora* (1929)

Globo Video

Brigitte Bardot – *O Desprezo* (1963)

KIPA

Juliette Binoche – *Sangue Ruim* (1986)

Columbia Tristar

Melanie Griffith – *Totalmente Selvagem* (1986)

Look

Miranda Richardson – *Traídos pelo Desejo* (1992)

Filmes do Estação

Lara Flynn Boyle – *Equinox* (1993)

Columbia Tristar

Natalie Portman – *O Profissional* (1994)

Columbia Buena Vista

Uma Thurman – *Tempo de Violência – Pulp Fiction* (1994)

LEW, LARA PROPEG

Nós gastamos milhões de dólares para ajudar o homem a ir a lugar nenhum um pouco mais rápido.

adidas
the brand with the three stripes

LEXICON

Conexão L.A.

José Emilio Rondeau

UIP

★

Quem viu Kevin Costner em pessoa recentemente notou que ele está ficando calvo mais rápido do que convém a um galã de cinema. Mas o cabelo ralo não será tão evidente nos pôsteres de divulgação do novo filme de Kevin, *Waterworld*. Costner ordenou que a arte dos pôsteres fosse retocada para que ele aparecesse com uma verdadeira juba loura.

★

Trezentos mil dólares é o prejuízo causado pelo incêndio na casa de praia de Jeffrey Katzemberg (um terço do novo estúdio Dreamworks) em Malibu. Pior para os credores. Como Jeffrey não tem o lastro de seus parceiros multimilionários Steven Spielberg e David Geffen, sua participação na firma é ancorada apenas em seu patrimônio imobiliário pessoal. Depois do incêndio, esse patrimônio encolheu consideravelmente.

Ao revelar que trocou a esposa dos últimos 26 anos por um jovem executivo do mundo da moda, o editor Jann Wenner, dono do império *Rolling Stone*, não foi o único a assumir publicamente suas preferências sexuais. Chastity, filha de Cher com o músico Greg Allman, diz numa entrevista publicada na revista *Advocate* que é lésbica.

Mick Jagger não desistiu de tentar carreira como ator de cinema: ele apenas decidiu assumir uma posição de maior vantagem na indústria. Ator fraco – de seus filmes, apenas *Performance*, de 1970, recebeu elogios da crítica; os demais nem chegaram perto disso – , o rolling stone acaba de formar uma nova produtora junto com Steve Tisch, recém-premiado com o Oscar de Melhor Filme por *Forrest Gump*. A nova empresa foi batizada Lip Service, uma brincadeira com os famosos lábios do cantor.

★

Winston Groom, autor do livro em que se baseou o filme *Forrest Gump*, disse ao jornal *Mobile Press-Register* que já está escrevendo uma continuação. Segundo ele, o novo livro terminaria com Forrest Pai e Forrest Filho viajando para Los Angeles, onde participariam da festa de entrega do Oscar.

Retna

★

Quem leu o script garante que na cinebio de Richard Nixon que está preparando, com Anthony Hopkins no papel principal, Oliver Stone formula mais uma teoria complicada, desta vez colocando o dedo de Nixon no assassinato de John Fitzgerald Kennedy. Segundo a teoria, Kennedy teria sido morto por um grupo egresso da força paramilitar montada por Nixon anos antes, com vistas a um atentado contra a vida de Fidel Castro. O atentado contra o ditador cubano jamais se materializou, e os comandados de Nixon, excessivamente entusiasmados, miraram em Kennedy.

★

Americano é preguiçoso de montão! A velha história de que os filmes estrangeiros não duram muito tempo nas telas dos Estados Unidos porque o público tem preguiça de ler legendas é a pura verdade. Tanto que os produtores do filme francês *Os Visitantes* – sobre um par de maluquetes do século 18 transportados para os dias de hoje – , premiado com um César em seu país de origem, só será lançado no mercado americano em versão dublada em inglês. A supervisão da tradução ficou a cargo de Mel Brooks.

GAME OVER.
MALONE
21
Jeff Malone
Atleta NBA
OLYMPIKUS

RÁPIDA E MORTAL

Vestida Para Matar

Na incursão do diretor Sam Raimi ao gênero western-spaghetti, Sharon Stone esconde seus dotes físicos e duela com a escória humana

Por José Emílio Rondeau, de Los Angeles

Fotos Columbia TriStar

Um filme com Sharon Stone sem cenas de sexo, sequer de nudez? Talvez a proposta soe mais improvável do que se imaginar Mick Jagger cantando lundus. Mas é exatamente o que se tem em *Rápida e Mortal*, o western-spaghetti dirigido por Sam Raimi, o maluquete por detrás da série de filmes B de terror *Evil Dead*. E por que não? Talvez a decisão tenha bastante a ver com o fato de que um dos produtores do filme – e, portanto, uma das pessoas com mais poder de decisão – chama-se Sharon Stone.

"Sharon Stone nua é algo que já se viu antes", diz Raimi, com seu jeito de garotão, enquanto toma pequenos goles de chá de hortelã num quarto de hotel em Beverly Hills. "Queríamos fazer um filme que mostrasse o western e Sharon sob um ângulo diferente. Fizemos esse filme para pessoas que queriam ver algo verdadeiramente diferente. Não faria sentido algum realizar um western como qualquer outro, ou apenas fazer mais um filme de Sharon Stone como qualquer outro, onde o foco central seriam as cenas de sexo. Cenas assim já foram muito bem feitas em outros filmes, como *Instinto Selvagem* e *O Especialista*. Acho que Sharon foi muito esperta ao optar por outro caminho."

Sam revela que o estúdio (a TriStar) "bem que quis uma cena de sexo no filme. E até faria sentido um abraço apaixonado entre Sharon e Russel Crowe (o ex-pistoleiro convertido à religião, cuja presença no filme cria uma tensão sexual com a protagonista) na noite que antecede o grande duelo entre os dois. E, na verdade, até filmamos uma cena parecida com isso, mas deixei-a de fora por não achar que ela ajudasse a contar a história".

Nascido em 1959, Sam Raimi era jovem demais "para assistir no cinema os grandes faroestes dos anos 50 e 60, tanto que só fui me interessar por westerns quando vi os filmes de Sergio Leone na TV, anos mais tarde. Sergio era muito interessante, porque ele pegava o western tradicional e exagerava tudo cerca de 20%. Por mais sério que ele fosse, tinha momentos em que Leone passava da conta – e eu adorava quando isso acontecia, porque às vezes era muito engraçado!" Segundo Raimi, o roteirista Simon escreveu o script de *Rápida e Mortal* numa espécie de homenagem aos filmes de Sergio Leone. Curiosamente, boa parte do guarda-roupa usado pelo elenco secundário e pelos extras saiu de baús guardados em Roma: são vestimentas usadas antes nos longas de Leone.

Em termos visuais, Sam escolheu para *Rápida e Mortal* uma rota artística estilosa – dificilmente se viu um faroeste com ângu-

RÁPIDA E MORTAL

Acima, seqüência de tomadas do último duelo de Sharon no filme. Ela literalmente incendeia a cidade

los de câmera mais elaborados – , cheia de senso de humor (como nos filmes de terror do diretor) e, por vezes, surrealista: ao término de um duelo, um raio de sol passa através do furo deixado pela bala no crânio do pistoleiro vencido. "O desafio foi tentar criar um filme com um visual tão dramático e sensacional quanto a história que Simon havia escrito", diz Raimi. "E divertir o público, proporcionando a ele a chance de dar uma risada ou duas."

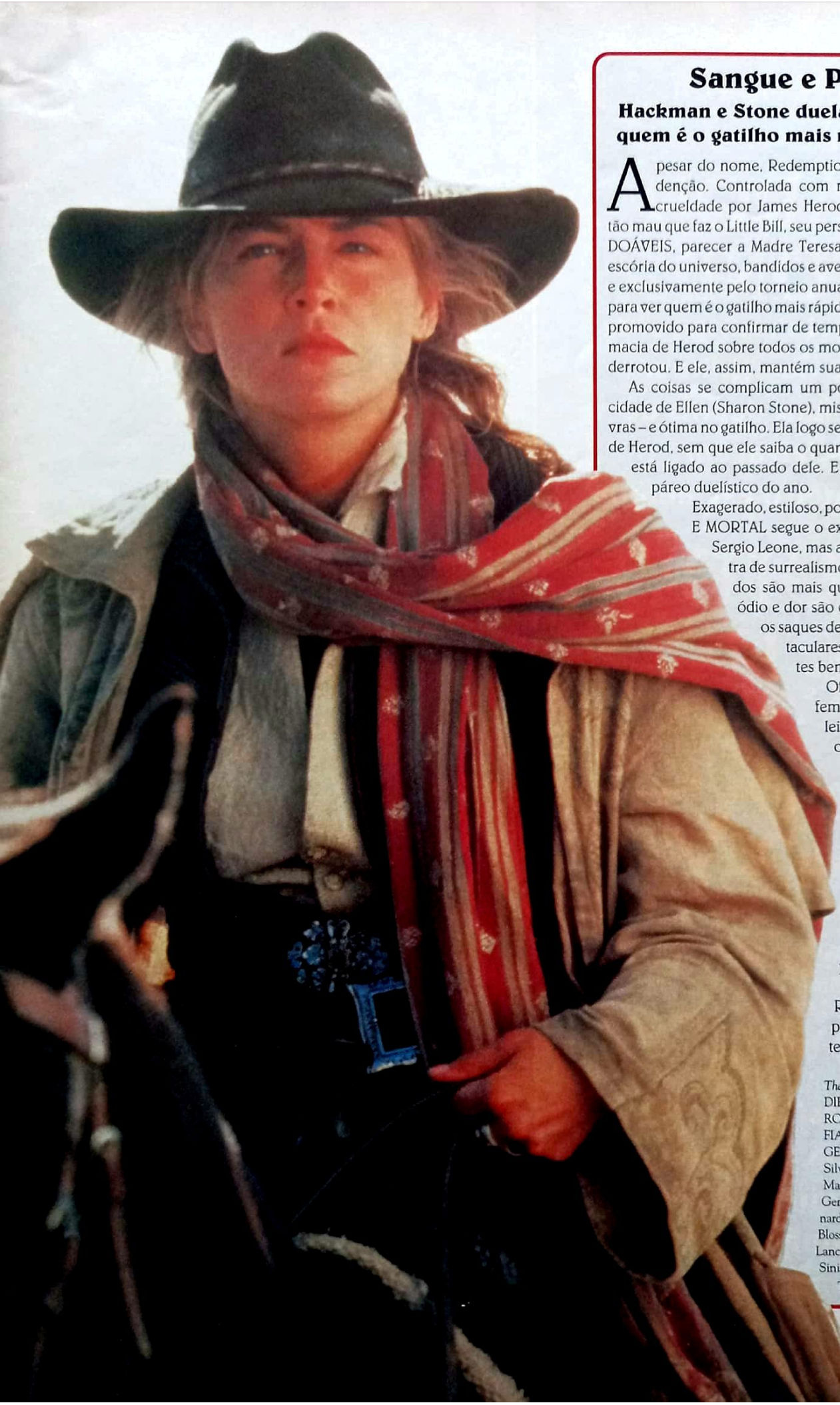
Trabalhar com Sharon "me intimidou muito, no começo. Primeiro, porque ela era minha chefe – ela tinha me chamado para trabalhar no filme. Mas na medida em que começamos a trabalhar, ela mostrou que estava deixando que eu, como diretor, fosse o chefe. Por outro lado, quando ela discordava completamente de mim, ela exercia o papel de produtora. O que é muito inteligente para um artista da estatura dela fazer, pois assim ela se protege. Felizmente, para mim, ela é muito esperta. Na hora em que eu quis escolher um determinado diretor de fotografia para trabalhar conosco nesse filme, ela disse que achava que eu conseguiria encontrar alguém profissionalmente melhor que aquele. E ela estava certa: conseguimos um diretor de fotografia melhor. Foi bom, porque eu precisei me elevar ao nível de excelência dela".

Os pontos altos de *The Quick and the Dead – comme il faut*, já que o próprio título do filme se refere à diferença entre os pistoleiros que sacam rápido e aqueles que não, e morrem – são os duelos. Para oferecer ao público o máximo de variedade ao longo de meia dúzia de duelos, Sam convocou o consultor Thell Reed, considerado o gatilho mais rápido dos Estados Unidos. Isso foi necessário "para criar um visual diferente para cada saque de revólver, para cada disparo. E para ter certeza de que cada personagem passaria para o público a idéia de que conhecia muito bem sua respectiva arma. Se estes eram para ser os melhores gatilhos do Oeste, então cada um precisava ter um estilo muito próprio, muito específico". E quais atores adquiriram com maior rapidez essa intimidade com o revólver? "Hackman", responde Raimi, sem pestanejar. "Ele é um matador."

No sentido horário: DiCaprio no papel de Kid; Crowe como o ex-pistoleiro que se apaixona por Sharon; o diretor Sam Raimi no set de *Rápida e Mortal*

"Cenas de sexo já foram muito bem feitas em outros filmes, como *Instinto Selvagem* e *O Especialista*. Acho que Sharon foi muito esperta ao optar por outro caminho"

• SAM RAIMI •



Sangue e Poeira

Hackman e Stone duelam para provar quem é o gatilho mais rápido do Oeste

Apesar do nome, Redemption é uma cidade sem redenção. Controlada com requintes de sadismo e crueldade por James Herod (Gene Hackman, aqui tão mau que faz o Little Bill, seu personagem em OS IMPERDOÁVEIS, parecer a Madre Teresa), Redemption abriga a escória do universo, bandidos e aventureiros atraídos única e exclusivamente pelo torneio anual promovido por Herod para ver quem é o gatilho mais rápido do Oeste. Ou, melhor, promovido para confirmar de tempos em tempos a supremacia de Herod sobre todos os mortais: nunca, ninguém o derrotou. E ele, assim, mantém sua fama de mau.

As coisas se complicam um pouco com a chegada à cidade de Ellen (Sharon Stone), misteriosa, de poucas palavras – e ótima no gatilho. Ela logo se torna alvo das atenções de Herod, sem que ele saiba o quanto o aparecimento dela está ligado ao passado dele. E Ellen vira o azarão do páreo duelístico do ano.

Exagerado, estiloso, por vezes cômico, RÁPIDA E MORTAL segue o exemplo dos clássicos de Sergio Leone, mas acrescenta uma dose extra de surrealismo e de excesso: os bandidos são mais que maus; os esgares de ódio e dor são especialmente afetados; os saques de revólver são mais espetaculares que de costume; as mortes bem mais dramáticas.

Oferecendo a contraparte feminina do mesmo pistoleiro solitário que habitava os filmes de Clint Eastwood, Sharon Stone está à vontade. Por outro lado, Leonardo DiCaprio está mais perdido que cego em tiroteio, no papel de Kid, o filho de Herod que herdou os talentos de pistoleiro do pai sem jamais conseguir impressioná-lo.

Na pior das hipóteses, RÁPIDA E MORTAL vale pelos duelos propriamente ditos.

J.E.R.

The Quick and the Dead, EUA, 1995 ■ DIREÇÃO: Sam Raimi ■ ROTEIRO: Simon Moore ■ FOTOGRAFIA: Dante Spinotti ■ MONTAGEM: Pietro Scalia ■ MÚSICA: Alan Silvestri ■ FIGURINO: Judianna Makovsky ■ Com Sharon Stone, Gene Hackman, Russell Crowe, Leonardo DiCaprio, Tobin Bell, Roberts Blossom, Kevin Conway, Keith David, Lance Henriksen, Pat Hingle, Gary Sinise ■ DISTRIBUIÇÃO: Columbia TriStar ■ DURAÇÃO: 105 min.

RÁPIDA E MORTAL

SHARON STONE

A atriz ouviu muita gente dizer que não tinha *sex appeal*. Mas, depois de *Instinto Selvagem*, o mundo inteiro exclamou:

"Como Ela É Sexy!"

E agora, vestida dos pés à cabeça, ela quer provar que é muito mais que apenas uma loira fatal

Muitas pessoas ficaram desapontadas com o filme *Rápida e Mortal* porque esperavam vê-la nua numa cena de sexo. Mas, ao contrário, você aparece vestida o filme inteiro!

Espera aí (*risos*)! Eu achava que, mesmo estando vestida, as cenas quentes funcionassem bem (*risos*)! Falando sério, todos sabem que esse negócio de sexo e sexualidade não significa ficar nu o tempo todo, nem quer dizer que é necessário ver duas pessoas transando. Um olhar, uma palavra, tudo isso é tão mais forte. Quando você se lembra de seu amante, não é porque a bunda dele estava em pleno ar (*risos*); mas, por algum olhar ou por algo que disse, ou por causa de algum momento especial.

Você fica incomodada com a pressão de ter sempre que aparecer nua num filme?

Fiquei presa na situação de "é ela; podem começar a despi-la; vamos lá" (*risos*). Não faz o menor sentido discutir isso, e acho que um filme pode ser sexy sem que haja cenas de nudez. Além disso, o fato de que alguém, algum dia, se importou em me ver nua e me achou sexy é algo que até hoje me espanta (*risos*). Porque antes de *Instinto Selvagem*, que iniciou todo esse falatório, nunca ninguém me achou sexy. Aliás, meu empresário, Chuck Bender, repetidas vezes ouviu as pessoas reclamarem que eu não era bastante sexy! E, depois de *Instinto Selvagem*, as pessoas de repente pensaram: "como ela é sexy!"

E você não se considerava sexy?

Toda vez que eu entrava numa festa e via os homens prestando atenção numa mulher de vestidinho preto, cheia de batom, cabelo todo para cima, e todos eles achando que ela era a coisa mais sexy do mundo, eu me sentia um nada, uma otária. Mas, ao mesmo tempo, se usasse aquela parafernália toda eu me sentiria uma estúpida. Todo esse conflito, em relação à minha sexualidade e de como ser notada por isso sem precisar me transformar naquela "coisa" que não combinava comigo, terminou quando trabalhei com Paul Verhoeven (*diretor de* Instinto Selvagem). Virou uma coisa simples e fácil. Ele permitiu que eu me vestisse como me sentisse melhor: "Não quer muita maquiagem? Tudo bem. Não quer um penteado elaborado? Tudo bem". Foi um alívio para mim! Depois, quando as pessoas vieram me dizer que tinham achado o filme sexy, aquilo me desconcertou; meu personagem era uma sociopata que utilizava o sexo como um instrumento de poder. Me surpreendeu muito ver como as pessoas achavam aquilo sexy. Com o passar do tempo, quando viram que eu tinha dado certo, todo mundo queria mais um filme igual àquele. Mas, por não ser um objeto sem vida própria, é impossível para mim, se eu quiser crescer como pessoa e como atriz, continuar fazendo sempre isso.

Quer dizer que nunca mais fará um filme como *Instinto Selvagem*?

Esse tipo de coisa não me preocupa mais. Me interessa, sim, investigar um personagem tentando encarar a si mesmo e a seus medos, sendo corajoso em situações aterrorizantes, como é meu

“Fiz um teste para ser uma freira em *Agnes de Deus*. Me testaram duas ou três vezes. No final, concluíram que eu tinha a insanidade para o papel, mas não a pureza”

personagem em *Rápida e Mortal*. Cada filme deve ser como uma nova possibilidade. Batalhei muito para ter a chance de escolher papéis diferentes; e agora que eu posso, quero experimentar todos.

No início, o trabalho com Paul Verhoeven foi uma bênção. Essa bênção teria virado uma maldição?

No começo, passear na rua ou ir a uma festa... e de repente, sou sexy (*ela estala os dedos e pisca um dos olhos*)! Hei! Gostei disso (*risos*)! Não sou mais tão jovem assim. E as pessoas me perguntavam: “mas você não tem medo de te acharem uma boba?” E eu: “não, eu já vivi muito antes de ter chegado a esse ponto, então me deixem curtir um pouco”. Mas chegou uma hora em que começou a ficar estranho, porque parecia que era um estigma que não iria embora. Como não me aproveitei da situação artisticamente e procurei fazer papéis diferentes, a coisa parece estar mudando.

Convenhamos, seu personagem Ginger em *Casino* (*o novo filme de Martin Scorsese, onde faz a namorada de Robert DeNiro*) não é de uma freira, é?

É verdade. Não é. Você sabia que eu fiz um teste para ser uma freira em *Agnes de Deus*? Me testaram duas ou três vezes. No final, concluíram que eu tinha a insanidade para o papel, mas não a pureza (*risos*). Tem coisas que você não consegue representar.

Você concorda com os que dizem que Hollywood explora e menospreza as mulheres?

Entendo o que você está dizendo, mas não acho que seja por malícia, mas talvez por irresponsabilidade. Além disso, não são só as mulheres que são exploradas. Os homens também vêm sendo brutalizados. A diferença é que as mulheres podem estar sendo mais exploradas em determinado nível porque os homens reagem mais a estímulos visuais. Por isso há tanta exploração visual de homens visando as mulheres, porque nós não gostamos tanto como os homens de assistir a filmes pornô, ou de vê-los com a genitália na mão. Não é isso que nos liga. Os homens estão sendo explorados porque querem vender sempre a imagem do homem forte, poderoso e bem-sucedido nos negócios. Estou me sentindo a maior tola de estar me abrindo dessa maneira. Mas eu me ressinto dessa situação. Eu tenho um certo grau de sucesso comercial e um certo grau de poder. E se eu namoro um homem que não... sei lá, que não é Howard Hughes... (*ela imita um* maître *puxa-saco*) “oh, Sra. Stone, que prazer imenso vê-la aqui... (*o* maître *fica esnobe*) e o senhor é quem?” Entendeu? O cara é diminuído.

Não é fácil ser o namorado de Sharon Stone?

Meu namorado sabe que esse tipo de coisa me enfurece, que quando a gente sai para jantar, ele faz a reserva no nome dele e quando a gente chega no restaurante (*ela faz o gesto de um queixo caindo e imita o garçom esnobe mais uma vez*), eu me sinto muito mal. Me sinto desrespeitada. E não gosto. No começo, meu namorado se sentia invisível e não sabia o que fazer. Mas agora ele entendeu que o problema não é nosso, é das outras pessoas.

Madonna disse certa vez que prefere namorar homens mais jovens porque não se sentem tão intimidados quanto os mais velhos.

Homens, digamos, uma década mais jovens que eu, em geral foram criados por mulheres feministas ou do pós-feminismo, que trabalhavam fora, ou cujos maridos estavam no Vietnã. Isso nos Estados Unidos. Na minha geração isso não ocorreu muito. E acho que a geração da Madonna é a mesma que a minha!

Angeli

RÁPIDA E MORTAL

LEONARDO DICAPRIO

O Rugido de Leo

Indicado para o Oscar de ator coadjuvante no ano passado por *Gilbert Grape*, o jovem ator conquistou diretores, espectadores e a proteção de Sharon Stone

O que Sharon Stone viu neste rapaz de 20 anos, alto e magro (1,83m de altura para 63 kg), que se veste com jeans rasgados, camisetas esgarçadas e cabelos despenteados? Provavelmente a mesma coisa que aqueles que assistiram aos dois primeiros filmes de Leonardo DiCaprio, *Despertar de um Homem* e *Gilbert Grape – Aprendiz de Sonhador* (pelo qual foi indicado ao Oscar de ator coadjuvante): um jovem ator com incrível potencial dramático.

Por isso, Sharon Stone virou um tipo de fã número 1 de Leonardo DiCaprio. Tanto que doou US$ 150 mil de seu cachê para que Sam Raimi pudesse contratá-lo para o papel de Kid, o filho de Gene Hackman, em *Rápida e Mortal*. Além disso, Sharon andou proclamando para a imprensa americana que "Leo é um tipo raro de uma flor delicada" e que ele "é um gênio profissionalmente e pessoalmente. Sem dúvida, Leo será um dos melhores astros que veremos em décadas". Apesar da rasgação de seda, a própria atriz foi maldosa ao dizer que beijá-lo em *Rápida e Mortal* foi como beijar seu próprio braço.

Aumentando o coro dos fãs, há ainda Lorraine Bracco (que faz sua mãe em *Basketball Diaries*, onde DiCaprio interpreta um adolescente dividido entre o basquete, poesia e heroína, com estréia prevista no Brasil para junho) que declarou que ele "é tão vulnerável quanto qualquer flor que Deus criou"; e o roteirista de *Louca Obsessão*, William Goldman, suspirou ao relembrar os filmes de 1993: "Por favor, nunca deixem alguma coisa ruim acontecer a Leonardo DiCaprio".

"Leo é um tipo raro de uma flor delicada. Ele é um gênio profissionalmente e pessoalmente. Sem dúvida, Leo será um dos melhores astros que veremos em décadas"

• SHARON STONE •

E não é para menos que as pessoas se apaixonam por Leonardo DiCaprio: sua personalidade marcante é resultado do apredizado com alguns "professores" *sui generis*. Na infância, conviveu com nomes peso-pesados da contracultura, como o poeta etílico Charles Bukowski – que era vizinho da família – e as lendas dos quadrinhos *underground* Harvey Pekar e Robert Crumb. Estes dois últimos ele conheceu porque seu pai, George, distribuía, no meio dos anos 70, histórias em quadrinhos e literatura beatnik em livrarias, arranjando inclusive sessões de leitura para os papas William Burroughs e Allen Ginsberg. Além disso, seu pai faz questão de frisar que Leonardo nunca foi excluído das conversas sobre sexo e drogas.

É lógico que essas experiências fizeram a cabeça de DiCaprio. Para se ter uma idéia, aos 9 anos teve problemas na escola porque desenhava suásticas na testa e imitava Charles Manson (o assassino de Sharon Tate, ex-mulher de Roman Polanski).

Para quem começou a atuar aos 16 anos na telessérie *Growing Pains* e entrou para o cinema com *Critters III*, até que a carreira está deslanchando muito bem. Seus próximos trabalhos têm tudo a ver com sua personalidade perfeita para papéis trágicos e perversos. Em *Total Eclipse*, adaptação cinematográfica de Agnieszka Holland para a peça de Christopher Hampton, DiCaprio interpretará o poeta maldito Rimbaud. Mas seu trabalho mais esperado sem dúvida é a cinebiografia de James Dean, que o estúdio Warner Bros. quer realizar para comemorar os 30 anos da morte de um dos maiores mitos de Hollywood.

Deborah Peleias

GENE HACKMAN

Monstro Consagrado

Para causar medo em alguém como Sharon Stone, só Gene Hackman

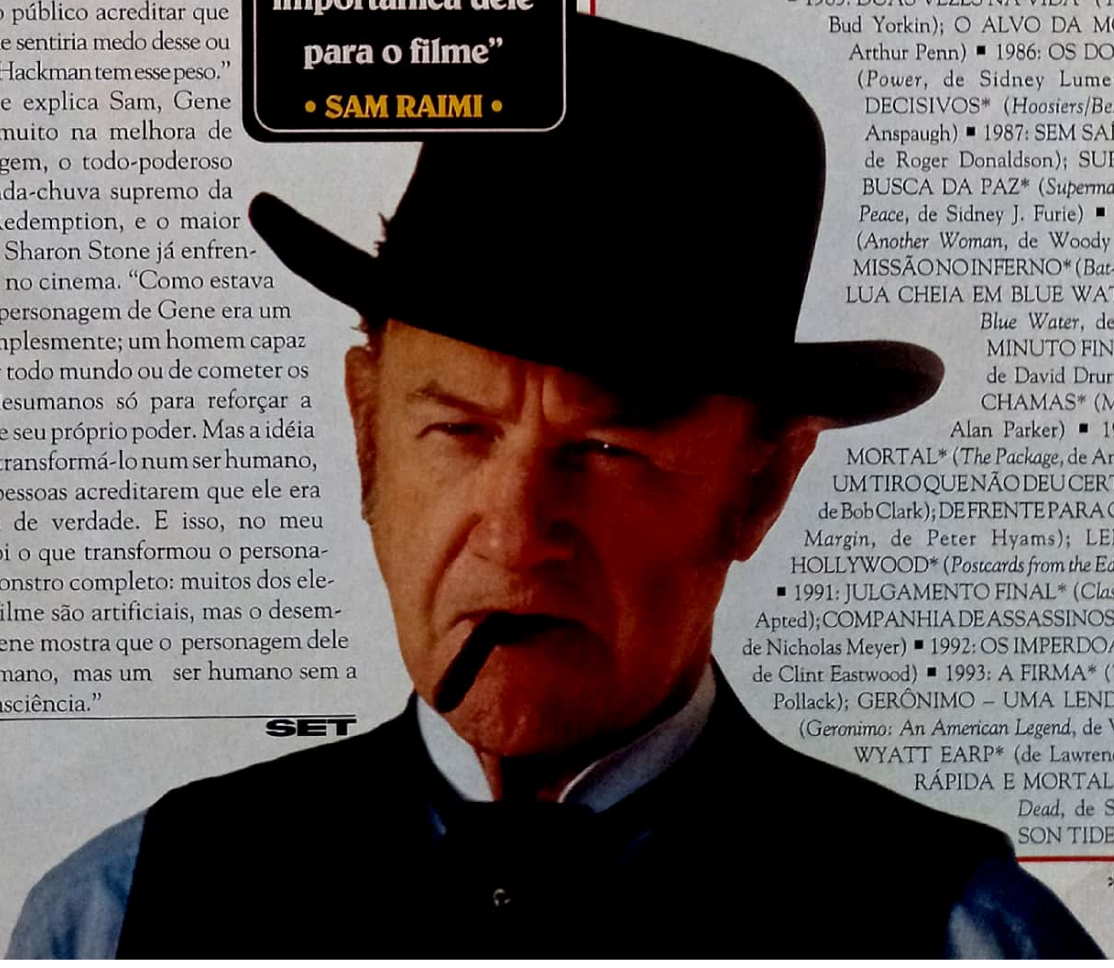
Gene Hackman é um dos nomes mais respeitados atualmente na indústria cinematográfica. Que o diga Clint Eastwood, que não largou de seu pé até que ele dissesse "sim" para trabalhar em *Os Imperdoáveis*. O fato é que Gene Hackman dá credibilidade à qualquer produção.

Se Sam Raimi sentiu uma certa apreensão por ser chefiado por Sharon Stone, estava se borrando de medo de ter que dirigir Gene Hackman. "Eu devia ter uns 12, 13 anos quando vi *Operação França*", lembra o diretor. "E só a idéia de me encontrar pessoalmente com ele era algo que me apavorava. Mas eu conhecia a força de sua presença e a importância dele para o filme."

"A idéia de me encontrar com Gene era algo que me apavorava. Mas eu sabia a importânica dele para o filme"
• SAM RAIMI •

Para causar medo a alguém como Sharon Stone, segundo Sam, "tinha que ser alguém com mais peso, tinha que ser Hackman. Teria sido muito difícil fazer o público acreditar que Sharon Stone sentiria medo desse ou daquele ator. Hackman tem esse peso."

Conforme explica Sam, Gene contribuiu muito na melhora de seu personagem, o todo-poderoso Herod, manda-chuva supremo da cidade de Redemption, e o maior inimigo que Sharon Stone já enfrentou até hoje no cinema. "Como estava no script, o personagem de Gene era um monstro, simplesmente; um homem capaz de humilhar todo mundo ou de cometer os atos mais desumanos só para reforçar a percepção de seu próprio poder. Mas a idéia de Gene foi transformá-lo num ser humano, foi fazer as pessoas acreditarem que ele era um homem de verdade. E isso, no meu entender, foi o que transformou o personagem num monstro completo: muitos dos elementos do filme são artificiais, mas o desempenho de Gene mostra que o personagem dele é um ser humano, mas um ser humano sem a mínima consciência."



OS FILMES DO ATOR

Eugene Alden Hackman nasceu a 30 de janeiro de 1931 em San Bernardino, Califórnia, EUA.

1961: MAD DOG COLL (de Burt Balaban) ■ 1964: LILITH (de Robert Rossen) ■ 1966: HAVAÍ (*Hawaii*, de George Roy Hill) ■ 1967: TIRADO DOS BRAÇOS DA MORTE (*A Covenant with Death*, de Lamont Johnson); BANNING (de Ron Winston); FIRST TO FIGHT (de Christian Nyby); UMA RAJADA DE BALAS* (*Bonnie and Clyde*, de Arthur Penn) ■ 1968: THE SPLIT (de Gordon Flemyng); SOMBRAS SOBRE A TERRA (*Shadow on the Land*, de Richard C. Sarafian, para a TV) ■ 1969: OS AMOTINADOS DO PRESÍDIO (*Riot*, de Buzz Kulik); OS AMANTES DO PERIGO* (*Downhill Racer*, de Michael Ritchie); OS PARAQUEDISTAS ESTÃO CHEGANDO (*The Gypsy Moths*, de John Frankenheimer); SEM RUMO NO ESPAÇO (*Marooned*, de John Sturges) ■ 1970: MEU PAI, UM ESTRANHO (*I Never Sang for My Father*, de Gilbert Cates) ■ 1971: DOCTOR'S WIVES (de George Schaefer); THE HUNTING PARTY (de Don Medford); OPERAÇÃO FRANÇA* (*French Connection*, de William Friedkin) ■ 1972: CISCO PIKE (de B. W. L. Norton); A MARCA DA BRUTALIDADE* (*Prime Cut*, de Michael Ritchie); O DESTINO DO POSEIDON (*The Poseidon Adventure*, de Ronald Neame) ■ 1973: ESPANTALHO* (*Scarecrow*, de Jerry Schatzberg) ■ 1974: A CONVERSAÇÃO* (*The Conversation*, de Francis Ford Coppola); HANNAH – A ESPOSA COMPRADA* (*Zandy's Bride/For Better, for Worse*, de Jan Troell); O JOVEM FRANKENSTEIN* (*Young Frankenstein*, de Mel Brooks) ■ 1975: OPERAÇÃO FRANÇA 2* (*French Connection 2*, de John Frankenheimer); O RISCO DE UMA DECISÃO (*Bite the Bullet*, de Richard Brooks); UM LANCE NO ESCURO* (*Night Moves*, de Arthur Penn); OS AVENTUREIROS DO LUCKY LADY/OS CONTRABANDISTAS* (*Lucky Lady*, de Stanley Donen) ■ 1977: AS PEDRAS DO DOMINÓ* (*Domino Principle*, de Stanley Kramer); MARCHA OU MORRE (*March or Die*, de Dick Richards); UMA PONTE LONGE DEMAIS* (*A Bridge too Far*, de Richard Attenborough) ■ 1978: SUPERMAN – O FILME* (*Superman – The Movie*, de Richard Donner) ■ 1980: SUPERMAN 2* (de Richard Lester) ■ 1981: ALL NIGHT LONG (de Jean-Claude Tramont); REDS* (de Warren Beatty); EUREKA (de Nicolas Roeg, lançado em 1985) ■ 1983: SOB FOGO CERRADO* (*Under Fire*, de Roger Spottiswoode); DE VOLTA PARA O INFERNO* (*Uncommon Valor*, de Ted Kotcheff); EMBALOS A DOIS (*Two of a Kind*, de John Herzfeld, apenas voz) ■ 1984: MEU FILHO, MEU FILHO* (*Misunderstood*, de Jerry Schatzberg) ■ 1985: DUAS VEZES NA VIDA* (*Twice in a Lifetime*, de Bud Yorkin); O ALVO DA MORTE* (*Target*, de Arthur Penn) ■ 1986: OS DONOS DO PODER* (*Power*, de Sidney Lumet); MOMENTOS DECISIVOS* (*Hoosiers/Best Shots*, de David Anspaugh) ■ 1987: SEM SAÍDA* (*No Way Out*, de Roger Donaldson); SUPERMAN 4 – EM BUSCA DA PAZ* (*Superman 4 – The Quest for Peace*, de Sidney J. Furie) ■ 1988: A OUTRA* (*Another Woman*, de Woody Allen); BAT-21 – MISSÃO NO INFERNO* (*Bat-21*, de Peter Markle); LUA CHEIA EM BLUE WATER* (*Full Moon in Blue Water*, de Peter Masterson); MINUTO FINAL* (*Split Decisions*, de David Drury); MISSISSÍPI EM CHAMAS* (*Mississippi Burning*, de Alan Parker) ■ 1989: A ENTREGA MORTAL* (*The Package*, de Andrew Davis) ■ 1990: UM TIRO QUE NÃO DEU CERTO* (*Loose Cannons*, de Bob Clark); DE FRENTE PARA O PERIGO* (*Narrow Margin*, de Peter Hyams); LEMBRANÇAS DE HOLLYWOOD* (*Postcards from the Edge*, de Mike Nichols) ■ 1991: JULGAMENTO FINAL* (*Class Action*, de Michael Apted); COMPANHIA DE ASSASSINOS* (*Company Business*, de Nicholas Meyer) ■ 1992: OS IMPERDOÁVEIS* (*Unforgiven*, de Clint Eastwood) ■ 1993: A FIRMA* (*The Firm*, de Sydney Pollack); GERÔNIMO – UMA LENDA AMERICANA* (*Geronimo: An American Legend*, de Walter Hill) ■ 1994: WYATT EARP* (de Lawrence Kasdan) ■ 1995: RÁPIDA E MORTAL (*The Quick and the Dead*, de Sam Raimi); CRIMSON TIDE (de Tony Scott)

** disponível em vídeo*

CENAS DA VIDA

OS ATORES PREFEREM AS TOP MODELS

Há muito tempo a beleza das modelos vem encantando os astros do cinema, que passeiam com suas belas pelas passarelas da fama. Veja só alguns exemplos

Gary Oldman e Isabella Rossellini
A garota da Lancôme começou a namorar Oldman nas filmagens de *Minha Amada Imortal.*

O VAMPIRO E A GAROTA LANCÔME

Mick Jagger e Jerry Hall
O cantor/ator Mick Jagger (*FreeJack*) primeiro se casou com a modelo nicaragüense Bianca Jagger e desde 1977 está casadíssimo com Jerry Hall.

O PRECURSOR

JURA DE AMOR ETERNO

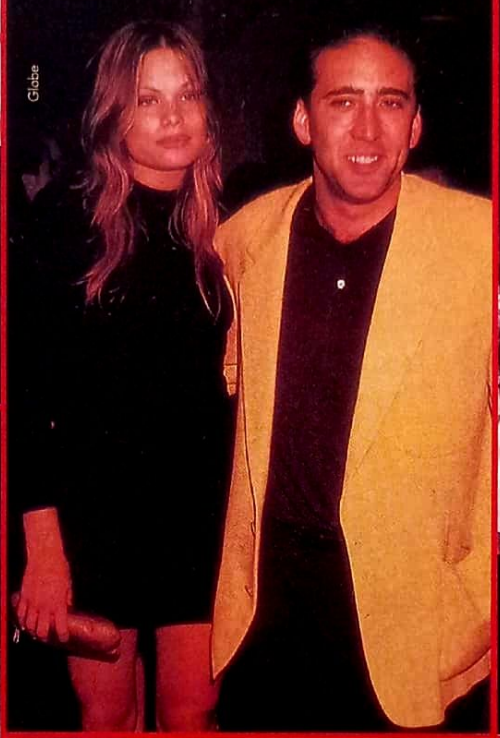
Johnny Depp e Kate Moss

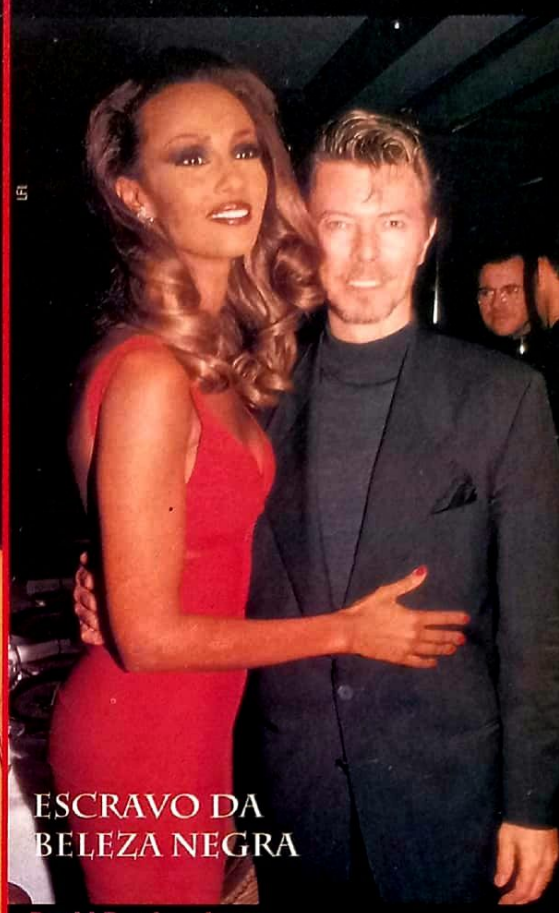
Kate Moss (modelo, entre outras marcas, da Calvin Klein) é a preferida de Depp desde fevereiro de 1994, apesar da tatuagem jurando amor eterno a Winona Ryder.

ATRAÍDOS PELO DESTINO

Nicolas Cage e Kristen Zang

Cage conheceu a bela de 21 anos numa festa em Hollywood. Ela foi considerada uma das revelações da última temporada de desfiles. Pode ser vista nos anúncios do jeans americano Request.





ESCRAVO DA BELEZA NEGRA

David Bowie e Iman

O cantor/ator andrógino (*O Homem que Caiu na Terra, Furyo*) foi fisgado pela beleza negra de Iman e se casaram em agosto de 1990.

O BUQUÊ É MEU!

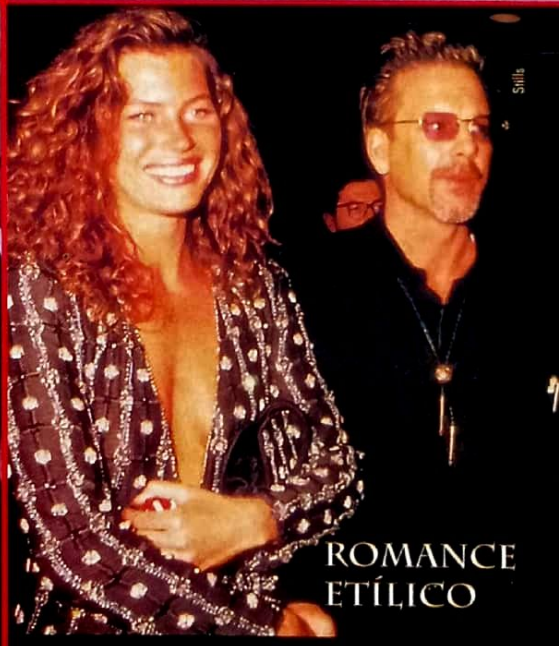
Kyle MacLachlan e Linda Evangelista

Estão juntos desde fevereiro de 1993. Mas foi no casamento de Amber Valleta que ficou mais evidente o namoro: Linda se jogou para pegar o buquê da noiva!

O BRUTO TAMBÉM AMA

Sylvester Stallone e Angie Everhart

Stallone e Angie Everhart, ex Kevin Costner pós-divórcio com Cindy, anunciaram que se casarão em breve na Capela Sistina, em Roma.



ROMANCE ETÍLICO

Mickey Rourke e Carré Otis

Se apaixonaram durante as filmagens de *Orquídea Selvagem* (1990). Otis pediu a separação física na justiça por causa dos problemas de Rourke com o álcool, mas podem ser vistos juntos por aí.

MAKING OF

LENDAS DA PAIXÃO

Karina Lombard e Brad Pitt numa das cenas bucólicas rodadas no Canadá

O filme que introduziu Brad Pitt definitivamente na constelação dos astros mais desejados do mundo foi rodado no Canadá, em meio a uma paisagem tão impressionante que muitas vezes parecia irreal

Fotos: Columbia Tristar

Começo de uma manhã de verão em um rancho próximo à cidade de Calgary, no Canadá, perto da fronteira com o meio-oeste dos Estados Unidos. À medida que vai chegando a hora de iniciar mais um dia de filmagens no set de *Lendas da Paixão* todos passam a olhar preocupados para cima. O céu que prometia ser ensolarado e de um azul estonteante já está quase coberto e prestes a trazer a chuva que vai inviabilizar mais uma vez o planejamento pré-estabelecido.

O diretor Edward Zwick consulta rapidamente o diretor de fotografia John Toll e a decisão é tomada: os atores Henry Thomas e Julia Ormond são avisados de que devem trocar de roupa e ensaiar uma nova cena, enquanto esperam que todo o aparato técnico seja desmontado e levado para o interior da casa. Zwick mais uma vez agradece à cenógrafa Lilly Kilvert pela idéia de ter construído cenários dentro do rancho onde se passa a história. Excetuando-se os aposentos do andar superior, os interiores foram feitos em locação: a sala de jantar, a cozinha e a sala de estar estavam realmente dentro do rancho. Esta providência de Lilly foi fundamental para que as filmagens ultrapassassem em apenas dois dias o cronograma original que previa 84. Sempre que o tempo ameaçava fechar, a equipe tinha a opção de mudar-se para dentro e rodar algumas das várias pequenas cenas em internas que o roteiro pedia. E se o tempo melhorasse no decorrer da manhã, os técnicos poderiam levar tudo para o lado de fora em pouco mais de uma hora e ainda aproveitar a tarde para fazer externas.

Longe de reclamar dos caprichos da natureza, Zwick e Toll desde o começo da produção sabiam que ela, assim como os nomes de Brad Pitt e Anthony Hopkins, seria um dos elementos-chave para o sucesso do projeto. No romance *Legends of the Fall*, de Jim Harrison, há um grande destaque para o relevo das Montana Rockies. As ricas imagens e descrições do escritor testemunham o papel da natureza na formação dos principais personagens. Harrison deu a Zwick e Toll, ambos admiradores de filmes grandiosos como *Lawrence da Arábia*, a oportunidade que tanto queriam de realizar uma história nos moldes tradicionais de Hollywood. Clássicos como *East of Eden*, de Elia Kazan, e os westerns de John Ford permeiam cada fotograma de *Lendas da Paixão*.

Relembrando: a história se passa no começo deste século. Desiludido com o tratamento que o governo americano dava às tribos indí-

genas do oeste, o coronel William Ludlow decidiu abandonar o Exército e se refugiar nas montanhas, levando seus três filhos: o idealista Samuel (Henry Thomas), o responsável e sério Alfred (Aidan Quinn) e o indomável Tristan (Brad Pitt), descrito por Harrison como "uma força da natureza".

Abandonados pela esposa e mãe, que volta para Boston, os quatro vivem isolados no campo, com a companhia de um velho índio, One Stab (Gordon Tootoosis), e de uma família de empregados. Essa harmonia começa a ser alterada com dois acontecimentos. Primeiro, Samuel regressa de uma viagem com sua noiva, Susannah, uma jovem refinada, linda e de espírito encantador, que rapidamente se introduz na vida de todos. Do outro lado do oceano Atlântico, estoura a Primeira Guerra Mundial, e suas conseqüências ecoam até o interior de Montana. Contra a vontade do pai, os três filhos decidem se alistar. No final do conflito, apenas Tristan e Alfred voltam. Com Samuel morto em combate, Susannah passa a ser disputada pelos dois irmãos, originando um conflito que ameaça destruir os laços que unem os Ludlow.

Para escolher o local onde seriam rodadas a maior parte das cenas externas, Zwick e Toll sobrevoaram durante dois dias parte das Rocky Mountains, entre Montana, nos EUA, e Alberta, no Canadá. "Finalmente, decidimos por um lugar poderoso, uma reserva nativa recortada por um rio, protegida por picos elevados e com planícies que se estendiam até onde os olhos pudessem alcançar", conta Zwick, descrevendo a fazenda a aproximadamente 60 quilômetros de Calgary. Enquanto faziam a pré-produção, o diretor Zwick – um ex-jornalista da revista *Rolling Stone*, iniciando o seu quarto longa-metragem – e o fotógrafo Toll sentiram que seria fundamental dimensionar a força da natureza na trama. Os dois de reuniram com um desenhista e fizeram um storyboard da maioria das cenas, mas no final os desenhos acabaram não sendo muito utilizados. O visual deslumbrante das locações sempre superava as expectativas, e freqüentemente eles resolviam mudar o enquadramento para melhor aproveitar o cenário e a luz naturais. "Muitas das paisagens e horizontes que surgem no filme são coisas a que simplesmente não pudemos resistir. A paisagem era tão linda e os céus tão dramáticos que era impossível não registrá-los", conta Toll.

Filmada entre junho e agosto de 1993, a produção – que ao contrário da maioria dos filmes se desenvolve principalmente em externas, o que sempre significa dificuldades maiores – ainda teve como complicador extra as chuvas que caem na região nesta época do ano. A cada noite, Zwick e Toll examinavam a previsão do tempo para os próximos dias, mesmo sabendo que elas não significavam muito. Não foram poucas as vezes em que os dois, na caminhonete que os levava ao rancho de manhã, examinaram o céu e decidiram, ali mesmo no meio do caminho, mudar a programação para se adaptar às condições climáticas. Embora ficassem tentados a adaptar algumas cenas para serem realizadas sob chuva, desistiam, porque o tempo mudava rapidamente e seria impossível manter qualquer continuidade: se insistissem em fazer uma curta seqüência, mesmo que de poucos segundos, ela poderia acabar com planos que continham garoa, sol ou chuva.

Os extras entraram de tal forma no espírito guerreiro que chegavam para filmar marchando e cantando músicas militares

A batalha noturna: semanas de preparação e ajuda da chuva

Para estabelecer a união dos personagens com a terra, Toll optou por usar com bastante freqüência lentes grande-angulares, adequadas para registrar vastos cenários, conseguindo com isso um resultado grandiloqüente, majestoso. O fotógrafo decidiu ainda que a luz no filme deveria sempre parecer natural, não manipulada. O que em algumas ocasiões significou simplesmente não fazer nada, mas que muitas vezes representou muito trabalho. "Às vezes não ficava bom e tínhamos que gastar muita energia e suor para que parecesse que não estávamos fazendo nada", conta Toll. Na maioria das externas, os atores estão iluminados apenas com rebatedores que aproveitam a luz solar, o que, graças à claridade do céu azul, deu uma qualidade especial à pele dos atores. Quando filmavam em interiores, geralmente a iluminação vinha de lampiões, velas e lareiras. Em muito poucas cenas foram usados filtros para as câmeras. Toll se orgulha de poder dizer que *Lendas da Paixão* é um filme em que não existem trucagens nem imagens retocadas por computador. "Tem um pôr-do-sol que parece irreal, completamente fabricado, mas é totalmente autêntico", diz. O resultado acabou sendo premiado pela Academia com o Oscar de melhor fotografia de 1995.

Em termos logísticos, o momento mais complicado de *Lendas da Paixão* foi a realização de uma batalha noturna da Primeira

O diretor Edward Zwick prepara uma das cenas capitais do filme, desenvolvida abaixo. Nela, há o confronto final entre os policiais corruptos e a família do coronel: acontece o tiroteio decisivo

Guerra, que demandou semanas de preparação. Nesta hora, foi decisiva a experiência de Edward Zwick como diretor de *Tempo de Glória*, o épico sobre a guerra da Secessão americana que ganhou o Oscar de melhor fotografia em 1989 e rendeu uma indicação de melhor ator a Matthew Broderick. Trabalhando numa área de 280 X 360 metros, a equipe de produção teve que arar todo o terreno e cavar trincheiras nas duas extremidades. A seguir, técnicos canadenses e americanos peritos em explosivos instalaram uma complicada rede de fios para detonar as explosões. A chuva se encarregou de deixar tudo com aspecto lamacento, com cara de campo de batalha. Cerca de 800 extras foram contratados para servir como soldados. Treinados por oficiais da reserva do Exército canadense, os extras entraram de tal forma no espírito guerreiro que chegavam para filmar marchando e cantando músicas militares.

Apesar da beleza das paisagens, a esperança da TriStar para multiplicar os US$ 30 milhões investidos foi toda depositada em Brad Pitt. O filme não desapontou as fãs: além de ganhar closes fartos, ele aparece nu em uma cena de amor, contracenando com a ainda desconhecida Julia Ormond – seus filmes mais destacados são *O Bebê de Macon*, de Peter Greenaway, e *Stálin*, em que faz a mulher do líder soviético. Para ajudar a quebrar a tensão na hora de fazer a cena, Pitt recorreu a um método ensinado por Ridley Scott quando fez a seqüência do motel com Geena Davis em *Thelma e Louise*: pediu para filmar com música tocando no set. Pitt e Julia ficaram bastante amigos durante os meses em que trabalharam juntos, mas ele é bastante discreto ao falar da cena em que se enrolaram sob lençóis. "Não é um ambiente muito romântico. Aliás, é bem anti-ereção". E por falar nisso... "É uma daquelas situações embaraçosas de um jeito ou de outro. Desculpe, ficou... ou , desculpe, não ficou", ri Pitt.

Pela primeira vez no principal papel de uma produção mais ambiciosa, Pitt colocou grandes esperanças neste trabalho. "Esta história é uma das poucas em que eu pensei: 'Sou o cara certo para ela'. Antes, eu sempre achava que tinha alguém que poderia fazer um pouco melhor. Não desta vez." O desejo de interpretar Tristan era tanto que o ator resolveu fazer o papel recebendo bem menos do que o seu atual prestígio poderia garantir. Embora houvesse desde o princípio uma união muito forte com Zwick – o diretor também decidiu sacrificar parte de seu salário para viabilizar o projeto – , isso não significou total harmonia. Logo na primeira semana, os dois discutiram tão asperamente por causa de uma cena que toda a equipe achou melhor sair de perto – as testemunhas não viram a discussão, mas puderam ouvir o barulho de objetos voando no estúdio. No dia seguinte ao incidente, porém, Zwick e Pitt já mostravam vontade de esquecer a briga, e o restante do trabalho foi feito sem traumas.

Whoopi

A atriz do polêmico *Somente Elas* fala de família, tabus e projetos futuros

A filmografia de Whoopi Goldberg oscila violentamente entre o sublime e o meramente divertido. E a atriz sempre se sai melhor quando pega a platéia de surpresa. Não como uma freirinha de araque (em *Mudança de Hábito*) ou como uma empregada sábia (em *Corrina – Uma Babá Quase Perfeita*), mas como uma mulher de verdade. E completa.

Como em *Somente Elas**, onde Whoopi faz o papel de Jane, uma artista lésbica num *road movie* feminista. Ex-operária da construção civil e ex-maquiadora de cadáveres – o termo exato é "cosmetologista mortuária" –, Whoopi Goldberg faz parte, junto com Sidney Poitier e Denzel Washington, de um grupo reduzido de atores negros premiados com o Oscar (recebido, enfim, em 1990). O sucesso, no entanto, não é constante – apesar de elogiado pela crítica, o *talk show* de Whoopi foi ao ar por poucas semanas antes de ser cancelado –, nem Goldberg perdeu o lado selvagem e determinado que sempre marcou sua vida e sua carreira. Ao ganhar sua placa na Calçada da Fama, em Hollywood, Whoopi deixou não apenas as impressões de suas mãos, mas também a marca de suas trancinhas.

Você acha que ter interpretado uma lésbica no cinema representa um marco em Hollywood, em termos de uma atriz consagrada enfrentar um tema-tabu?

Não é a primeira vez que eu me defronto com esse tabu, se você lembrar de *A Cor*

Goldberg

Púrpura. De qualquer forma, acho que as pessoas não estavam acostumadas a enxergar as lésbicas como mulheres, portanto as excluíam dos filmes. É a mesma coisa que fazem em Hollywood com asiáticos ou negros. Há uma idéia preconcebida de como os negros devam ser, por isso nos filmes eles só são vistos fazendo determinadas coisas.

De qualquer maneira, a sexualidade de uma personagem é tida como um assunto ainda mais espinhoso por Hollywood, não?

É um dilema interessante, porque demonstra, acima de tudo, a ignorância das pessoas. No caso de Jane, não me preocupou em especial o fato de que a personagem era gay, mas o fato dela ser uma mulher.

"Hollywood trata as lésbicas como trata os negros: com preconceito"

Whoopi com Mary-Louise Paker em *Somente Elas*

Warner

***Somente Elas* explora também a questão da "família não convencional", mostrando como a noção de família não está condicionada hoje necessariamente ao triângulo mãe-pai-filhos. Você vê vantagens e desvantagens num e noutro formato de núcleo familiar?**

Não conseguiria relacionar as vantagens ou desvantagens, só sei que o importante é ter ao seu redor pessoas que amem você. Leio no jornal sobre um núcleo familiar tradicional – em que pai e mãe moram juntos com os filhos – onde a criança é maltratada, mas depois vejo pessoas horrorizadas com famílias não tradicionais, ou com mães ou pais solteiros, em que todos se amam. Só porque você não vive com um homem ou com uma mulher – ou mesmo se não namora ninguém – não quer dizer que sua vida não é completa.

As personagens de *Somente Elas* formariam uma família feliz e completa?

Sim, elas são bem ajustadas porque receberam apoio, porque não sofreram a pressão de ter que se reproduzir ou o medo de ficar sozinhas. O que faz você se sentir parte de uma família é o amor incondicional das pessoas, não importa o que aconteça, não importa o que você seja ou faça.

Você, que foi mãe solteira, teve esse tipo de apoio?

Sim, sim, porque, em primeiro lugar, crianças conhecem outras crianças e, conseqüentemente, você conhece outros pais e outras mães. E essas pessoas nos ajudaram muito. Principalmente ajudaram minha filha, porque você nunca conta tudo para seus pais, conta? Então, quando ela sentia necessidade, podia conversar com o pai ou a mãe de uma amiga, e essa pessoa podia aconselhá-la sem ter o envolvimento emocional ou crítico de um pai ou uma mãe em relação a seus próprios filhos.

Drew Barrymore e Mary-Louise Parker se relacionaram com você durante a filmagem de *Somente Elas* como se você fosse uma espécie de mãezona? Pediram conselhos, por exemplo?

Não, não, a gente só se divertiu muito. Elas são muito, muito jovens. E eu não conseguia parar de pensar como eu nunca fui tão bonita quanto Drew. Ainda bem! Porque é muito duro ser tão bonita. Veja o que vive acontecendo com ela, as pessoas estão sempre enchendo o saco da menina, falando incessantemente dela. Felizmente não precisei passar por aquilo.

E Mary-Louise Parker?

Me espanta ver o quanto as pessoas subestimam Mary-Louise. Ela é uma grande atriz, e parece que não notam.

Em *Somente Elas* mais uma vez você faz uma personagem musical. Pessoalmente, qual é seu gosto musical?

Tenho um gosto bastante eclético, maravilhoso e muito estranho. Gosto de big bands, de ópera, muito de rock'n' roll. Queria ser Pavarotti, poder abrir a boca e sair aquele som. Queria ser Mick Jagger, também.

Então não é acidente vê-la cantando em seus filmes mais recentes?

Parece que desde *Mudança de Hábito* canto pelo menos uma musicazinha nos meus filmes *(risos)*. Estou me sentindo como se fosse June Allyson *(risos)*. Que loucura!

E quais são seus próximos projetos?

Estou filmando *Bogus*, junto com Gérard Depardieu. Quem dirige é Norman Jewison. Eu faço o papel de uma mulher que precisa criar o filho da irmã depois que ela morre. Depardieu é o amigo imaginário dessa criança, e minha personagem não consegue enxergá-lo.

José Emilio Rondeau

*Leia o comentário sobre *Somente Elas* em *Novos Filmes*

O MELHOR DE WHOOPI EM VÍDEO

Filmes que realmente importam na carreira da estrela de *Somente Elas*

Ghost – Do Outro Lado da Vida

UIP

A COR PÚRPURA

(The Color Purple, EUA, 1985) Direção: Steven Spielberg. Com Danny Glover, Oprah Winfrey, Rae Dawn Chong. 152 min. Warner.

Primeiro filme de Whoopi, uma impressionante estréia indicada para o Oscar de melhor atriz. Conhecida por seu lado cômico na TV americana, Whoopi surpreendeu com o papel dramático de Celie nesta corajosa e nem sempre bem-sucedida adaptação do romance de Alice Walker. Politizada, Whoopi protagoniza um raro filme "branco" sobre as mulheres negras. Um belo começo!

SALVE-ME QUEM PUDER!

(Jumpin' Jack Flash, EUA, 1986) Direção: Penny Marshall. Com Stephen Collins, John Wood, Carol Kane. 100 min. Abril/Fox.

A primeira comédia da estrela também marca a estréia na direção da comediante Penny Marshall (*Quero Ser Grande*). A história, envolvendo computação, espionagem e restos de Guerra Fria, é um tanto panaca, mas Whoopi conquistou seu lugar no Olimpo das gargalhadas com três cenas: dançando ao som da música-título, dos Rolling Stones, com chinelo de coelho; enroscando seu vestido em um triturador de papel; e ficando presa em uma cabine telefônica que é arremessada pelas ruas por um guincho.

UMA HISTÓRIA AMERICANA

(The Long Walk Home, EUA, 1990) Direção: Richard Pearce. Com Sissy Spacek, Dwight Schultz, Ving Rhames. 95 min. Look.

Foi preciso Whoopi voltar ao drama, cinco anos e seis filmes depois de *A Cor Púrpura*, para protagonizar uma produção elogiada pela crítica. É um retrato sensível do segregacionismo no sul dos EUA em meados dos anos 50. Através da amizade entre uma dona-de-casa esclarecida (Spacek) e sua esforçada doméstica (Goldberg) cria-se um curioso paralelo entre o feminismo e o movimento pelos direitos civis. A interpretação de Whoopi é rica, silenciosa, introspectiva.

Segredos de uma Novela

Paramount Pictures

GHOST – DO OUTRO LADO DA VIDA

(Ghost, EUA, 1990) Direção: Jerry Zucker. Com Patrick Swayze, Demi Moore, Tony Goldwyn. 122 min. CIC.

O maior sucesso de bilheteria de sua carreira lhe conferiu também o Oscar de atriz coadjuvante e um de seus melhores momentos no cinema. Ela é o único motivo para se ver este melodrama romântico-kardecista moral e apelativo. A falsa médium por ela interpretada consegue arrancar gargalhadas do espectador, em especial quando descobre estar ouvindo e vendo um espírito de verdade (Swayze) e quando é obrigada a doar um cheque de milhões de dólares para um convento.

A Cor Púrpura

Retro

SEGREDOS DE UMA NOVELA

(Soapdish, EUA, 1991) Direção: Michael Hoffman. Com Sally Field, Kevin Kline, Robert Downey Jr. 95 min. CIC.

A atriz é desperdiçada no papel de secretária particular da veterana de novelas interpretada com gosto por Sally Field. Se ela tem os momentos menos expressivos da trama, o filme merece menção pelo ótimo elenco (conta ainda com Cathy Moriarty, Carrie Fisher e Kathy Najimy) e por às vezes acertar no tom farsesco e caricatural com que reconstitui o universo das telenovelas. Se Goldberg soltasse a língua, seriam farpas para todos os lados...

O JOGADOR

(The Player, EUA, 1992) Direção: Robert Altman. Com Tim Robbins, Greta Scacchi, Fred Ward. 123 min. LK-Tel/Columbia.

Whoopi consegue tirar bom proveito de seu pequeno papel – uma detetive policial pouco ortodoxa que investiga o assassinato de um roteirista – nesta comédia dramática na qual Altman destila seu veneno contra Hollywood com uma grande gama de personagens e um elenco estelar (Vincent D'Onofrio, Julia Roberts, Bruce Willis, Peter Gallagher e muitos outros). A atriz é apenas uma peça no quebra-cabeças satírico do diretor.

MUDANÇA DE HÁBITO

(Sister Act, EUA, 1992) Direção: Emile Ardolino. Com Maggie Smith, Harvey Keitel, Bill Nunn. 100 min. Abril.

A cantora Deloris foi concebida especialmente para Whoopi, resultando em seu tipo mais efetivo no cinema. Cantora de cabaré desbocada e extrovertida é obrigada a se esconder em um convento para fugir de seu ex-namorado mafioso (Keitel). Fórmula redonda e perfeita para um programa familiar, marca Disney, combinando com efeito elementos de humor e ação/suspense. Contracena com a engraçada Najimy, que conheceu durante as filmagens de *Segredos de uma Novela*. Uma das maiores bilheterias de 1992.

Mudança de Hábito

LFI

O REI LEÃO

(The Lion King, EUA, 1994) Direção: Roger Allers, Rob Minkoff. 88 min. Abril.

Depois de um 1993 com sucessos razoáveis – *Feita por Encomenda* merece ser lembrado apenas por seu namoro com Ted Danson; *Mudança de Hábito 2* só vale por ter elevado seu salário a um raro patamar de 8 milhões de dólares –, Whoopi retorna apenas como dubladora desta que é a quarta maior bilheteria de todos os tempos. Ela faz a voz de Shenzi, uma das pérfidas hienas. Mesmo não visualizando seu sorriso inconfundível, é impossível não reconhecer sua voz nas cópias de vídeo legendadas.

Christian Petermann

Uma História Americana

Stills

Aprenda a fotografar com a MPO Vídeo!

Método super didático e se você não entendeu basta voltar a fita!!

Curso Completo de Fotografia em 6 fitas de vídeo

com o Prof. Eduardo Zocchi da ESPM

Vídeo 1. Princípios Gerais; Tipos de Câmaras, Formatos. Cód.: 6001 Duração:75 min.

Vídeo 2. Diafragma e Profundidade de Campo; Velocidades, Obturador e Tempo de Exposição Cód.: 6002 Duração:106 min.

Vídeo 3. Fotômetros e Fotômetria, Tipos de Filmes e Aplicações Cód.: 6003 Duração:72 min.

Cód.: 6004 Duração:78 min. **Vídeo 4.** Objetivas

Vídeo 5. O Uso Criativo do Flash Eletrônico Cód.: 6005 Duração:67 min.

Vídeo 6. Filtros: de Contraste, de Conversão e Efeitos Especiais Cód.: 6006 Duração:83 min.

Curso totalmente ilustrado com centenas de fotos!

Preço de cada fita - R$ 39,00

Preço do Pacote - R$ 190,00

Na compra do Pacote ganhe grátis uma vídeo-aula do Software para tratamento de fotos no computador "Adobe PhotoShop 2.5"

ENVIE O CUPOM OU COMPRE POR TELEFONE OU FAX

Fone:(011) 263-1522

Fax:(011) 62-7608

MPO VIDEO

☒ Sim, desejo receber em minha residência as seguintes fitas de vídeo

Incluso taxa de remessa

Código	Qtde.	Preço Unit. R$	Total R$
		TOTAL	

FORMA DE PAGAMENTO:

☐ À vista, cheque anexo em nome de MPO Vídeo Imp. e Exp. Ltda.
Rua Urbanizadora, 140 - Sumaré - São Paulo - SP - CEP 01252-040

☐ Depósito em conta corrente
MPO Vídeo - Banco Bradesco - Ag. 0498-7 - C/C 54.234-2. Envie cópia do comprovante.

☐ Cartão de Crédito nº _____
Nome do cartão: _____ Validade: _____
Data: _____ Assinatura igual a do cartão: _____

NOME..... : _____
ENDEREÇO . : _____
Nº ..... : _____ COMPLEMENTO : _____ CEP . : _____
BAIRRO ..... : _____ DATA NASC.. : _____
CIDADE ..... : _____ EST. : _____ TEL. : _____
CIC ..... : _____ RG .. : _____

ESPECIAL

50

ANOS DO FIM DA GUERRA

No dia 7 de maio de 1945 a Alemanha se rendia aos Aliados: era o fim do grande conflito na Europa. Entre os soldados americanos que voltavam para casa, havia um punhado de astros combatentes, que pegaram em armas ou levantaram o moral das tropas atrás dos microfones

E HOLLYWOOD

No meio dos soldados americanos que retornavam da Europa havia um jovem texano de 21 anos chamado Audie Murphy, que dizia ter matado 240 alemães na Itália. Sua cara de bebê estampada na capa da revista *Life* chamou a atenção de Hollywood que, mesmo sem saber direito o que fazer com ele, convidou-o para tentar a carreira de ator. Depois de muitos percalços, o soldado mais condecorado da guerra acabou rodando uma porção de westerns B em que, segundo relata em sua autobiografia, "só mudava o cavalo". Muito tempo depois, já na guerra da Coréia, Murphy encabeçaria um grande sucesso de público (e o maior dos Estúdios Universal até então): *To Hell and Back...* extraído da sua própria biografia dos tempos de soldado.

A história de Audie Murphy foi apenas uma das histórias de Hollywood na guerra. Quando os japoneses bombardearam Pearl Harbor em 1942 e os Estados Unidos entraram no conflito, a cidade do cinema, chocada a princípio, e depois entusiasmada, embarcou no esforço patriótico de expulsar o Mal do mundo. Primeiro, rodando filmes que contribuíssem para o esforço de guerra. Em 1943, cerca de 650.000 combatentes americanos viam filmes holywoodianos toda noite. Isto sim é que era uma audiência cativa. Mas não eram só os soldados que queriam o cinema; em casa, as audiências estavam doidas por diversão. Isto e o ímpeto que a guerra deu à tecnologia, proporcionando novos avanços no terreno cinematográfico, como por exemplo na gravação de som e na luminosidade dos filmes coloridos, deu um impulso magnífico à indústria de Hollywood.

E os astros também fizeram sua parte.

James Stewart precisou ganhar peso para se alistar no Exército. Tyrone Power deixou a esposa e o amante pelo Corpo de Fuzileiros Navais. Bob Hope e Bing Crosby alistaram-se de outra forma: foram divertir as tropas nos campos de combate. Groucho Marx enveredou pelo mesmo caminho, mas tinha um problema sério: sem o bigode e as sobrancelhas de Groucho ninguém o reconhecia. Já as estrelas operaram no teatro da guerra cedendo suas admiráveis silhuetas para milhares de fotos autografadas e folhinhas. Betty Grable, de maiô, com um belo par de pernas à mostra, foi a favorita de todas as armas.

A primeira baixa de Hollywood na guerra foi a atriz Carole Lombard, então casada com Clark Gable. Carole empenhou-se na venda de bônus pelo interior dos Estados Unidos, que percorria de trem. Um dia, a saudade de Gable (que ela chamava de "papai") foi maior e ela resolveu voltar para casa de avião. A aeronave chocou-se contra um rochedo, o corpo da atriz foi encontrado carboni-

Marlene Dietrich no Exército Aliado: ela era popular nos dois fronts

James Stewart condecorado: o ator teve que ganhar peso para se alistar

Fotos: reprodução do livro *When the Stars Went to War*

Jack Cansino (à esquerda) exibe a foto da irmã, Rita Hayworth, para os colegas

Gene Tierney e a filha Daria, uma das vítimas da guerra

Audie Murphy numa das cenas de *To Hell and Back*, baseado em sua biografia

O livro *When the Stars Went to War*, de Roy Hoopes, narra como os astros foram à luta

FOI À GUERRA

zado e decapitado. Gable nunca mais foi o mesmo. A primeira coisa que fez ao recuperar-se do choque foi alistar-se na Força Aérea como soldado raso. Um operador de câmera da Metro alistou-se junto e nunca desgrudava dele, de forma que Gable se transformou no único soldado raso da história que tinha ordenança.

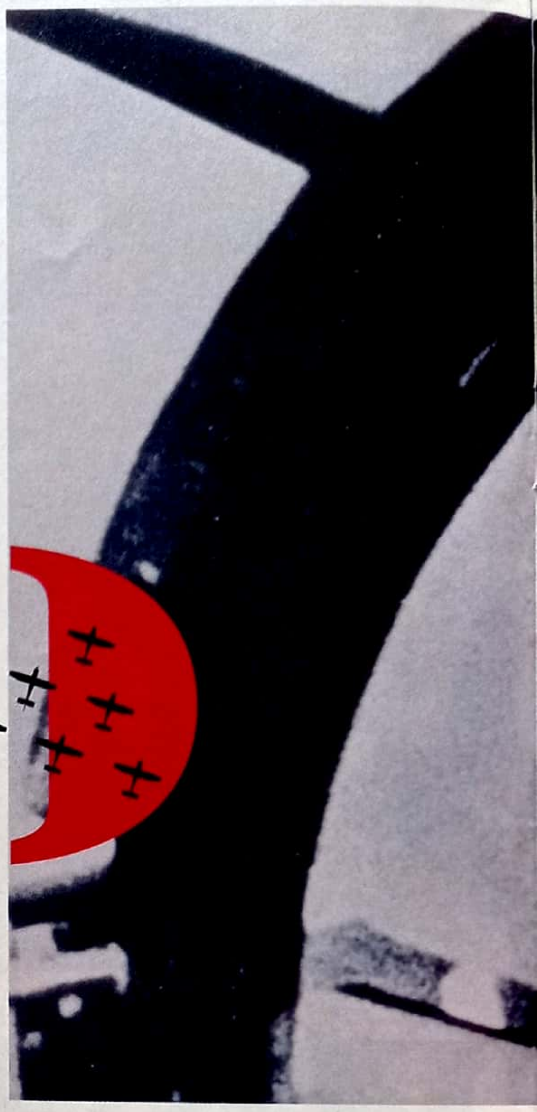
Quem ficou em Los Angeles também queria ajudar. Como a cidade era ponto de partida para os combatentes do Pacífico e todos queriam conhecer Hollywood, a capital do cinema inventou uma cantina para recepcionar os soldados de partida para o front. A Hollywood Canteen, cuja idéia partiu do ator John Garfield, proporcionava aos rapazes a oportunidade única de ver uma estrela passar ao alcance das mãos, dançar com uma estrela e até mesmo beijar uma estrela (se os rapazes tivessem acesso à cozinha podiam vê-las lavando pratos também). Betty Davis era a presidenta da cantina, que ficava numa antiga cavalariça alugada perto de Sunset Boulevard. Heddy Lamarr, Marlene Dietrich, Rita Hayworth, Gene Tierney, todas podiam ser vistas à noite batendo papo com os soldados na Hollywood Canteen.

E foi Gene Tierney quem teve a mais cruel experiência destes tempos de guerra em casa. A jovem e linda atriz de *Laura* contraiu rubéola nesta época, quando estava grávida da filha Daria. O bebê nasceu prematuramente em 1943 e precisou de onze transfusões de sangue, até se constatar que tivera danos mentais irreversíveis. Um dia, numa partida de tênis em Los Angeles, uma garota sorridente se aproximou e disse que tivera rubéola e havia fugido da quarentena certa noite só para ver os artistas na cantina. E Gene era a sua predileta. A atriz escreveu mais tarde: "Daria foi o meu esforço de guerra".

Marlene Dietrich, que era adorada pelo Fueher mas tripudiava o nazismo e percorria a Europa fazendo shows para os Aliados, selou com uma frase definitiva a sua fulgurante participação no conflito: "A guerra me deu a oportunidade de beijar mais soldados que qualquer outra mulher no mundo". Os soldados, beijados ou não, jamais a esqueceram. Ela recebeu a Medalha da Liberdade, a mais alta condecoração civil americana, "por seus esforços em levar prazer e levantar o moral de mais de 500.000 soldados americanos". Em tempo: ela sempre usava uniformes de campanha e se recusava a posar para fotos exibindo o mais famoso par de pernas do cinema. Vivia como os soldados, lavava o rosto na neve e comia como eles. Marlene foi o único artista popular nos dois fronts.

Cadão Volpato

A SEGUNDA GUERRA EM 50 FILMES



Uma seleção em vídeo do melhor que o cinema já rodou a respeito do grande conflito mundial

1 ARDIL 22

(Catch 22, EUA, 1970) Direção: Mike Nichols. Com Alan Arkin, Martin Balsam, Anthony Perkins, Jon Voight, Orson Welles. 121 min. CIC.

Aviadores loucos, comandantes sádicos e soldados inescrupulosos são os ingredientes desta sátira maluca mas amarga sobre o clima alucinado das frentes de batalha na Europa.

2 CRUZ DE FERRO

(Cross of Iron, Inglaterra/Alemanha, 1977) Direção: Sam Peckinpah. Com James Coburn, Maximilian Schell, James Mason. 133 min. VTI.

Mostrando nazistas sujos e decadentes na terrível frente russa, o sumo sacerdote da violência Sam Peckinpah abusa dos jorros de sangue e das câmeras lentas.

3 INFERNO NO PACÍFICO

(Hell in the Pacific, EUA, 1968) Direção: John Boorman. Com Toshiro Mifune, Lee Marvin. 103 min. Polevídeo.

Toshiro Mifune e Lee Marvin, representando respectivamente o Japão e os Estados Unidos, duelam selvagemente numa ilha deserta do Pacífico.

4 VÁ E VEJA

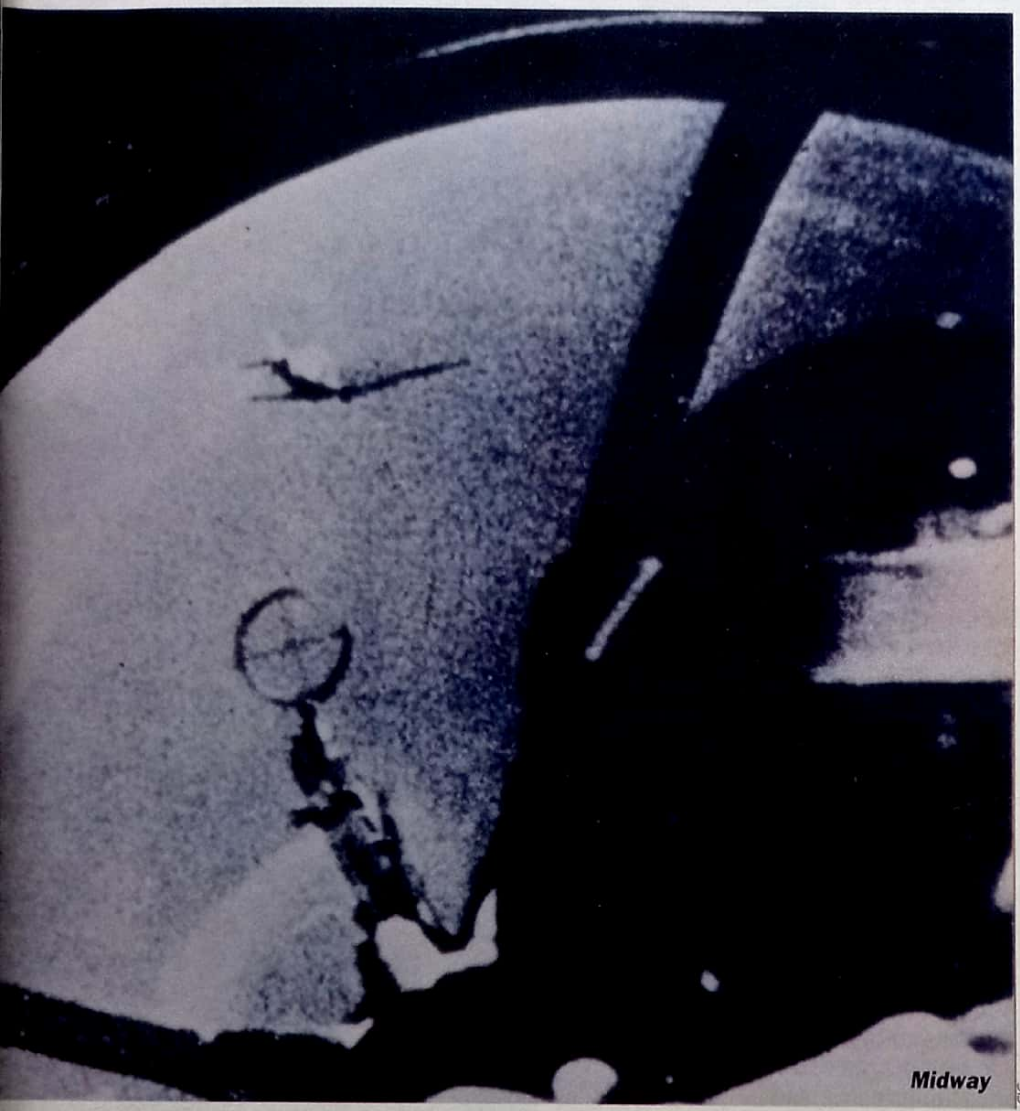
(Idi I Smotri, URSS, 1984) Direção: Elem Klimov. Com Alexey Kravchenko, Olga Mironova, Lubomiras Lautsiávichus. 122 min. Globo Vídeo.

Excepcionalmente criativo para o geralmente acadêmico cinemão soviético, Klimov recria com rara crueza todo o horror da guerra do ponto de vista de um garoto.

5 TOP SECRET – SUPERCONFIDENCIAL

(Top Secret, EUA, 1984) Direção: Jim Abrahams, David Zucker, Jerry Zucker. Com Val Kilmer, Peter Cushing, Omar Sharif. 90 min. CIC.

O diretor Jim Abrahams detona a guerra pela via da paródia, colocando em cena cantores de rock, cientistas e espiões, num completo disparate onde não faltam homenagens bem-humoradas a antigos filmes.



Midway

CIC

6 ATTACK FORCE Z

(Austrália, 1981) Direção: Tim Burstall. Com John Phillip Law, Mel Gibson, Sam Neill. 90 min. Look.

A Força Z, um grupo aliado de elite, enfrenta terríveis nipônicos no infernal Pacífico Sul. Conseguirão resgatar com vida um ministro desertor do Japão que está numa ilha chinesa?

7 O ESCARLATE E O NEGRO

(The Scarlet and the Black, EUA, 1983) Direção: Jerry London. Com Gregory Peck, Christopher Plummer, John Gielgud, Raf Vallone. 119 min. Videocast.

As relações ambíguas entre o Vaticano e os invasores nazistas em Roma são exibidas com certo superficialismo mas bom suspense na história de um homem de confiança do Papa Pio XII que irrita a SS ao auxiliar a Resistência.

8 O JAPÃO E A SEGUNDA GRANDE GUERRA

(The Japanese Empire, Japão, 1983) Direção: Toshio Masuda. Com Tetsuro Tamba, Tomokazu Miura. 112 min. Video Room.

Curioso por mostrar o ponto de vista japonês sobre episódios como o ataque a Pearl Harbor ou os bombardeios de Hiroshima e Nagasaki. Peca às vezes pelo excessivo sentimentalismo nos dramas individuais.

9 MIDWAY

(EUA, 1976) Direção: Jack Smight. Com Charlton Heston, Henry Fonda, Robert Mitchum, Glenn Ford, Toshiro Mifune, James Coburn. 130 min. CIC.

A célebre batalha de Midway em 1942, que marcou a vitória sobre o poderio naval japonês, é registrada com ótima reconstituição e um elenco de primeira.

10 PARALELO 49

(49th Parallel, Inglaterra, 1941) Direção: Michael Powell. Com Laurence Olivier, Leslie Howard, Eric Portman, Raymond Massey. 117 min. F.J. Lucas.

Paralelo 49

F. J. Lucas

Estrelada por Lawrence Olivier, a obra realizada no calor dos acontecimentos mostra a tentativa de Hitler de abocanhar o Canadá. Oscilando entre o documentário e o suspense de guerra, brilha pelo elenco afiado.

11 A UM PASSO DA ETERNIDADE

(From Here to Eternity, EUA, 1953) Direção: Fred Zinnemann. Com Burt Lancaster, Montgomery Clift, Deborah Kerr, Frank Sinatra, Ernest Borgnine. 118 min. LK-Tel/Columbia.

Às vésperas do ataque japonês a Pearl Harbor, os soldados baseados em Honolulu vivem seus conflitos neste clássico absoluto (ganhador de oito Oscar) que combina introspecção com grandes cenas de combate.

12 A PONTE DO RIO KWAI

(The Bridge on the River Kwai, Inglaterra, 1957) Direção: David Lean. Com William Holden, Alec Guinness, Jack Hawkins. 161 min. LK-Tel/Columbia.

Um oficial inglês, prisioneiro do Japão (Guinness), quer exibir a superioridade da engenharia britânica, construindo uma ponte para os adversários. Mas ela deverá ser destruída numa missão vital para os aliados. Obra-prima eletrizante do mestre David Lean.

13 SANGUE SOBRE O SOL

(Blood on the Sun, EUA, 1945) Direção: Frank Lloyd. Com James Cagney, Sylvia Sidney. 98 min. Hollywood Classics.

James Cagney vive um jornalista americano que no Japão descobre os planos daquele país de atacar os EUA. O carisma do astro compensa a pobreza da produção.

14 O ATAQUE

(The Assault, Holanda, 1986) Direção: Fons Rademakers. Com Derek de Lint, Mark Van Uchelen, Monique Van de Ven. 149 min. América.

Em 1945, um garoto assiste ao massacre de sua família, levando para sempre as marcas do período. Oscar de melhor filme estrangeiro de 1986, esta produção holandesa mexe com vigor em vespeiros como o colaboracionismo.

15 BALADA DO SOLDADO

(Ballada O Soldatye, URSS, 1959) Direção: Griori Tchokhrai. Com Wladmir Ivashov, Zhanna Prokkorenko. 92 min. Globo Vídeo.

A história de um jovem soldado às voltas com a descoberta do amor e do horror da guerra. Pacifista e sentimental, abocanhou o Prêmio Especial do Júri de Cannes.

16 O CASAMENTO DE MARIA BRAUN

(Die Ehe der Maria Braun, Alemanha, 1978) Direção: Rainer Werner Fassbinder. Com Hanna Schygulla, Klaus Lowitsch, Ivan Desny. 120 min. Polevídeo.

Fassbinder destila seu habitual pessimismo neste terrível retrato do "salve-se quem puder" do pós-guerra. Schygulla é uma alemã que se envolve com um americano enquanto o marido está na guerra.

17 67 DIAS

(67 Days, Iugoslávia, 1979) Direção: Zica Mitrovic. Com Boris Buzancic, Boza Frajt, Neda Arneric. 114 min. Mac Vídeo.

Apesar do tom cívico exagerado, é um bom exemplar do cinema da ex-Iugoslávia, contando a história da Resistência liderada por Tito contra os alemães e os monarquistas iugoslavos, fiéis ao rei Pedro.

18 O ÚLTIMO COMBATE

(Murphy's War, Inglaterra, 1971) Direção: Peter Yates. Com Peter O'Toole, Sian Phillips, Philippe Noiret. 108 min. VTI.

O sobrevivente de uma batalha naval parte para uma retaliação pessoal contra o submarino alemão. Uma das mais eficientes incursões britânicas no tema.

19 OS ÚLTIMOS DIAS DE HITLER

(Osvobosaniev Posledni Sturm, URSS, 1975) Direção: Yuri Ozerov. Com Fritz Ditz, Ivo Garrani, Stanislav Jaskiewicz. 85 min. DIV.

A agonia do III Reich é reconstituída com minúcia pelo freqüentemente pesado e monolítico cinema soviético dos anos 70.

20 AMARGA SINFONIA DE AUSCHWITZ

(Playing for Time, Inglaterra, 1980) Direção: Daniel Mann. Com Vanessa Redgrave, Jane Alexander, Maud Adams. 150 min. DIF.

Mulheres formam orquestra em Auschwitz e graças à música são poupadas da morte. Telefilme que tem como destaque a sempre perfeita Vanessa Redgrave.

21 IMPÉRIO DO SOL

(Empire of the Sun, EUA, 1987) Direção: Steven Spielberg. Com Christian Bale, John Malkovich, Miranda Richardson. 154 min. Warner.

Sensível drama de Spielberg sobre o rico filho de um diplomata, prisioneiro dos japoneses na China. Magníficas cenas de multidões numa produção que desmente a "tese" que diz que o cinema "sério" de guerra do diretor começa com *A Lista de Schindler*.

22 SOLDADO DE LARANJA

(Soldier of Orange, Holanda, 1977) Direção: Paul Verhoeven. Com Rutger Hauer, Jeroen Krabbe, Peter Faber. 115 min. F.J. Lucas.

Hauer vive um soldado que nem chega a lutar, já que a Holanda se rendeu antes do primeiro tiro. Antes de dirigir *Robocop*, Verhoeven já mostrava todo seu talento em seu cinema natal, formando uma ótima dobradinha com Hauer.

23 OS VIOLINOS DO BAILE

(Les Violons du Bal, França, 1993) Direção: Michel Drach. Com Jean-Louis Trintignant, Marie Jose Nat, David Drach. 100 min. Look.

Com o velho recurso do "filme dentro do filme", a saga de uma família judia é narrada num jogo vigoroso que embaralha realidade e ficção, passado e presente, preto e branco e cores.

24 MEPHISTO

(Hungria, 1981) Direção: István Szabo. Com Klaus Maria Brandauer, Krystyna Janda, Ildiko Bansagi. 135 min. Polevídeo.

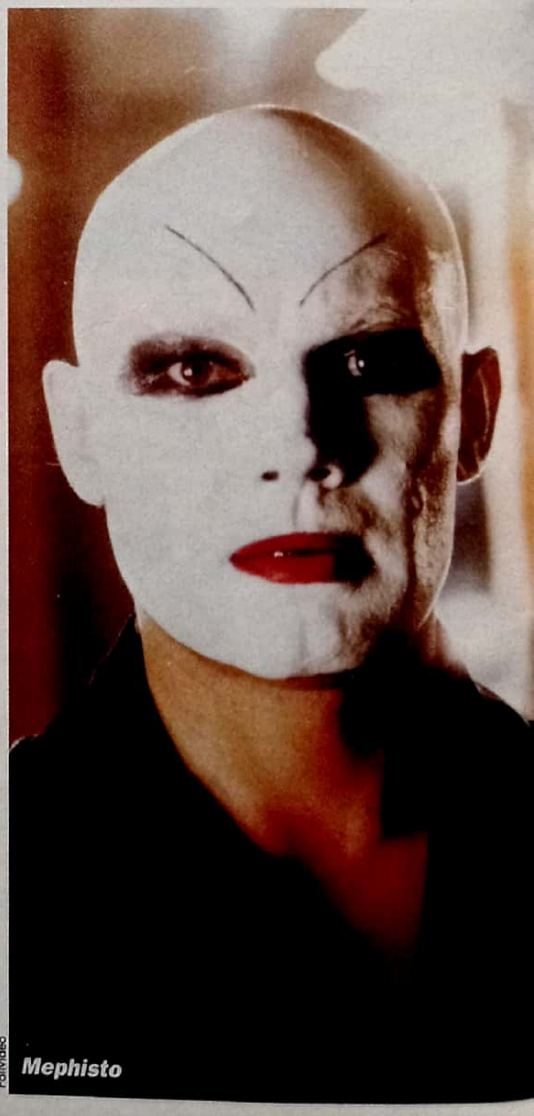
O húngaro István Szabo mostra o que acontece com a alma dos artistas que se renderam aos encantos de Hitler, contando a trajetória do ator Hüfgen (o magnífico Brandauer) que, em troca de glória, trabalha para o III Reich.

25 A ESTRELA DO NORTE

(The North Star, EUA, 1943) Direção: Lewis Milestone. Com Anne Baxter, Farley Granger, Dana Andrews, Walter Huston.

Warner

Casablanca



Polivídeo

Mephisto

Warner

Agonia e Glória

CIC

Metido em Encrencas

VTI

O Último Combate

Globo Video

Furyo – Em Nome da Honra

105 min. Hollywood Classics.

O "namoro" entre russos e americanos diante do inimigo comum nazista deu origem a este filme do ucraniano Milestone, diretor do premiado *Sem Novidade no Front* (1930). Mostrando aqui um vilarejo russo, ele exagera um pouco no sentimentalismo e no maniqueísmo.

26 SESSÃO ESPECIAL DE JUSTIÇA

(Section Speciale, França/Itália/Alemanha, 1975) Direção: Constantin Costa-Gavras. Com Michel Lonsdale, Jacques Perrin, Louis Seignar, Henri Serre. 105 min. Mundial.

O governo colaboracionista de Vichy inventa barbaridades jurídicas para satisfazer seus dominadores arianos, que querem a cabeça de alguns militantes em luta contra a ocupação. Um empolgante libelo contra a servidão de qualquer Judiciário ao totalitarismo.

27 AMOR E GUERRA

(War and Love, EUA/Israel, 1986) Direção: Moshe Mizrahi. Com Kyra Sedgwick, Sebastian Keneas, David Spielberg. 98 min. América.

Love story sobre dois jovens judeus em pleno Gueto de Varsóvia resistindo aos nazistas. Apesar de açucarado, é um eficiente registro da heróica luta do gueto.

28 UM AMOR NA ALEMANHA

(Eine Liebe in Deutschland, Alemanha/França, 1984) Direção: Andrzej Wajda. Com Hanna Schygulla, Pietr Lysak, Marie-Christine Barrault. 109 min. Polevídeo.

Na história de um polaco que prefere a morte a ser oficializado fraudulentamente como de raça ariana e que ama uma alemã, Wajda expõe toda a inferioridade intelectual e emotiva dos que se pretendem "raça superior".

29 CASABLANCA

(EUA, 1942) Direção: Michael Curtiz. Com Humphrey Bogart, Ingrid Bergman, Paul Henreid, Claude Rains, Peter Lorre. 102 min. Warner.

Nazistas e a Resistência circulam pelo charmoso bar de Rick (Bogart) no mais clássico dos triângulos da história do cinema. A célebre canção "As Time Goes By" embala o romance e a política do filme mais lembrado dos anos 40.

30 COLHEITA AMARGA

(Bittere Ernte, Alemanha, 1985) Direção: Agnieszka Holland. Com Armin Mueller-Stahl, Kate Jaenicke. 107 min. F.J. Lucas.

Um fazendeiro de meia-idade tem um tórrido caso com uma judia fugitiva, ocultando-a em sua casa. *Expert* no assunto, a polonesa Holland discute também a ancestral oposição entre judaísmo e cristianismo.

31 LILI MARLENE

(Alemanha, 1980) Direção: Rainer Werner Fassbinder. Com Hanna Schygulla, Giancarlo Giannini, Mel Ferrer. 116 min. F.J. Lucas.

Na história de uma famosa canção, Fassbinder compõe com muita sofisticação visual um retrato irônico do clima inebriante e brutal do período hitlerista.

32 METIDO EM ENCRENCAS

(Biloxi Blues, EUA, 1988) Direção: Mike Nichols. Com Matthew Broderick, Christopher Walken, Corey Parker, Casey Siemaszko, Penelope Ann Miller. 108 min. CIC.

Baseado num roteiro autobiográfico do dramaturgo Neil Simon, o filme de Mike Nichols exibe as trapalhadas de uma turma de recrutas em sua base de treinamento no Mississipi, sob o jugo de um tradicional sargento durão.

33 A BATALHA DE EL ALAMEIN

(Battle of El Alamein, França/Itália, 1968) Direção: Calvin Jackson Padget. Com Michael Rennie, George Hilton, Robert Hossein, Ira de Furstenberg. 96 min. DIV.

O terrível marechal Rommel disputa com as forças anglo-americanas do general Montgomery o controle do Canal de Suez, em 1942. Enquanto isso, soldados italianos enfrentam aliados e são oprimidos pelos nazistas.

34 FURYO – EM NOME DA HONRA

(Merry Christmas, Mr. Lawrence, Inglaterra/Japão, 1983) Direção: Nagisa Oshima. Com Tom Conti, David Bowie, Ryuichi Sakamoto, "Beat" Takeshi, Jack Thompson. 112 min. Globo Vídeo.

Os *pop stars* David Bowie e Ryuichi Sakamoto experimentam uma estranha atração num campo de prisioneiros da ilha de Java em 1942.

35 O VELHO FUZIL

(Le Vieux Fusil, França, 1975) Direção: Pascal Jardin. Com Romy Schneider, Philippe Noiret. 102 min. Look.

Noiret é um médico que tem a família massacrada pelos nazistas por cuidar de membros da Resistência. Armado com o fuzil do título, vai atrás dos carrascos num dos melhores filmes franceses sobre o tema.

36 O PALHAÇO DO BATALHÃO

(At War With the Army, EUA, 1950) Direção: Hal Walker. Com Dean Martin, Jerry Lewis, Mike Kellin, Polly Bergen, Angela Greene. 93 min. VTI.

A Segunda Guerra, além de palco para as tragédias, também serviu de tema para as confusões do abilolado Jerry Lewis. Aqui, ao lado de Dean Martin (no primeiro filme da dupla), ele vive o mais incapaz e debilóide recruta que a guerra já presenciou.

37 OS ÚLTIMOS REBELDES

(Swing Kids, EUA, 1992) Direção: Thomas Carter. Com Robert Sean Leonard, Christian Bale, Barbara Hershey, Kenneth Branagh, Frank Whaley, Tushka Berger. 112 min. Abril.

Na Alemanha de 1939, jovens curtidores do swing e outros ritmos americanos sofrem a repressão do regime. Eficiente abordagem do nazismo com muito bom humor, libido e prazer.

38 CABARET

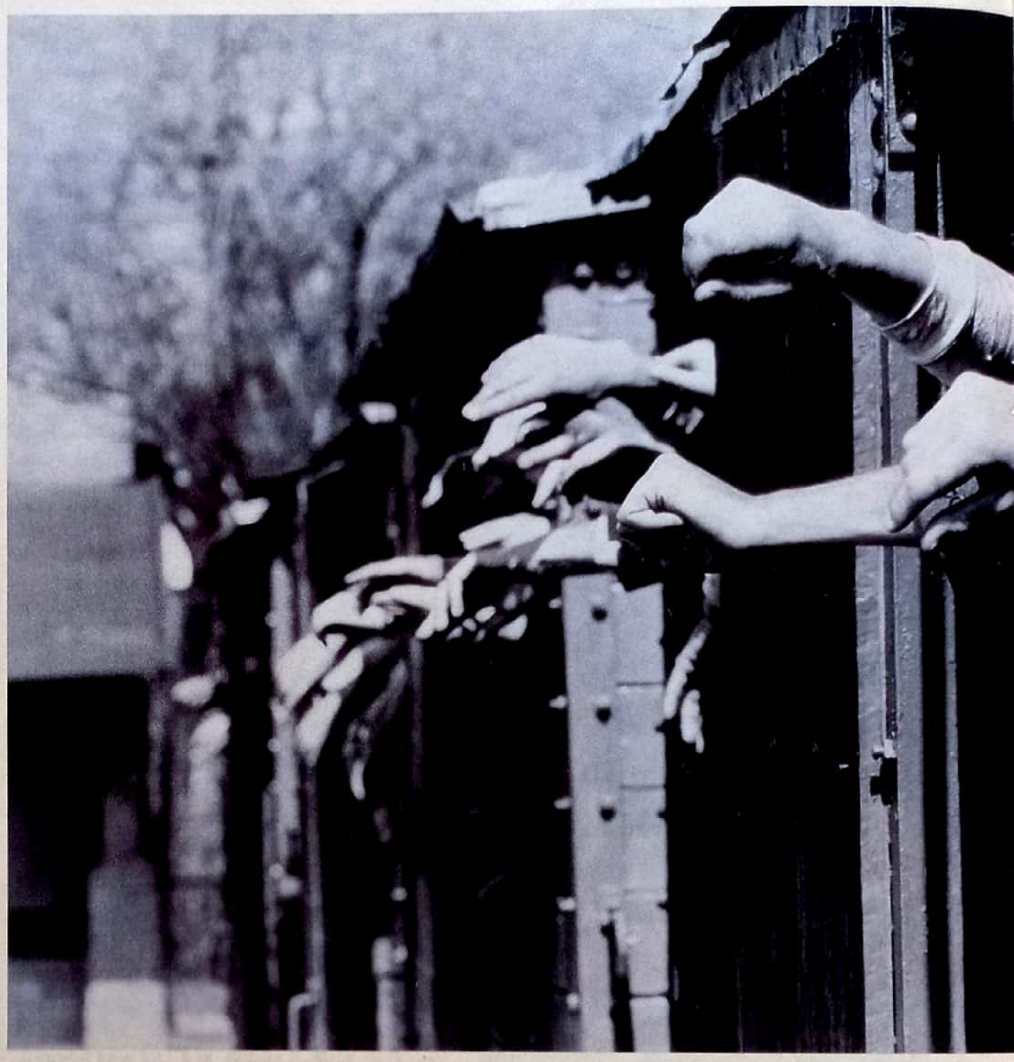
(EUA, 1972) Direção: Bob Fosse. Com Liza Minnelli, Joel Grey, Michael York. 123 min. F.J. Lucas.

Além de ser um dos mais irretocáveis musicais de todos os tempos, o filme de Bob Fosse é um inteligente retrato de uma República de Weimar pouco a pouco dominada pela histeria violenta do nazismo.

39 O PORTEIRO DA NOITE

(The Night Porter, Itália, 1974) Direção: Liliana Cavani. Com Dirk Bogarde, Charlotte Rampling, Philippe Leroy. 115 min. Jovem Pan.

Cabaret



Os traços sadomasoquistas do regime de Hitler são realçados nesta *love story* entre um oficial nazista e sua prisioneira judia, numa tentativa de escandalizar que resulta em certo tédio.

40 FILHOS DA GUERRA

(Europa, Europa, Alemanha/França, 1991) Direção: Agnieszka Holland. Com Marco Hofschneider, Julie Delpy, Andre Wilms. 115 min. Europa/Carat.

História verídica sobre um jovem judeu que, ocultando sua circuncisão, consegue passar como um "modelo perfeito de alemão".

41 A NOITE DOS GENERAIS

(Night of the Generals, Inglaterra, 1967) Direção: Anatole Litvak. Com Peter O'Toole, Omar Sharif, Tom Courtenay, Donald Pleasence. 148 min. LK-Tel/Columbia.

O assassinato de uma prostituta envolvendo altos figurões de exército nazista proporcionou um impecável estudo psicológico dos homens de Hitler, vividos por atores de primeira.

42 MUITO MAIS QUE UM CRIME

(Music Box, EUA, 1989) Direção: Costa-Gavras. Com Jessica Lange, Armin Mueller-Stahl, Lukas Haas. 120 min. 20/20 Vision.

No ritmo exasperante de um filme de tribunal, Gavras mostra o julgamento de um inimigo da humanidade, defendido pela sua filha. O horror nazista é revisitado com muita agilidade e uma performance magistral de Jessica, além do sempre correto Armin Mueller-Stahl.

43 UMA CIDADE SEM PASSADO

(Das Schreckliche Mädchen, Alemanha, 1989) Direção: Michael Verhoeven. Com Lena Stolze, Monika Baungarter, Michael Guillaume. 111 min. Globo Vídeo.

No interior alemão, jovem tenta desenterrar o passado de perseguição em sua cidade, despertando o ódio dos poderosos locais, ocupados em deixar esquecido o apoio dado ao nazismo.

A Lista de Schindler

CIC

44 A ROSA BRANCA

(Die Weisse Rose, Alemanha, 1982) Direção: Michael Verhoeven. Com Lena Stolze, Wulf Kessler, Oliver Siebert. 107 min. Transvídeo.

Com rigor e densidade, Verhoeven homenageia um grupo de universitários alemães que ousou enfrentar a ditadura de Hitler através de panfletos clandestinos e contra-espionagem.

45 A LISTA DE SCHINDLER

(Schindler's List, EUA, 1993) Direção: Steven Spielberg. Com Liam Neeson, Ralph Fiennes, Ben Kingsley. 195 min. CIC.

A ótima história do *bon vivant* membro do partido nazista que salva judeus do extermínio empregando-os em sua fábrica é contada com perfeição pelo diretor de *E.T.*. Além do apuro visual, sobretudo nas imagens coletivas, chama a atenção a visão crítica do filme, que flagra o suborno e a corrupção, além da óbvia crueldade do regime.

46 ESPERANÇA E GLÓRIA

(Hope and Glory, Inglaterra, 1987) Direção: John Boorman. Com Sarah Miles, David Hayman, Derrick O'Connor. 113 min. LK-Tel/Columbia.

Num de seus trabalhos mais acertados, o diretor inglês (numa trama autobiográfica) registra com humor e alto astral o cotidiano londrino sob as bombas alemãs, entre festas, namoros e traquinagens infantis.

CIC

47 OS DOZE CONDENADOS

(The Dirty Dozen, EUA, 1967) Direção: Robert Aldrich. Com Lee Marvin, Ernest Borgnine, John Cassavetes, Charles Bronson, Telly Savallas. 150 min. Vídeo Arte.

Doze delinqüentes são enviados a uma missão perigosa que poderá lhes proporcionar a liberdade. Um dos bons exemplares do cinema "macho" de guerra: muita ação, vivida por um time de durões clássicos.

48 AGONIA E GLÓRIA

(The Big Red One, EUA, 1980) Direção: Samuel Fuller. Com Lee Marvin, Mark Hamill, Robert Carradine. 113 min. Warner.

Na história de um sargento americano durão e seu pelotão na Europa, o mestre Fuller recorda suas experiências de soldado durante a Segunda Guerra. Não há uma única história, mas vários episódios costurados.

49 IWO JIMA – O PORTAL DA GLÓRIA

(The Sands of Iwo Jima, EUA, 1949) Direção: Allan Dwan. Com John Wayne, John Agar, Forrest Tucker. 110 min. Republic.

Sargento maltrata seus pobres recrutas com a intenção de prepará-los para a guerra no Pacífico. Feito para propaganda, a fita utiliza pedaços de documentários autênticos como parte das cenas impressionantes de batalhas.

50 PATTON, REBELDE OU HERÓI?

(Patton, EUA, 1970) Direção: Franklin J. Schaffner. Com George C. Scott, Karl Malden, Michael Bates, Stephen Young, Michael Strong. 169 min. Abril/Fox.

Um retrato irretocável de uma das mais impressionantes figuras da Segunda Guerra Mundial, o general George S. Patton, um guerreiro no velho estilo, que dizia ter combatido nos exércitos de Aníbal e Napoleão. Scott, tão turbulento quanto o personagem, levou o Oscar pelo filme, mas se recusou a recebê-lo.

Patton, Rebelde ou Herói?

Abril/Fox

CINEMA BRASILEIRO

ELE VOLTOU

O pacote 95 de filmes brasileiros tem cerca de 40 títulos, reveladores de uma nova geração que já não se preocupa em ser herdeira da genialidade de Glauber Rocha

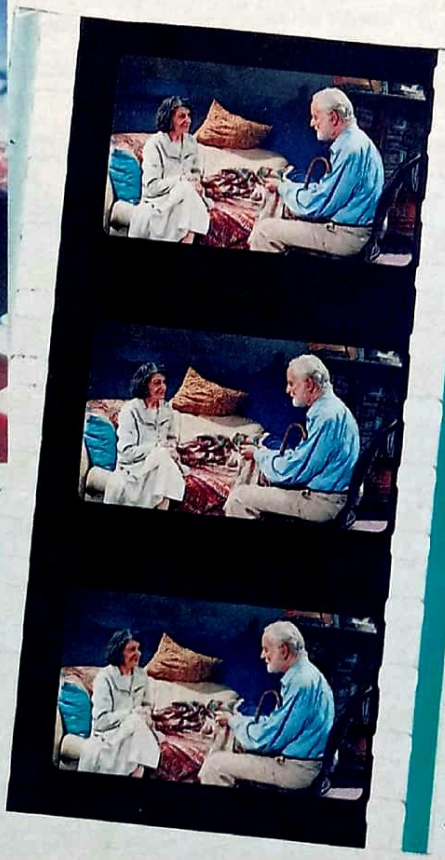
O que parecia impossível, ou pelo menos improvável há alguns meses, aconteceu. Um filme brasileiro entrou em 1995 com filas nas bilheterias e comentários extremamente positivos da crítica, incorporando-se ao repertório da temporada e transformando Carla Camurati na cineasta com o astral mais elevado do país. *Carlota Joaquina, a Princesa do Brazil* conseguiu criar um clima de lua-de-mel entre o filme brasileiro e o público dos cinemas, e tudo indica que vai alcançar meio milhão de espectadores este mês.

É uma marca distante ainda daquela registrada por *Dona Flor e Seus Dois Maridos* (1976) e *A Dama do Lotação* (1978), que atraíram respectivamente 12 e 10 milhões de espectadores. De qualquer forma, o desempenho de *Carlota Joaquina* demonstrou que o espectador não tem por princípio rejeitar o filme brasileiro, e cumpriu por tabela a missão institucional de sinalizar ao grande público que existe vida no nosso cinema, mesmo depois da morte da Embrafilme e do furacão Collor.

O filme de Carla Camurati tem grandes qualidades, entre elas a capacidade de obter empatia imediata da platéia. Não se trata de nenhuma obra seminal, dessas que fundam uma nova cinematografia. E se mostra bastante desvinculada do passado cinematográfico recente. Isso é bom, porque parte dos problemas enfrentados nos últimos quinze ou vinte anos decorriam justamente da presença de alguns fantasmas girando em torno da cabeça do cineasta brasileiro. Parece que, finalmente, ninguém precisa se apresentar como herdeiro de Glauber Rocha, ou sair gritando pela imprensa e festivais que acabou de realizar uma obra-prima e que não é compreendido. Esta reação adolescente caiu em desuso, apesar de eventuais recaídas, e nas discussões sobre as perspectivas imediatas se comprova uma saudável postura que leva os profissionais a entenderem o filme também como um produto que está ligado à economia e ao mercado.

O quadro atual mostra cerca de quarenta títulos compondo o "pacote 95 do cinema brasileiro", entre filmes já prontos para serem exibidos, outros em fase de acabamento ou filmagem, mais os que serão rodados nos próximos meses. Este número reintroduz o Brasil na liderança latino-americana do setor e o dado mais positivo internamente é a grande variedade temática, de gêneros, de esquemas de produção e até de gerações. Veteranos como Cacá Diegues, que fará o filme mais caro da temporada – *Tieta do Agreste*, orçado em 3 milhões de dólares – , João Batista de Andrade, Walter Hugo Khouri, Hugo

Samuel Costa



Cecílio Neto

EXEMPLOS ACABADOS
No alto, *Menino Maluquinho*, de Helvecio Ratton, que tem estréia marcada para julho; acima, Nuno Leal Maia e Denise Bandeira em *Louco por Cinema*, de André Luiz Oliveira; Paulo Autran, ao lado, é o astro de um dos episódios de *A Felicidade É...*, este dirigido por Cecílio Neto

Carvana, Denoy de Oliveira, Oswaldo Caldeira, Sérgio Rezende e Tizuka Yamazaki, entre outros, se juntam à última geração, que exercitou uma inovação estética no curta e está chegando ao longa-metragem com muito gás, caso de Cecílio Neto, José Roberto Torero, Beto Brant, Ricardo Dias e Tata Amaral, de São Paulo, do gaúcho Henrique de Freitas Lima, Lirio Ferreira e Paulo Caldas em Pernambuco e outros jovens cineastas de outros Estados. Cecílio e Torero participam de um dos projetos de menor orçamento – *A Felicidade É...* –, um filme de cinco episódios ao custo de 100 mil reais, que vai encontrar seu nicho no mercado, o que inclui com certeza a veiculação pela TV, um assunto ainda envolto em controvérsias, apesar das experiências positivas realizadas pela TV Cultura de São Paulo recentemente.

Na bela geléia-geral prometida para este ano, tem lugar para tudo: documentários sobre Carmen Miranda e a Amazônia, comédias baseadas em histórias de Luiz Fernando Veríssimo e Fernando Sabino, ficção calcada

Digitalizado com CamScanner

nos personagens do dia-a-dia brasileiro, adaptações de romances e biografias consagradas, obras para o público infantil, visões regionais, personagens históricos, e até remakes. O *Cangaceiro* e O *Homem Nu*, originalmente dirigidos em 52 e 67 por Lima Barreto e Roberto Santos, voltam em versão anos 90.

É claro que ainda estamos longe do paraíso. A infra-estrutura cinematográfica do país (laboratórios, estúdios, equipamentos de ponta etc.) foi desmantelada. Muitos técnicos se viram obrigados a migrar para outras atividades. A distribuição continua problemática e ainda falta a criação de alguns mecanismos que facilitem a chegada dos investidores. O

Estevan Avelar

otimismo existe, e ele é requisito fundamental para dar uma nova largada, mas a estrutura precária ameaça comprometer todo o empreendimento.

Neste anos em que se comemora o centenário do cinema vale recorrer a uma frase famosa de Ivan Lessa: "de quinze em quinze anos o Brasil esquece os últimos quinze". No caso do cinema brasileiro é mais ou menos isso. De quinze em quinze vem a crise, e aí é preciso começar tudo de novo.

Inimá Simões

SET

A SAFRA 1995

OS FILMES NACIONAIS QUE VOCÊ VAI VER NOS PRÓXIMOS MESES

JÁ CONCLUÍDOS:

Menino Maluquinho (Dir.: Helvecio Ratton) Adaptação do best-seller do cartunista Ziraldo

Mil e Uma (Dir.: Susana Moraes) Uma cineasta busca patrocínio para o seu filme

Carmen Miranda: Banana Is My Business (Dir.: Helena Solberg) Um documentário sobre a *brazilian bombshell*

Perfume de Gardênia (Dir.: Guilherme Almeida Prado) Dona-de-casa abandona a família e se entrega ao cinema

No Rio das Amazonas (Dir.: Ricardo Dias) Uma viagem ao Rio Amazonas com o biólogo/compositor Paulo Vanzolini

Sombras de Julho (Dir.: Marcos Altemberg) No sertão mineiro, rivalidade entre famílias leva a um assassinato

O Calor da Pele (Dir.: Pedro Jorge de Castro) Drama familiar transcorrido numa casa-grande cearense

Rocky & Hudson (Dir.: Otto Guerra) Dois cowboys gays, criados pelo desenhista gaúcho Adão Iturrusgarai

O Corpo (Dir.: José Antonio Garcia) Baseado na novela *A Via Crucis do Corpo*, de Clarice Lispector

Louco por Cinema (Dir.: André Luiz Oliveira) Uma alegoria sobre a arte de fazer filmes

Produções em andamento ou em fase de conclusão:

O Amor Está no Ar (Dir.: Amylton de Almeida)

Olhos de Vampa (Dir.: Walter Rogério)

Corisco e Dadá (Dir.: Rosemberg Cariry)

As Feras (Dir.: Walter Hugo Khouri)

Terra Estrangeira (Dir.: Walter Salles Jr.)

O Cinema de Lágrimas da América Latina (Dir.: Nelson Pereira dos Santos)

O Quatrilho (Dir.: Fábio Barreto)

O Mandarim (Dir.: Julio Bressane)

Bocage, O Triunfo do Amor (Dir.: Djalma Limongi Batista)

Jenipapo (Dir.: Monique Gardemberg)

Felicidade É... (Dir.: José R. Torero, Cecílio Neto, Guilherme A. Prado, Jorge Furtado e José P. Goulart)

A Grande Noitada (Dir.: Denoy de Oliveira)

Mário (Dir.: Hermano Penna)

Arne Sucksdorff (Dir.: Fernando Camargo)

Pequeno Dicionário Amoroso (Dir.: Sandra Werneck)

Baile Perfumado (Dir.: Lírio Ferreira e Paulo Caldas)

Um Céu de Estrelas (Dir.: Tata Amaral)

Gritos de Amor (Dir.: Tizuka Yamazaki)

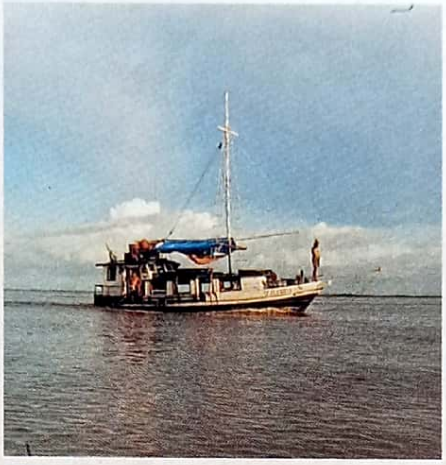
O Monge e a Filha do Carrasco (Dir.: Walter Lima Jr.)

16060 (Dir.: Vinicius Mainardi)

Índio do Brasil (Dir.: Sylvio Back)

O Guarany (Dir.: Norma Bengell)

Fotos Super Filmes



Momentos das filmagens de *No Rio das Amazonas*, do paulista Ricardo Dias (segurando o microfone na foto à esquerda); acima, duas cenas do filme nas águas do rio

Projetos em pré-produção

Tieta do Agreste (Dir.: Cacá Diegues)
Foolish Heart (Dir.: Hector Babenco)
Memorial de Maria Moura (Dir.: Leilane Fernandes)
Os Matadores (Dir.: Beto Brant)
Reunião dos Demônios (Dir.: Cecílio Neto)
As Meninas (Dir.: Emiliano Ribeiro)
O Toque do Oboé (Dir.: Claudio MacDowell)
Ed Mort (Dir.: Alain Fresnot)
O Quinze (Dir.: Augusto Ribeiro Jr.)
O Cangaceiro (Dir.: Carlos Coimbra)
Olga (Dir.: Sérgio Toledo)
Lua de Outubro (Dir.: Henrique de Freitas Lima)
A Ostra e o Mar (Dir.: Walter Lima Jr.)
Policarpo Quaresma (Dir.: Paulo Thiago)
O Que É Isso Companheiro? (Dir.: Bruno Barreto)
Tiradentes (Dir.: Oswaldo Caldeira)
Quem Matou Pixote (Dir.: José Jofilly)
Adágio ao Sol (Dir.: Xavier de Oliveira)
O Cego que Gritava Luz (Dir.: João Batista de Andrade)
Rota 66, a Polícia que Mata (Dir.: Lui Faria)
O Despertar dos Anjos (Dir.: Murilo Salles)
Páscoa em Março, Fome e Mortaço (Dir.: Ana Carolina)
Castelo Rá-Tim-Bum (Dir.: Cao Hamburger)
Lara (Dir.: Ana Maria Magalhães)
Casa de Açúcar (Dir.: Carlos Hugo Christensen)
Buena Sorte (Dir.: Tânia Lamarca)
Anahy de Las Misiones (Dir.: Sérgio Silva)
O Homem Nu (Dir.: Hugo Carvana)
O Caso Morel (Dir.: Suzana Amaral)
Chatô, Rei do Brasil (ainda sem diretor)
Canudos (Dir.: Sérgio Rezende)
Lanterna Mágica (Dir.: Alexandre Alvarenga)

UMA NOITE NO SET

Nossa repórter acompanha as filmagens de *Um Céu de Estrelas*

Em ritmo alucinado de gravações, a equipe de *Um Céu de Estrelas* prepara-se para mais uma madrugada de filmagens. O primeiro longa-metragem de Tata Amaral mostra um dia no cativeiro da cabeleireira Dalva (Alleyona Cavalli) que é seqüestrada pelo namorado, o metalúrgico Victor (Paulo Vespúcio Garcia), depois de vencer um concurso e ganhar uma viagem para Miami.

Após duas semanas de gravações diurnas, e mais duas durante a noite, chega finalmente o último dia de filmagem na principal locação, um sobrado no bairro da Lapa, em São Paulo. São 22h15 e a equipe vai chegando. O jantar, feito em uma cozinha improvisada na garagem da casa, vai sendo servido. Parece uma equipe que trabalha em silêncio, tudo muito quieto; mas a explicação vem logo em seguida, quando as pessoas começam a se agitar: estavam gravando os trechos em off da fita.

A partir daí a coisa se transforma, parece mais um almoço de família italiana. "Depois de um mês juntos, viramos uma trupe circence, meio familiar mesmo", revela Hugo Kovensky, diretor de fotografia e co-produtor do filme.

A casa escolhida, onde moram "neo-hippies", passou por várias adaptações para se transformar num cenário perfeito que acomodasse "o drama que se transforma em tragédia", define a atriz Alleyona Cavalli.

A elaboração do filme, em um mês, foi facilitada pelo uso de uma nova técnica no mercado cinematográfico brasileiro. A câmera Aaton Super 16 mm possibilita a pós-produção em equipamento digital e posterior ampliação para 35 mm, com economia de tempo e dinheiro.

Carlos Mancini

Numa das seqüências, o uso da câmera Aaton Super 16 mm

Começa a preparação da rodagem da última cena do filme. A diretora e os atores se retiram e pedem privacidade. Parece um momento sagrado. "É preciso muito cuidado, da mesma forma que na elaboração de um curta, só que o ritmo narrativo de um longa-metragem é diferente, uma cena pode ser muito legal e a outra muito chata, exigindo muito mais delicadeza. Não quero que seja um filme chato", diz Tata Amaral.

Ellen Alaver

SOMENTE ELAS

Três mulheres viajam pelos EUA em busca do sentido da vida

O maior problema de *Somente Elas* é que você já viu *Thelma e Louise* (filme melhor e mais plausível, melhor dirigido, mais inteligente e melhor escrito) sobre fortes laços de amizade entre mulheres num mundo não necessariamente hospitaleiro ao gênero. Comandado pelo mesmo Herbert Ross que deu ao mundo o xaroposo (e inacreditavelmente superelogiado) *Flores de Aço*, *Somente Elas* é um filme feito quase única e exclusivamente para fazer chorar.

O núcleo central da história é formado por Jane (Whoopi Goldberg), cantora de rock determinada a melhorar de vida no trabalho e no amor, Holly (Drew Barrymore), ex-namorada de um traficante também necessitada de novos ares, e a agente imobiliária Robin (Mary-Louise Parker).

Reunidas num mesmo carro, as três decidem percorrer os Estados Unidos de costa a costa, saindo de Pittsburgh com destino a Los Angeles. Mas não passam de Tucson, no Arizona, e no percurso formam uma espécie de família, em que Jane (lésbica e bem mais velha que as duas outras) funciona como a matriarca. A união das três é auxiliada pela descoberta de que Holly espera um bebê, mas sofre um abalo brutal quando se sabe que Robin está com Aids.

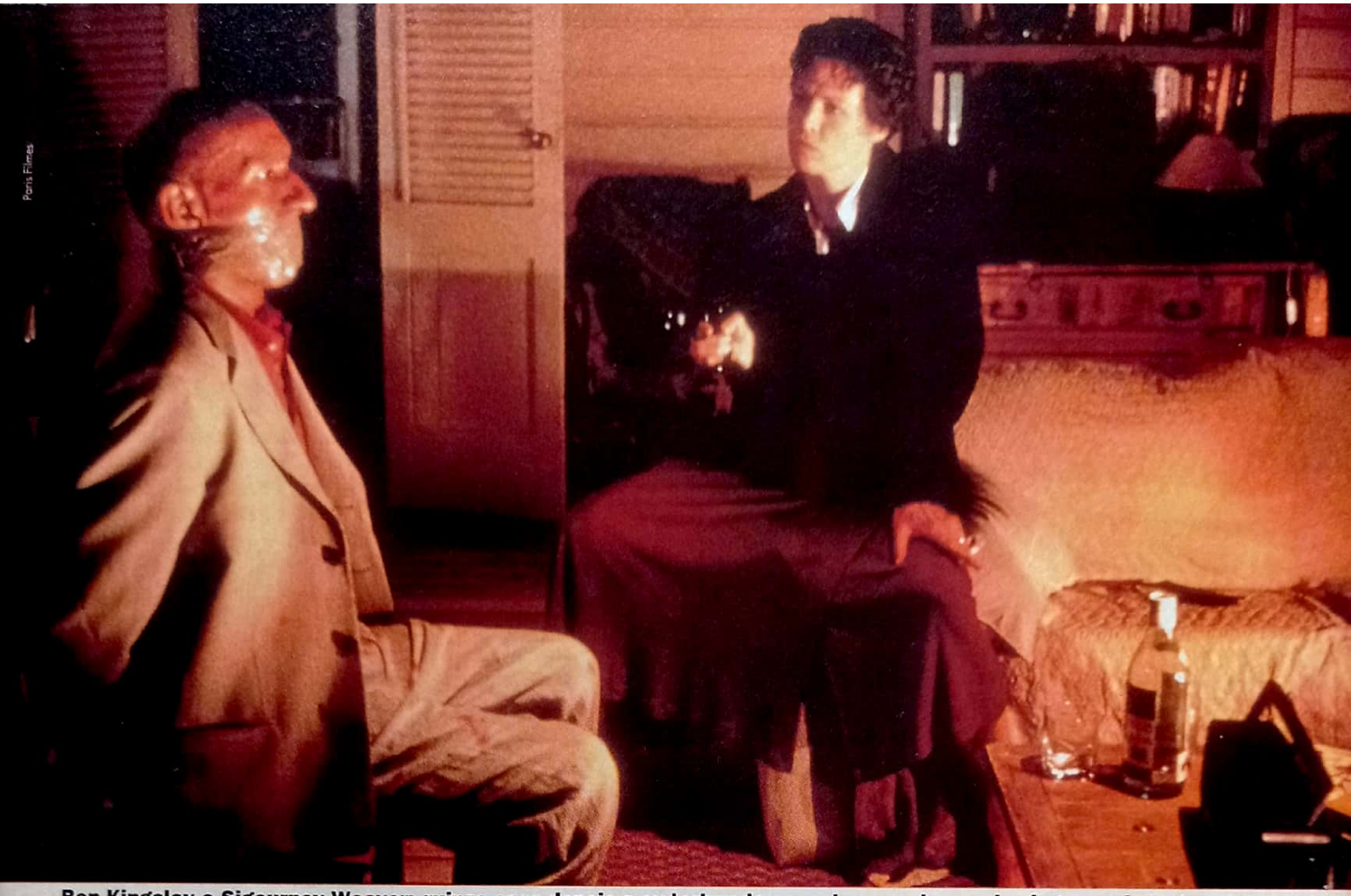
Pelo menos Ross teve a inteligência de se referir a *Thelma e Louise* num diálogo espirituoso e bem bolado. Mas, apesar de suas qualidades – Parker ganhou talvez o melhor papel de sua carreira e Whoopi Goldberg consegue emergir valente e memorável da camada de açúcar que envolve o filme –, *Somente Elas* peca por simplificar a questão do sexo seguro (quem transar com o primeiro que aparecer ou engravida ou morre) e por reduzir os homens a clichês negativos.

José Emilio Rondeau

Boys on the Side, EUA, 1995 ▪ DIREÇÃO: Herbert Ross ▪ ROTEIRO: Don Roos ▪ FOTOGRAFIA: Donald E. Thornin ▪ MÚSICA: David Newman ▪ SOM: Jim Webb ▪ MONTAGEM: Michael R. Miller ▪ Com Whoopi Goldberg, Mary-Louise Parker, Drew Barrymore, Matthew McConaughey, James Remar, Billy Wirth ▪ DISTRIBUIÇÃO: Warner ▪ DURAÇÃO: 117 min.

Abaixo, Whoopi Goldberg, Mary-Louise Parker e Drew Barrymore com o pé na estrada. À esquerda, Goldberg como a cantora frustrada

Warner



Ben Kingsley e Sigourney Weaver: quinze anos depois a ex-torturada encontra sua chance de vingar-se do torturador

A MORTE E A DONZELA

Roman Polanski dirige com mão firme trama sobre a tortura

Os créditos iniciais dizem que a história se passa "em algum país da América Latina, após a queda do regime ditatorial". Sendo Ariel Dorfman – autor desta peça que Roman Polanski adapta para as telas – chileno, não é difícil imaginar que país é este. Ainda assim, o drama da mulher que ganha a chance de se vingar de seu torturador cai como uma luva em qualquer país que tenha passado pela experiência da ditadura.

Não é uma tarefa pequena esta de combinar um tema tão amplo a uma trama centrada em três únicos personagens e presa a um único cenário. O resultado, porém, não é esquemático e nem chato. Polanski filma com absoluta convicção e com aquele seu conhecimento por vezes constrangedor das mesquinharias e inadequações que orientam as ações de seus personagens, mesmo quando eles poderiam parecer heróicos.

Senão, vejamos: Paulina Escobar (Sigourney Weaver), submetida a tortura e estuprada inúmeras vezes ao ser presa quando estudante, jamais revelou um segredo sequer à polícia. Quinze anos depois, no entanto, quando a encontramos, ela se tranca dentro de um armário para melhor usufruir seu jantar. Seu marido, Gerardo (Stuart Wilson), é um advogado de esquerda que acaba de assumir a chefia de um comitê que investiga violações aos direitos humanos no período da ditadura. Mas tem medo de contar à mulher que aceitou o posto. E o dr. Roberto Miranda (Ben Kingsley) parece um homem gentil e corajoso o suficiente para dar carona ao desconhecido Gerardo numa estrada isolada. Mas é nele que Paulina reconhece a voz de seu torturador – a quem nunca viu, por estar sempre vendada.

A primeira providência de Paulina é jogar o carro do dr. Miranda morro abaixo. Afinal, ter o ex-carrasco confinado à sua casa – que fica no meio do nada, próxima a uma costa violenta – parece um presente caído dos céus. O que Paulina quer, porém (ou diz que quer), não é vingança, e sim justiça. Se Miranda confessar seus crimes, vive. Se insistir em negá-los, morre. E nada melhor para arrancar uma confissão do que torturar o suspeito, conclui Paulina.

Nesse ponto, Polanski e Dorfman distribuem de fato os papéis: vítima e carrasco (sempre invertendo posições), advogado de defesa (atribuição que o marido se impõe, para espanto de Paulina) e júri. Este último personagem cabe ao espectador, que deve decidir quem está certo: se Paulina ou se o dr. Miranda, que nega ter torturado a donzela.

Não há como (e nem por quê) conduzir um filme destes com mão leve. Polanski mostra estar à altura da história, explorando ao máximo a tensão – às vezes até o ponto do riso – e a competência de seu elenco. Mas o nervosismo a que o diretor submete a platéia não é um artifício. Ele advém de um problema real: como julgar? Que provas são suficientes? Qual punição é cabível, e quais outras resvalariam no sadismo? Ao final, ele ainda nos faz dividir com Paulina um dilema ético: a constatação de que, diante de certas barbaridades, não há reparos possíveis.

Isabela Boscov

Death and the Maiden, EUA/França/Inglaterra, 1994 ■ DIREÇÃO: Roman Polanski ■ ROTEIRO: Rafael Yglesias e Ariel Dorfman, baseado na peça homônima de Dorfman ■ MONTAGEM: Herve De Luze ■ FOTOGRAFIA: Tonino Delli Colli ■ MÚSICA: Wojciech Kilar ■ Com Sigourney Weaver, Ben Kingsley, Stuart Wilson ■ DISTRIBUIÇÃO: Paris Filmes ■ DURAÇÃO: 103 min.

JEFFERSON EM PARIS

Produção enfatiza os detalhes históricos da vida do embaixador

Quando se percebe que a melhor coisa de *Jefferson em Paris* é um personagem secundário que só aparece no terço final do filme, conclui-se que há muito de errado na primeira produção do produtor Ismail Merchant com o diretor James Ivory de uma história americana.

A reprodução de época é inebriante, a fotografia faz as cenas parecerem quadros, mas falta substância à produção, algo até então inconcebível, em se tratando de Merchant & Ivory. Como está, esse filme parece uma tese de mestrado de um aluno de cinema vidrado na dupla, e não o produto verdadeiro.

No papel de Thomas Jefferson, o recém-empossado embaixador dos Estados Unidos na França (e futuro presidente americano), Nick Nolte está mais duro que um boneco de pau, aprisionado por falas muitas vezes mais parecidas com discursos, e é incapaz de nos deixar enxergar melhor a alma de um homem tão fascinantemente ambíguo, que defendia a igualdade entre os homens mesmo sendo dono de 160 escravos. A proposta do filme – explorar essa ambivalência e o "renascimento" de Jefferson em Paris, em meio à eclosão da Revolução Francesa – jamais é cumprida a contento, com idas e vindas que nos confundem a tal ponto de não mais se interessar pelo filme.

A direção enfatiza com dedicação copiosa os detalhes históricos – a máquina usada por Thomas para copiar seus documentos; o guarda-roupa e a maquiagem de época; a cronologia dos fatos – e, ao fazê-lo, esquece da coesão do filme como um todo: sem se informar antes, por exemplo, ninguém saberá que os problemas com o braço de Jefferson tornaram-se uma obsessão do personagem. Como está, o braço ferido de Jefferson parece uma questão desmedida, exagerada, não merecedora de tanta atenção. Mas o fato é que esse problema físico tornou-se uma obsessão de Thomas por toda a vida, e isso não fica nem um pouco claro.

Transformar em diálogo a famosa correspondência mantida por Jefferson, então viúvo, com seu amor platônico, a pintora Maria Cosway (Greta Scacchi), pode ser um recurso de narrativa genial bolado pela premiada roteirista Ruth Prawer Jhabvala, mas nas mãos de Nolte e Greta não passa de teleteatrinho: falta a ambos o peso, a dinâmica e capacidade emotiva de um Anthony Hopkins e de uma Emma Thompson.

O grande achado do filme – começá-lo com o encontro em que um repórter ouve um ex-escravo (James Earl Jones) dizer que é filho ilegítimo do ex-presidente americano – se perde sem conclusão satisfatória. Mas pelo menos serve de ponte para a entrada em cena da melhor peça do elenco, a atriz Thandie Newton (vista recentemente nos braços de Brad Pitt em *Entrevista com o Vampiro*). Como Sally, enfermeira de uma das filhas de Jefferson e amante do patrão, Thandie nos dá a única personagem verdadeiramente completa e humana do filme. Só ela nos faz se importar com o que se passa na tela. E toda vez que entra em cena engole tudo à sua volta.

J.E.R.

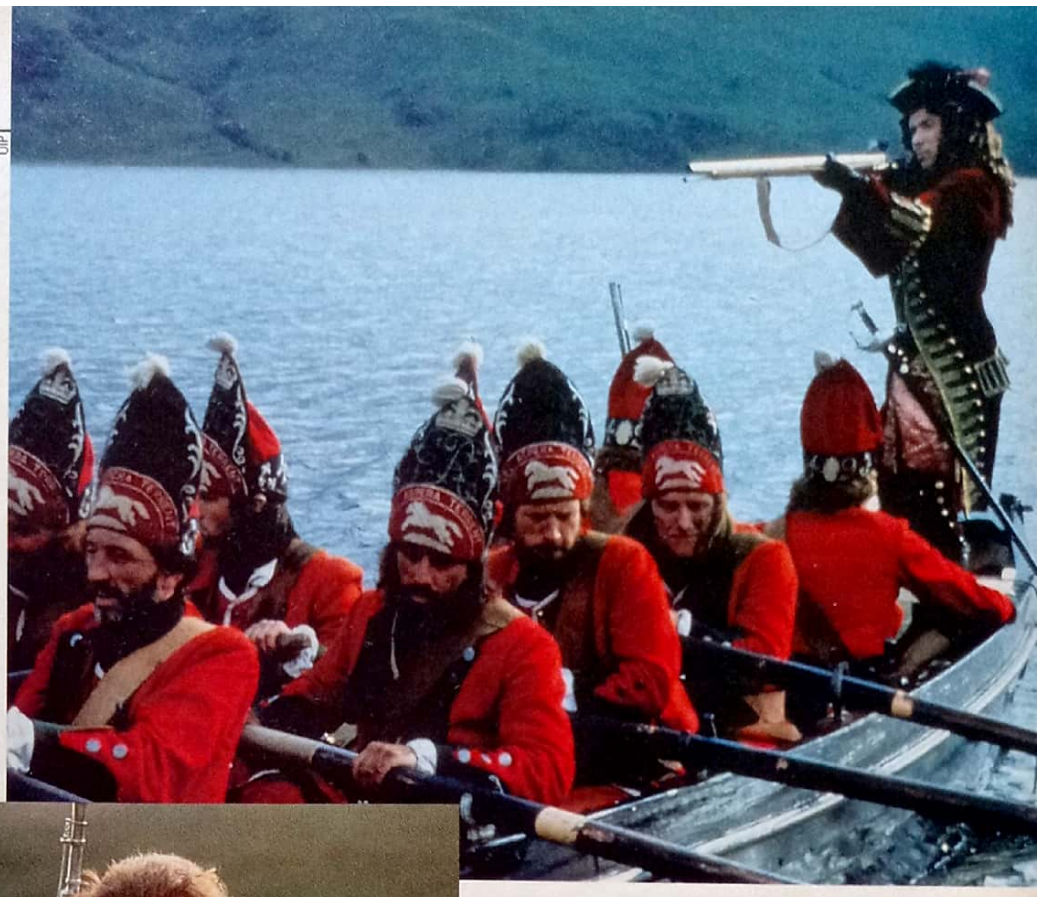
Columbia Buena Vista

Jefferson in Paris, EUA, 1995 ▪ DIREÇÃO: James Ivory ▪ ROTEIRO: Ruth Prawer Jhabvala ▪ FOTOGRAFIA: Pierre Lhomme ▪ MONTAGEM: Andrews Marcus e Isabel Lorente ▪ MÚSICA: Richard Robbins ▪ Com Nick Nolte, Greta Scacchi, Jean-Pierre Aumont, Simon Callow, Seth Gillian, James Earl Jones, Gwyneth Paltrow, Thandie Newton ▪ DISTRIBUIÇÃO: Columbia Buena Vista ▪ DURAÇÃO: 136 min.

Acima, Nick Nolte como Thomas Jefferson e sua amante Greta Scacchi; ao lado, amostra do apuro visual da produção

ROB ROY – A SAGA DE UMA PAIXÃO

Homenagem ao gênero capa e espada é valorizada pelos vilões


UIP

O herói Rob Roy (Liam Neeson) encara o ardiloso Cunningham (Tim Roth, acima) e seus asseclas para salvar suas terras

Apesar do elenco contemporâneo e dos valores modernos de produção, *Rob Roy* é uma aventura de capa e espada à moda antiga, bem nos moldes daquelas realizadas nos anos 40 e 50. O personagem-título, Rob Roy, é um herói escocês do século 18, pouco conhecido fora de seu país, que colocava a honra e a lealdade acima de tudo na defesa dos justos, dos fracos e oprimidos.

Com este filme, o jovem diretor Michael Caton-Jones prova ser apto tanto nos dramas de ação-aventura, como *Memphis Belle – A Fortaleza Voadora*, quanto na comédia romântica, *Dr. Hollywood – Uma Receita de Amor*. Aqui, ele sabiamente foge dos maneirismos e dos trejeitos tão comuns às pretensas "modernizações" de um gênero tão específico e ritualizado, já que tentar atualizá-lo resulta em um pastiche não intencional. Ao contrário, Caton-Jones aborda o gênero com respeito e carinho, sem pretensão alguma de reinventá-lo.

O catalizador de *Rob Roy* é a arapuca montada pelo agregado de um magnata inglês, quando Rob (Liam Neeson) toma emprestado mil libras esterlinas do ardiloso e ambicioso Marquês de Montrose (John Hurt) para ajudar seu clã em meio a um inverno rigoroso. Mas o agregado Cunningham (Tim Roth), informado por um auxiliar de Montrose, traça um plano para que o dinheiro jamais chegue às mãos de Rob, tornando-o, assim, devedor de uma quantia impossível de se pagar. Isso agrada ao Marquês e seus asseclas, pois podem tomar para si as terras de Rob.

Inicia-se uma série de embates entre os peões de Montrose, Cunningham – a essa altura alçado ao posto de executor do Marquês – e Rob pelo pagamento da dívida, culminando com o estupro da mulher de Roy, Mary (Jessica Lange), mulher forte e dedicada que prefere ocultar o ocorrido e, assim, evitar um confronto entre o marido e seus inimigos, o que fatalmente custaria a vida de Roy.

Os vilões valorizam muito o filme, e praticamente o roubam. O Montrose de John Hurt é uma cascavel tão venenosa que calafrios percorrem a espinha da platéia toda vez que o olhar dele se dirige à câmera. Já Tim Roth saboreia o poder letal de seu Cunningham psicótico como se estivesse num filme de Quentin Tarantino: ás da espada, Cunningham pode ter modos efeminados e subservientes diante do Marquês e dos poderosos da corte, mas ele é uma arma de matar infalível – e sem remorsos. Debaixo da peruca, dos brocados e da maquiagem, habita um monstro assustador.

Diante de personagens tão fortes, o herói-título empalidece frente a seus oponentes. O homem rude e honrado de Liam Neeson pode prevalecer, mas ver Montrose e Cunningham arquitetando maldade acaba sendo muito mais divertido.

J.E.R.

Rob Roy, EUA, 1995 ▪ DIREÇÃO: Michael Caton-Jones ▪ ROTEIRO: Alan Sharp ▪ FOTOGRAFIA: Joe Dunton ▪ MONTAGEM: Peter Honess ▪ MÚSICA: Carter Burwell ▪ FIGURINOS: Sandy Powell ▪ Com Liam Neeson, Jessica Lange, John Hurt, Tim Roth, Eric Stoltz, Andrew Keir, Brian Cox ▪ DISTRIBUIÇÃO: UIP ▪ DURAÇÃO: 139 min.

ALMAS GÊMEAS

Diretor neozelandês cria fábula sobre a busca adolescente do prazer

Quando um filme de qualidade insuspeita e de conteúdo não convencional cruza o caminho da Academia de Hollywood, ela muitas vezes não sabe o que fazer. Reconhece seu valor, então, indicando-o para uma categoria menor. Foi o que aconteceu com o neozelandês *Almas Gêmeas*, nome inadequado para *Heavenly Creatures*, uma das surpresas cinematográficas de 1994. O filme foi indicado para o Oscar de roteiro original (categoria na qual *Tempo de Violência – Pulp Fiction* reinou soberano), além de ter levado, entre outros, o Leão de Prata de melhor diretor no Festival de Veneza e o Prêmio da Crítica no Festival de Toronto.

O alarde não é exagerado. Quarto filme do diretor Peter Jackson, conhecido no Brasil pela sua comédia de terror escatológico *Fome Animal*, a obra representa uma mudança narrativa que consolida seu nome como um dos mais promissores no panorama atual. O filme investiga um caso verídico de assassinato não se apoiando exclusivamente em fatos, mas na relação entre as duas perpetradoras do crime. Narra em estilo conto-de-fadas a forte amizade que nasce entre duas adolescentes numa cidadezinha da Nova Zelândia em 1954, e como a relação obcecada de ambas as leva a assassinar a mãe de uma delas.

Apesar do entrecho mórbido, traduzido em um clima crescentemente asfixiante, Jackson, co-autor do roteiro, criou uma fábula sobre o limite entre a realidade e a fantasia, sobre o prazer e o pecado, sobre o processo de maturidade de duas jovens que, longe de serem carrascas, são meninas-moças que se apaixonam e criam um mundo próprio para levar a cabo harmonicamente uma relação sem limites morais.

Pauline (Melanie Lynsky), a jovem humilde que narra o filme a partir de escritos de seu diário, e Juliet (Kate Winslet), a menina rica da Inglaterra que já viajou pelo mundo, são hiperativas, vivem em um estado de quase orgasmo constante e criam o conceito de Quarto Mundo, um paraíso idílico de música, arte e puro deleite descoberto por elas no "dia em que Jesus morreu". Ateísmo e imaginação se cruzam com sensualidade no universo cada vez mais alienado e obcecado das protagonistas, fãs de carteirinha do cantor Mario Lanza (muito importante na trama) e que nutrem uma relação de paixão e ódio pelo cineasta Orson Welles (em um de seus delírios, elas "entram" no filme O *Terceiro Homem*, aterrorizadas).

A investigação psicológica e onírica de Jackson não nos apresenta respostas, não dá pistas sobre a existência paralela de Borovnia, aldeia localizada no Quarto Mundo, nem define a obsessão entre as "criaturas divinas" como sendo de origem literalmente homossexual. É este amplo espectro, que conduz a trama sem fechá-la em leituras reducionistas, que engrandece a obra e a transforma em um conto perturbador e poético sobre a busca da felicidade a partir do prazer desenfreado. Nas mãos de duas excelentes atrizes estreantes, que interpretam almas em pleno jogo de sobrevivência, o filme entra obrigatoriamente na lista dos melhores do ano.

Christian Petermann

Heavenly Creatures, Nova Zelândia, 1994 ■ DIREÇÃO E CO-PRODUÇÃO: Peter Jackson ■ ROTEIRO: Peter Jackson e Frances Walsh ■ MÚSICA: Peter Dasent ■ FOTOGRAFIA: Alun Bollinger ■ MONTAGEM: Jamie Selkirk ■ EFEITOS DIGITAIS: George Port ■ DESENHO DE PRODUÇÃO: Grant Major ■ Com Melanie Lynsky, Kate Winslet, Sarah Peirse, Diana Kent ■ DISTRIBUIÇÃO: Look Filmes ■ DURAÇÃO: 99 min.

Look Filmes

Kate Winslet e Melanie Lynsky numa seqüência de delírio na fábula do diretor neozelandês Peter Jackson

PlayArte

Isabella Rossellini e Campbell Scott: envoltos por amor e suspense

O INOCENTE

Trama de suspense e romance aterrissa no óbvio e estraga o final

John Schlesinger foi uma das grandes promessas dos anos 60 (ele dirigiu *Perdidos na Noite*) que acabou afundando em filmes medíocres. Este *O Inocente*, se não redime o diretor, pelo menos restaura um pouco de fé nas suas possibilidades. É uma estranha mistura de romance e suspense passada nos anos áureos da guerra fria, numa Berlim dividida, que parece coberta de espiões.

Campbell Scott é o homem que retorna a Berlim nos anos 80 (por ocasião da queda do muro) para reencontrar o primeiro amor. Os flashbacks revelam as lembranças de seus primeiros encontros, quando ele, um jovem técnico em eletrônica, veio à capital alemã para trabalhar junto à inteligência britânica, mas foi logo cooptado pelos americanos, liderados por um quase inacreditável *sir* Anthony Hopkins com sotaque ianque. Naturalmente, todo mundo, em todos os setores divididos da cidade, espiona todo mundo. Numa incursão ao lado oriental, ciceroneada pelo personagem de Hopkins, o jovem acaba conhecendo Maria (Isabella Rossellini, de cabelo claro, que a deixa muito parecida com a mãe, Ingrid Bergman – e isto só acentua o lado romântico do filme). Eles se apaixonam. Como todo mundo desconfia de todo mundo, logo Hopkins coloca suas barbas de molho com relação a Maria.

Então ocorre um assassinato. O surpreendente no filme de Schlesinger é a desenvoltura com que ele salta de um gênero a outro. Ele é capaz de prender a atenção do espectador como num bom suspense do mestre Hitchcock, a quem *O Inocente* deve muitos pés de película.

No entanto, quando a história parece caminhar para um desenlace interessante o óbvio aterrissa com todo o seu peso, comprometendo um pouco o filme, que acaba valendo pelos bons momentos de interpretação de Hopkins e Scott e pela beleza subitamente clara de Isabella Rossellini.

Cadão Volpato

The Innocent, EUA, 1994 ■ DIREÇÃO: John Schlesinger ■ ROTEIRO: Ian McEwan, a partir de seu livro homônimo ■ MÚSICA: Gerald Gouriet ■ FOTOGRAFIA: Dietrich Lohmann ■ Com Anthony Hopkins, Isabella Rossellini, Campbell Scott ■ DISTRIBUIÇÃO: PlayArte ■ DURAÇÃO: 119 min.

TOP DOG – UMA DUPLA ANIMAL

Chuck Norris divide a cena com um cachorro e mostra seu lado humano

Você já viu este filme antes, mas não com Chuck Norris. Em 1989, foram lançados dois filmes que colocavam um cachorro como parceiro de um policial: um com James Belushi, o *K-9 – Um Policial Bom pra Cachorro*, e o sem graça *K-9000 – Um Policial Mil Vezes Melhor*.

Chuck Norris volta à cena depois de ter se dedicado somente à série de TV *Walker, Texas Ranger*. E volta por cima, mostrando que está em plena forma aos 56 anos de idade. Um dos motivos que fizeram Chuck aceitar o papel foi a insistência do diretor (e também seu irmão), Aaron Norris. O karateca diz ainda que gostou do roteiro, com altas doses de humor, o qual o coloca numa posição mais humana do que em seus outros trabalhos no gênero ação.

PlayArte

Chuch Norris e Reno: uma dupla de policiais imbatíveis

É lógico que Chuck Norris dá socos e pontapés (tem uma cena em que ele acaba com uns trinta caras sozinho e só é derrubado porque lhe acertam na nuca), mas o legal é que o cachorro Reno – engraçadíssimo e muito bem-treinado – divide as atenções com o astro das artes marciais.

Reno, na verdade, era o companheiro, condecorado como herói da polícia de San Diego, e única testemunha de um policial assassinado. Norris é escalado, então, para desvendar o crime. Acostumado a não ter parceiros, agora tem que conviver com o peludo, que é a sua cara – adora uma bagunça. No convívio diário, percebe que Reno tem um "faro" todo especial e que será um elemento fundamental para evitar que uma seita neonazista assassine três líderes religiosos – um papa, um negro e um judeu – na cerimônia pela união mundial das raças.

Top Dog – Uma Dupla Animal foge do estigma de ser apenas mais um filme de artes marciais. Por isso, é diversão garantida. Aliás, o diretor de fotografia é o brasileiro João Fernandes, que já trabalhou em outras produções de Chuck Norris.

Deborah Peleias

Top Dog, EUA, 1994 ■ DIREÇÃO: Aaron Norris ■ ROTEIRO: Ron Swanson ■ FOTOGRAFIA: João Fernandes ■ MONTAGEM: Peter Schink ■ Com Chuck Norris, Reno, Carmine Caridi, Peter Savard Moore, Kai Wulff, Erik von Detten, Michele Lamar Richards ■ DISTRIBUIÇÃO: PlayArte ■ DURAÇÃO: 97 min.

A dona da noite.

A MTV agora é a primeira e única emissora aberta 24 horas no ar.
Novos programas para você varar as madrugadas e clips, muitos clips para embalar os seus sonhos.
O tempo está do nosso lado e você terá muito mais música no seu horizonte.

Por enquanto não vemos ninguém na nossa frente, se é que você nos entende.

MTV MUSIC TELEVISION®

JORNADA NAS ESTRELAS – A NOVA GERAÇÃO

Sétimo filme derivado do veneradíssimo seriado de TV e o primeiro a ser concebido com a segunda tripulação da Enterprise. Para acolchoar uma trama que embola os prazeres e perigos do paraíso, vida após a morte, o roteiro não apenas combina as duas tripulações diferentes, independente do fato de que nada menos que um século separa os dois times, como também junta os dois capitães, Kirk e Picard, numa exploração do além. O que mais incomoda nesse novo filme é a maneira como uma boa idéia inicial – enviar Kirk e Picard na missão de impedir que o cientista Dr. Soran (Malcolm McDowell) destrua a humanidade para atingir seu nirvana pessoal – resulta tão forçada e frustrante para o público. *J.E.R.*

(Star Trek Generations, EUA, 1994) Direção: David Carson. Com William Shatner, Patrick Stewart, Malcolm McDowell, Brent Spiner, Jonathan Frakes. UIP.

EPIDEMIA

Em outubro de 1992, a revista semanal *New Yorker* publicou um artigo a respeito da luta de uma equipe militar de análise biológica para evitar que um vírus letal e altamente contagioso – mil vezes mais forte que o vírus da gripe que matou 20 milhões de pessoas em 1918 – escapasse ao controle dos cientistas num laboratório em Frederick, Maryland, a poucos quilômetros da Casa Branca. Havia aí um argumento, que o produtor Arnold Kopelson logo transformou em roteiro, colocou um pouco de romance entre os personagens principais (Dustin Hoffman e Rene Russo), uma conspiração governamental e investiu US$ 60 milhões na produção. A história do filme começa quando o coronel Sam Daniels (Dustin), ao voltar de uma missão na África, onde fôra investigar um vírus novo e misterioso que está dizimando a população de um vilarejo, comunica ao seu superior, o general Billy Ford (Morgan Freeman) que os EUA precisam entrar em prontidão contra uma possível epidemia. A reação do general, no entanto, surpreende Daniels: ele é desligado da pesquisa. No final, o tal vírus chega e os moradores da cidade imaginária de Cedar Creek passam a morrer da mesma forma que os africanos contaminados, sangrando por todos os orifícios do corpo. *J.E.R.*

(Outbreak, EUA, 1995) Direção: Wolfgang Petersen. Com Dustin Hoffman, Rene Russo, Morgan Freeman, Kevin Spacey, Cuba Gooding Jr. Warner.

UIP

Jornada nas Estrelas – A Nova Geração

BARCELONA

Este filme de Whit Stillman foi um dos maiores e mais surpreendentes sucessos dos independentes americanos no ano passado. Além de ter atingido maior receptividade junto ao público que o primeiro filme do diretor, *Metropolitan*, confirmou também junto à crítica o estilo sutil e sofisticado que Stillman elabora ao escrever diálogos e criar situações cômicas. *Barcelona* acompanha as (des)venturas românticas e políticas de dois primos americanos em Barcelona no fim da Guerra Fria. *Ch.P.*

(Barcelona, EUA, 1994) Direção: Whit Stillman. Com Taylor Nichols, Chris Eigeman, Tushka Bergen, Mira Sorvino. Look Filmes.

O CÍRCULO VICIOSO – A VIDA DE DOROTHY PARKER

A escritora Dorothy Parker (1893-1967) parecia viver em eterno estado de embriaguez, pelo menos de acordo com a interpretação "inebriante" de Jennifer Jason Leigh, que entra em cena no filme de Alan Rudolph como se emergisse de um cálice de dry martini. O círculo vicioso do título era a mesa redonda do hotel Algonquin, em torno da qual as cabeças mais brilhantes e ferinas dos anos 20 se reuniam para destilar veneno, poesia, pensamentos lapidares e acidez cômica, em geral contra a mediocridade do próximo. Neste ponto, palmas para a interpretação contida de Campbell Scott como Robert Benckley, o humorista que se tornou uma espécie de amor platônico de Dorothy. *C.V.*

(Mrs. Parker and the Vicious Circle, EUA, 1994) Direção: Alan Rudolph. Com Jennifer Jason Leigh, Campbell Scott, Matthew Broderick, Andrew McCarthy. PlayArte.

6 DIAS, 6 NOITES

Realizadora francesa intimista por excelência, Diane Kurys com este último longa confirma sua predileção por temas fortes e pessoais. Ambientado nos dias atuais, em Paris, a trama se passa entre quatro paredes. Alice (Parillaud) é uma artista plástica que começa uma vida nova ao lado do jovem Frank (Aurignac), mas é surpreendida no dia da mudança por sua irmã Elsa (Dalle) que chega de mala e cuia após abandonar o marido e suas filhas. Instala-se, então, um triângulo amoroso anticonvencional. *J.F.*

(A la Folie, França, 1994) Direção: Diane Kurys. Com Anne Parillaud, Beatrice Dalle, Patrick Aurignac, Alain Chabat, Bernard Verley. Lumiere.

BOLSA DE CINEMA

A Macedônia e o Brasil batem as grandes produções internacionais e ganham os dois primeiros lugares

	Inácio Araujo Folha de S. Paulo	Neusa Barbosa Veja São Paulo	Luiz Zanin Oricchio Estado de S. Paulo	Luciano Trigo O Globo	Hugo Sukman Jornal do Brasil	Rubens Ewald Filho HBO	Christiane Couto MTV	Cleber Eduardo Diário Popular	Alessandro Giannini Jornal da Tarde	José Emilio Rondeau SET	Média
Antes da Chuva **(Lumière)**	–	9	8	9	8	7	–	6	9	–	8.0
Sábado **(Filmes do Estação)**	8	7	7	7	6	7	–	7	8	–	7.1
Epidemia **(Warner)**	–	8	6	7	–	6	–	7	6	7	6.7
Blue Sky – Céu Azul **(Columbia TriStar)**	5	7	6	6	5	7	8	6	8	7	6.5
O Indomável **(Paris)**	6	8	6	7	5	6	6	7	6	8	6.5
Jornada nas Estrelas – A Nova Geração **(UIP)**	–	8	3	7	–	5	–	6	–	6	6.0
Barcelona **(Look)**	–	–	4	–	6	5	–	7	–	6	5.6
Tóquio em Decadência **(Paris)**	–	–	5	–	–	–	–	6	5	6	5.5
De Amor e de Sombras **(Look)**	–	–	6	–	7	5	–	–	2	–	5.0
À Beira da Loucura **(PlayArte)**	7	1	–	–	–	4	–	5	–	–	4.2

JACQUES TATI

O DEMOLIDOR SILENCIOSO

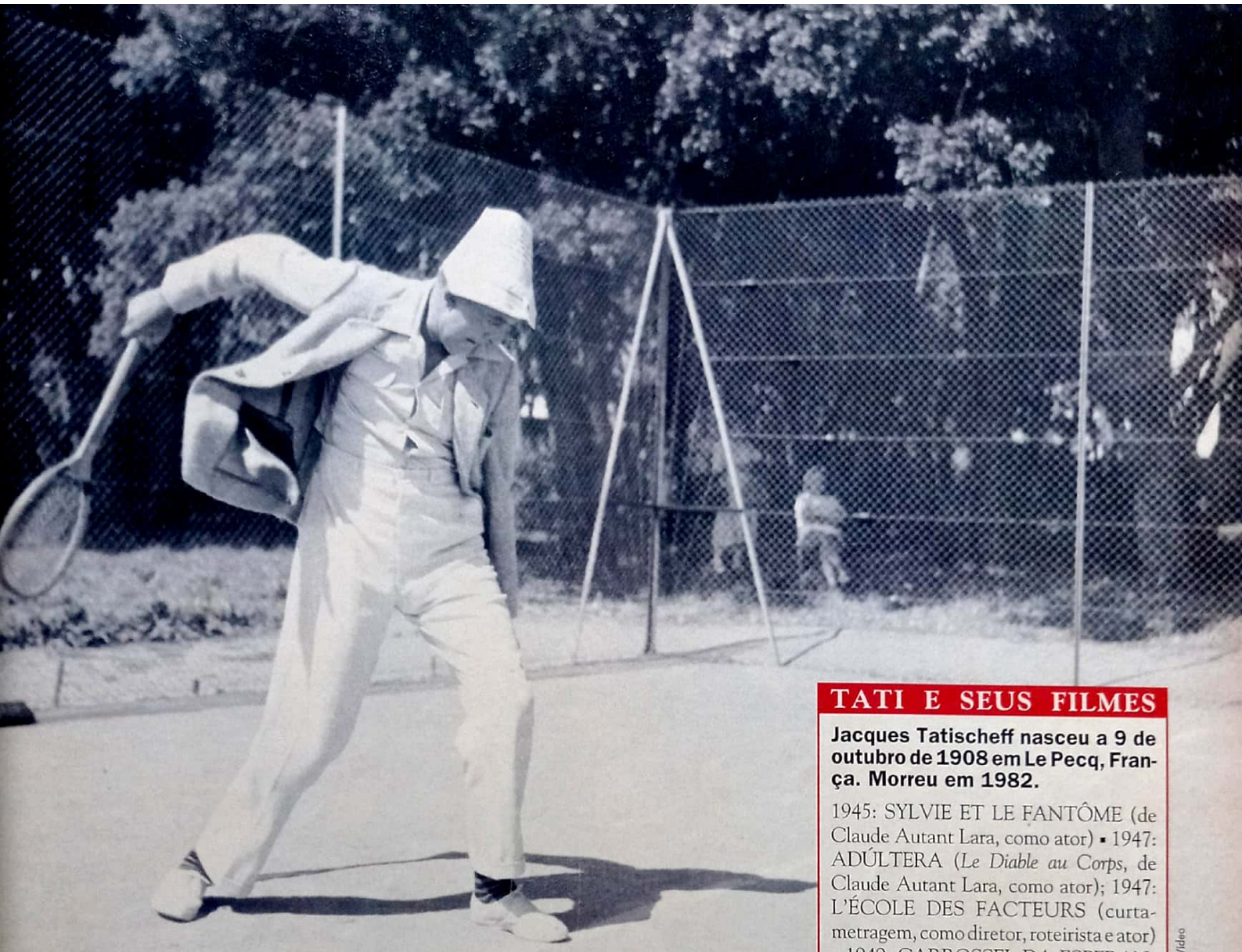
Herdeiro dos mestres do cinema mudo, o cineasta inventou um personagem inesquecível, monsieur Hulot, que lutava poeticamente contra um mundo massacrado pela técnica

Jacques Tati dirigiu apenas seis longas-metragens: seis filmes que compõem uma das obras mais consistentes da história do cinema. Filho de pai russo e mãe francesa, com um avô russo, outro holandês, uma avó francesa e outra italiana, Tati cresceu sob a influência de diversas culturas. Dedicou-se primeiramente ao atletismo: com 1,87 metro de altura, praticou futebol, tênis, boxe, natação e rúgbi. Sua carreira artística iniciou-se no teatro, como mímico. Começou a trabalhar em cinema em 1932, interpretando pequenos papéis, escrevendo roteiros para curtas-metragens até 1938. Em 1939, engajou-se como soldado na Segunda Guerra; casou-se em 1944 e combateu até 1945. Teve dois filhos. Como diretor de cinema, Tati começou realizando curtas, entre os quais *L'école des Facteurs* (1947).

O primeiro longa-metragem de Tati, *Carrossel da Esperança* (*Jour de Fête*, 1949), é uma visão poética da província francesa, perturbada pelas primeiras ventanias da modernidade. Enquanto a pequena aldeia de Saint-Sévère prepara-se para um dia de festa, o entregador de cartas (Tati) é desafiado pela população a seguir o exemplo dos correios americanos, vistos num documentário exaltando o seu serviço veloz e eficiente, graças a mecanismos automáticos e recursos que incluem até aviões a jato.

Em *As Férias do Sr. Hulot* (*Les Vacances de Monsieur Hulot*, 1953), Tati apresenta o personagem de sua criação: alto, desajeitado, de pouca prosa, sempre de cachimbo, calças curtas, capa quadriculada, boné ou chapéu de abas, gravata borboleta e guarda-chuva. Monsieur Hulot lança um olhar crítico sobre o mundo e não se deixa enfeitiçar por seus avanços tecnológicos. Ele despreza os valores da moda, satiriza a estética dominante. Caminha contra a corrente. E como Tati herdou de Charles Chaplin e Buster Keaton a expressão através da pantomima, seus filmes seguem a tradição do cinema mudo, permanecendo essencialmente visuais. A trilha sonora é usada como um reservatório de gags dirigidas aos ouvidos, com ruídos e diálogos onomatopaicos.

Em *Meu Tio* (*Mon Oncle*, 1958), Hulot visita a irmã e o cunhado, um industrial novo-rico que, para ostentar seu status adquire uma casa ultramoderna com decoração futurista, grotesca e desconfortável. O sobrinho de Hulot sente mais simpatia pelo tio desajeitado e simples do que por seus pais ciosos da opinião alheia. O conflito de valores entre o tio e os pais é expresso por Tati através das gags visuais envolvendo a casa modernista: Hulot luta contra a fonte em forma de peixe, com o arbusto de galhos tortos que ele tenta inutilmente nivelar, com as pedras deslocadas no meio do jardim, difíceis de serem escaladas, com o irritante interfone e as janelas estranhamente redondas; Hulot coloca em xeque, com as exigências de graça, comodidade e alegria de sua existência poética, os valores adquiridos pelos donos da casa, que sacrificam o verdadeiro bem-estar às convenções sociais, fingindo uma vida harmoniosa dentro de uma casa racionalizada à maneira de uma fábrica, sem aconchego e sem alma. Esta primeira produção colorida de Tati foi um sucesso tão grande que um produtor



Tati joga tênis em *As Férias do Sr. Hulot*: gags visuais

Globo Vídeo

propôs transformar Hulot no protagonista de uma série de filmes. A idéia não agradou o cineasta, que ficou desde então seis anos sem filmar.

O filme seguinte de Tati é sua obra-prima e seu maior fracasso comercial: *Tempo de Diversão* (*Playtime*, 1965-1967). Tati mostra como a sociedade moderna uniformizou as culturas, vencendo a humanidade pela técnica, que ela supostamente criara para tornar a vida melhor. Não há mais esperança para Hulots, para os que tentam conservar algo de privado, poético e humano num mundo automatizado, horrendo e massificado, onde a beleza de uma coluna dórica foi transformada no kitsch ultrajante de uma lata de lixo com pedal.

O perfeccionismo de Tati exigiu três anos para a realização de *Playtime*. Ele construiu uma verdadeira cidade como cenário, para a qual foram utilizados 50.000 m^3 de cimento, 4.000 m^2 de plástico, 3.200 m^2 de carpete e 1.200 m^2 de vidro. Mais de cem operários trabalharam, durante cinco meses, na edificação deste espaço que cobria 15.000 m^2. Os imóveis, montados sobre trilhos, podiam ser deslocados à vontade.

Desenvolvendo até as últimas conseqüências o tema esboçado nas últimas imagens de *Playtime*, quando o congestionamento a caminho do aeroporto faz os carros darem voltas numa praça redonda, compondo um verdadeiro carrossel, do qual não se pode escapar, Tati investe, em *As Aventuras de M. Hulot no Tráfego Louco* (*Trafic*, 1971), contra o ídolo supremo da sociedade industrial: o automóvel. O filme tece comentários arrasadores sobre o comportamento dos motoristas nas estradas, suas manias e neuroses manifestadas no tráfego.

Graças à sua coerência e perfeccionismo, Tati acabou falido. Não se associou aos produtores tradicionais, recusando o sistema industrial de produção. Criticado por "perder tempo" durante as filmagens, respondeu: "Não se podem fabricar filmes como se fabricam pães". Fez poucos filmes, mas não cedeu à vulgaridade. Seu último trabalho, *Parade* (1974), produção sueca, foi exibido apenas na TV francesa.

TATI E SEUS FILMES

Jacques Tatischeff nasceu a 9 de outubro de 1908 em Le Pecq, França. Morreu em 1982.

1945: SYLVIE ET LE FANTÔME (de Claude Autant Lara, como ator) ▪ 1947: ADÚLTERA (*Le Diable au Corps*, de Claude Autant Lara, como ator); 1947: L'ÉCOLE DES FACTEURS (curta-metragem, como diretor, roteirista e ator) ▪ 1949: CARROSSEL DA ESPERANÇA (*Jour de Fête*, como diretor, co-roteirista e ator) ▪ 1953: AS FÉRIAS DO SR. HULOT* (*Les Vacances de Mr. Hulot*, como diretor, co-roteirista e ator) ▪ 1958: MEU TIO* (*Mon Oncle*, como diretor, co-roteirista e ator) ▪ 1967: TEMPO DE DIVERSÃO (*Playtime*, como diretor, roteirista e ator) ▪ 1971: AS AVENTURAS DE M. HULOT NO TRÁFEGO LOUCO* (*Trafic*, como diretor, roteirista e ator) ▪ 1974: PARADE (para a TV, como diretor, roteirista e ator)

**disponível em vídeo*

As comédias de Tati são demolições muito bem planejadas e executadas. O que elas demolem? Pura e simplesmente o mundo, com sua arquitetura e sua técnica, que a todos engolfa e mistifica. Crítico radical da modernidade, Tati realizou suas demolições em silêncio, quase por acaso, como se não desse conta da extensão da catástrofe, pela simples razão de ter conservado a lucidez num mundo progressivamente convertido em hospício.

Luiz Nazário

Dulce Damasceno de Brito

SOB O DOMÍNIO DA GARRAFA

Os astros e estrelas de ontem e de hoje que sucumbiram ao álcool por inúmeros motivos

"Meu pai bebeu até os 83 anos e nunca foi chamado de alcoólatra!", disse certa vez Richard Burton, o ator britânico nascido no País de Gales, onde o uísque fazia parte do café da manhã no lar dos mineiros de carvão. O próprio Richard tentou repetir a façanha em plena fama, mas morreu aos 58 anos, vítima de cirrose hepática. Por outro lado, a mulher que mais amou e que foi sua companheira nos homéricos porres, Elizabeth Taylor, continua bem viva, já sexagenária, mas no esplendor da sua beleza. Ironia do destino? Talvez. A verdade é que é difícil explicar por que se bebe tanto no ambiente do *show business*. Demandas do estrelato? Solidão? Frustrações profissionais?

Morei em Hollywood na época de ouro do cinema americano e fiz parte da sociedade local, freqüentando as *avant premières* com as fabulosas festas regadas a champanhe francês, uísque escocês, vodca russa etc. Era até embaraçoso passar uma noitada daquelas com um copo de refrigerante na mão e, pela euforia do sucesso e das badalações, os artistas bebiam de felicidade. Em contrapartida, também bebiam os frustrados que ainda tentavam um lugar ao sol e, muitas vezes, haviam perdido sua chance.

Anos depois, voltando a Hollywood para uma nostálgica visita, vi a diferença que havia ocorrido pela própria evolução do cinema, da televisão e dos meios de comunicação em geral. Haviam escasseado as festas e o prestígio do álcool caíra. Agora, dominavam as drogas entre quatro paredes, tanto as mais leves como a *marijuana* (maconha) ou as pesadas como cocaína, LSD, heroína ou crack. E hoje em dia é difícil determinar quem é um simples bebum ou um cheirador de pó. Dizem que Melanie Griffith conseguiu se livrar de ambos os vícios e, por isso mesmo, chutou o charmoso marido Don Johnson, que até hoje não se desintoxicou.

Também, Johnny Depp e Mickey Rourke têm enfrentado problemas com as mulheres por causa dos seus descontroles provocados pelo álcool e outras drogas. Mas, da nova geração de desajustados, parece que, no caso de Drew Barrymore, a jovem atriz de 20 anos venceu a parada. Começando a carreira ainda criança, alcançou o estrelato como a adorável amiguinha do E.T. de Spielberg, em 1982, mas não soube resistir às tentações, passando a beber com 11 anos, a usar drogas aos 13 e tentou o suicídio aos 14. Tudo isso não causou surpresa, considerando-se seu *background* familiar, pois todos foram alcoólatras: o pai John Barrymore Jr., o avô John Sr., a tia Diana – que inspirou o livro e o filme *Too Much, Too Soon* (*O Gosto Amargo da Glória*) – e os tios-avós Ethel e Lionel Barrymore.

Dulce visita o camarim de William Holden: o ator chegaria a consumir três litros de vodca por dia

Aos 70 anos, Paul Newman costuma brincar que mantém sua invejável aparência por ser "conservado em álcool". Na verdade, ele nunca bebeu o chamado "hard-liquor". Apenas não dispensa suas cervejinhas em lata, consumindo cerca de trinta por dia.

Recentemente, o ator galês (como Burton) Anthony Hopkins revelou que foi o rei da garrafa durante os primeiros vinte anos da sua carreira e só se recuperou quando ganhou seu Oscar e foi agraciado como Sir pela rainha da Inglaterra. Outros não tiveram sua força de vontade. Alguns conhecidos nomes hollywoodianos que morreram devido ao excesso do álcool foram Errol Flynn, Ava Gardner, John Wayne, Desi Arnaz, Dana Andrews, Humphrey Bogart, Montgomery Clift, Gloria Grahame, David Janssen, Judy Garland, Lee Marvin, Veronica Lake, Peter Lawford, Spencer Tracy, Alan Ladd, George Peppard, Michael Landon, John Cassavetes e Sammy Davis Jr., embora os amigos beberrões deste último, Dean Martin e Frank Sinatra, continuem vivos.

Dos saudosos desaparecidos, acompanhei de perto a deterioração do ídolo William Holden, que conheci pessoalmente na plenitude do seu charme e talento, um perfeito cavalheiro de profundos olhos azuis e sorriso contagiante. Dizem que começou a beber quando se apaixonou por Audrey Hepburn e ela não aceitou seu pedido de casamento porque queria ter filhos e Holden havia feito vasectomia. Tomando três litros de vodca por dia, ele morreu sozinho no seu apartamento ao bater a cabeça em uma mesa de mármore e seu corpo só foi encontrado dias depois, já em estado de decomposição. A atriz Stefanie Powers – com quem vivera os últimos 5 anos de vida – jamais se perdoou porque o havia abandonado uma semana antes, desanimada com suas bebedeiras.

Talvez como uma advertência, acaba de sair nos Estados Unidos o livro *Dream Lovers* (*Amantes Sonhadores*), de autoria de Dodd Darin (32 anos) contando a triste história do seu pai, o cantor Bobby Darin, que morreu em 1973, aos 37 anos e de sua mãe, a estrelinha Sandra Dee, que recentemente saiu de um sanatório após longa luta contra a anorexia e o alcoolismo. Quem assistiu ao musical *Grease*, deve se lembrar do número em que Stockard Channing cantava e dançava homenageando as virtudes de Sandra Dee e seus românticos filmes da Universal. Atualmente com 53 anos, a sofrida e meiga Sandrinha permitiu que o filho contasse o verdadeiro drama de sua vida, que a levou ao alcoolismo. E até já pensa em lançar uma linha de perfumes com a *griffe* Summer Place, título de um filme que estrelou com Troy Donahue em 1959.

VÍDEO SET
EDITORA AZUL
MAIO

FORREST GUMP, O CONTADOR DE HISTÓRIAS ★★★

O novo herói americano

Poucos filmes na história do cinema tiveram tanto impato quanto *Forrest Gump*, vencedor de seis Oscar e indicado a outros sete. O segredo de Zemeckis – um diretor que já freqüentava as listas dos campeões de bilheteria com os *De Volta para o Futuro* e *Uma Cilada para Roger Rabbit* – parece ter sido simplesmente o seguinte: unir com inegável competência a sátira e o melodrama, a crítica da América e sua apologia.

Suas fontes de inspiração, além do romance em que se baseou (de Winston Groom), foram inúmeras. No cinema, duas são mais evidentes: *Zelig*, de Woody Allen, e *Muito Além do Jardim*, de Hal Ashby. Do primeiro, chupou a fórmula do personagem comum que atravessa momentos importantes da história, "contracenando" com grandes vultos graças ao poder da trucagem. Do segundo, aproveitou a idéia básica: o idiota que acaba virando uma espécie de oráculo ou guia espiritual para toda uma nação.

Zemeckis poderia ter enfatizado a imaginação e o humor, como em seus trabalhos anteriores. Preferiu, ao contrário, inflar seu filme com todos os truques do melodrama hollywoodiano, forçando uma identificação absoluta do espectador com o protagonista. O fato de Forrest virar ídolo nacional e de as pessoas repetirem suas falas mais banais como se fossem mantras sagrados não foi um acidente. Consciente de que os americanos adoram transformar idiotas em heróis, Zemeckis foi fundo na criação de um produto destinado ao sucesso.

Assentada a poeira, começa-se a perceber que *Forrest Gump* é um dos filmes mais conservadores dos últimos tempos (à parte suas proezas técnicas que alargam todas as fronteiras do ilusionismo). Com suas platitudes ("a vida é uma caixa de bombons", "estúpido é quem comete estupidez"), faz o homem comum sentir-se em paz com sua própria mediocridade e com o mundo confuso que o rodeia, especialmente se este mundo for o grande país que Forrest atravessa a pé.

(Forrest Gump, EUA, 1994) Direção: Robert Zemeckis. Com Tom Hanks, Robin Wright, Sally Field, Gary Sinise, Mykelti Williamson. 142 min. CIC.

José Geraldo Couto

Pizza Hut

Apresenta

Pagemaster

O Mestre da Fantasia

Tenha para sempre esta incrível aventura

com **MACAULAY CULKIN**

CHRISTOPHER LLOYD

e as vozes de

WHOOPI GOLDBERG
PATRICK STEWART
FRANK WELKER
LEONARD NIMOY

Nas locadoras a partir de 18/05/95

Dublado ou Legendado

Turner Pictures Worldwide Distribution, Inc.

CANNES HOME VIDEO

Mundial/Look

Irène Jacob abusa do vermelho no dia-a-dia e em seu trabalho como modelo

DRAMA

A FRATERNIDADE É VERMELHA★★★★

Sublime jogada de marketing

Marin Karmitz planejava ganhar os três principais festivais europeus com a trilogia sobre as cores da bandeira francesa que produziu para o polonês Krzysztof Kieslowski. Deu certo com *A Liberdade É Azul* (Leão de Ouro em Veneza-93) e *A Igualdade É Branca* (Urso de Prata em Berlim-94), mas *Pulp Fiction* roubou de *A Fraternidade É Vermelha* a Palma de Ouro em Cannes-94. Ninguém deve supor, contudo, que o fracasso dessa engenhosa jogada de marketing reflita uma eventual disparidade do terceiro filme em relação aos demais (o filme ainda surpreendeu e levou três indicações ao Oscar – diretor, roteiro original e fotografia!).

Personagens periféricos à parte, o embate psicológico que interessa ocorre aqui entre uma jovem modelo (Jacob) e um juiz aposentado (Trintignant). O acaso os aproxima, em Genebra, e ilumina seus quartos escuros seguindo o mesmo andamento sinuoso e envolvente obtido antes por Kieslowski e seu co-roteirista Krzysztof Piesiewicz (parceiros também na minissérie *Decálogo* e em *A Dupla Vida de Véronique*).

Em *Fraternidade*, as luzes parecem existir para fazer brilhar Irène Jacob, mas nada se compara à presença em cena de Trintignant. Cabe a ele, não por acaso, papel-chave na seqüência que conclui, com ironia sublime, o último pavimento desse portentoso edifício erguido por Kieslowski.

(Trois Couleurs: Rouge, França/Polônia/Suíça, 1994) Direção: Krzysztof Kieslowski. Com Irène Jacob, Jean-Louis Trintignant, Jean-Pierre Lorit, Fréderique Feder. 99 min. Mundial/Look.

SERGIO RIZZO

CAMÕES ★★

(Portugal, 1946) Direção: Leitão de Barros. Com Antônio Vilar, João Villaret, Eunice Muñoz, Vasco Santana. 118 min. Continental.

Um perfil romanesco e inócuo do poeta, despido de tudo o que sua figura possa ter tido de desagradável. É uma filmagem aparatosa, visando a provar que Portugal tinha condições de competir no mercado internacional. *Camões* é um produto típico do período salazarista. Embora mobilize os maiores nomes do teatro português na época – entre eles João Villaret como D. João III –, o resultado é acadêmico. Uma seqüência de cenas de rua, festejos populares e cerimônias de corte parecem mais interessadas em exibir a luxuosa reconstituição de época do que em contar a vida do biografado. Os raros momentos de emoção são literários e não cinematográficos: ficam por conta de Antônio Vilar quando declama os poemas de Camões.

LAURO MACHADO COELHO

O AMANTE BILÍNGÜE ★★★

História intrigante e bem-humorada

Surrealismo não é a palavra adequada para definir o tratamento que o catalão Vicente Aranda (*Os Amantes*) dá a *O Amante Bilíngüe*. O único paralelo do filme com a escola de Buñuel e Breton é o amor louco que ata e desata a vida do casal Ornella Muti e Imanol Arias, ela, uma funcionária do Departamento Lingüístico do Governo Catalão, filha única de uma família abastada, ele, um músico de rua.

O casamento improvável naufraga quando ele a surpreende com um engraxate, sapato lustroso dependurado nas partes íntimas. O que virá a seguir é pura obsessão amorosa, entremeada por citações ao *Fantasma da Ópera* e *O Homem Invisível*, além de comentários sarcásticos sobre o ferrenho nacionalismo catalão e o truculento fascismo espanhol.

A beleza de Ornella Muti (falando catalão), a atmosfera misteriosa do Bairro Gótico de Barcelona e cenas eróticas surpreendentes (mesmo ao balanço de um colchão de molas) fazem de *O Amante Bilíngüe* não um filme surrealista, mas uma história de paixão intrigante e bem-humorada como poucas vezes se viu no cinema.

(El Amante Bilíngue, Espanha, 1993) Direção: Vicente Aranda. Com Ornella Muti, Imanol Arias, Loles León, Javier Bardem, Pepe Cruz. 114 min. PlayArte.

CADÃO VOLPATO

PlayArte

A belíssima Ornella Muti ornamenta seu amante engraxate com o sapato do marido

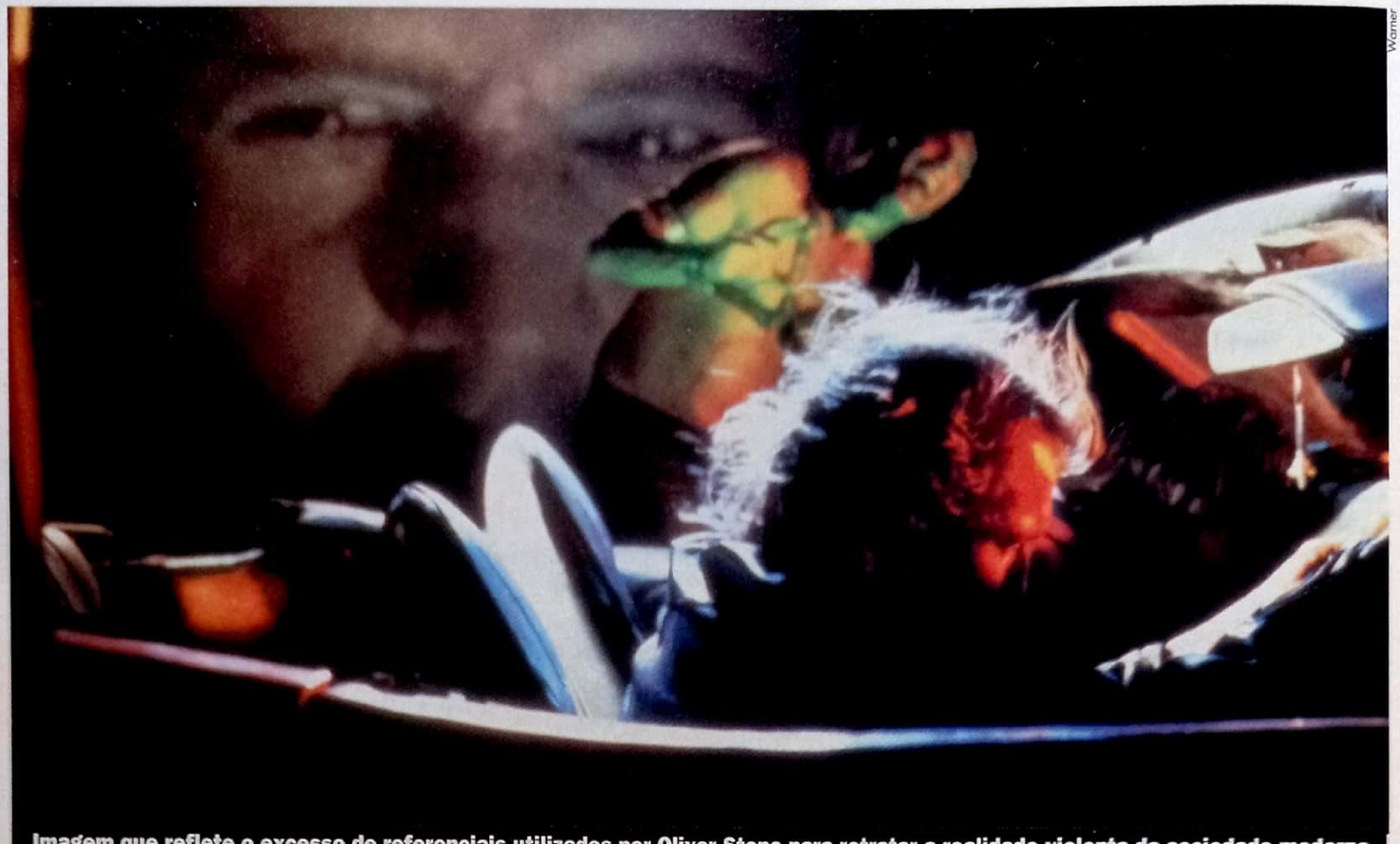


Imagem que reflete o excesso de referenciais utilizados por Oliver Stone para retratar a realidade violenta da sociedade moderna

ASSASSINOS POR NATUREZA ★★★

Retrato da zorra moderna

Quando percebeu o que Oliver Stone faria com seu roteiro original, escrito e vendido antes do sucesso de *Cães de Aluguel* e *Pulp Fiction*, Quentin Tarantino pediu para ser creditado apenas como autor do argumento de *Assassinos por Natureza*. Com essa providência sensata, permitiu que brilhasse no filme apenas a estrela de Stone, aqui no ponto mais ambicioso de uma carreira já premiada com dois Oscar de direção (*Platoon* e *Nascido em 4 de Julho*).

A idéia é pura pólvora: um casal de *serial killers* (Harrelson e Lewis) enfileira 52 vítimas em três meses de estrada. A mídia, capitaneada por um apresentador inescrupuloso (Downey Jr.), segue de perto o rastro da dupla, enquanto um policial que também ama os holofotes (Sizemore) transforma o caso em assunto pessoal.

Desta vez, Stone botou mesmo pra quebrar: o filme mistura diversas técnicas e, utilizando alegadas 3 mil imagens (média de uma a cada 2,4 segundos), cria um caleidoscópio singular para retratar a zorra moderna. Fruto ele próprio desse estado de coisas, *Assassinos por Natureza* é de certo modo a criatura que espelha, num espasmo de impacto inigualável, e seu próprio criador, expondo ao mesmo tempo tudo o que nele é condenável e admirável.

(Natural Born Killers, EUA, 1994) Direção: Oliver Stone. Com Woody Harrelson, Juliette Lewis, Robert Downey Jr., Tommy Lee Jones, Tom Sizemore, Rodney Dangerfield, Balthazar Getty. 119 min. Warner.

SÉRGIO RIZZO

ASAS DA SEDUÇÃO ★★

(Alemanha, 1993) "Espuma do Desejo" (Wet). Direção: Bob Rafelson. Com Arliss Howard, Cynda Williams, Kathleen Wilhoite. "Toque-me" (Touch Me). Direção: Paul Cox. Com Gosia Dobrowoiska, Claudia Karvan. 60 min. Mundial.

VENTOS DO DESEJO ★★

(Alemanha, 1993) "O Olhar" (The Dutch Master) Direção: Susan Seidelman. Com Mira Darvine, Aida Turturro, Sharon Angela. "Vroom" (Vroom, Vrooom, Vroooom). Direção: Melvin van Peebles. Com Richard Barboza, Laura Lane. 60 min. Castle.

Dos quatro episódios da série alemã *Erotic Tales* lançados agora no Brasil, ao menos dois – "*Espuma do Desejo*" e "*Vroom*" – revelam diretores que tratam o curta-metragem como um longa pequeno e pagam caro pelo equívoco. No primeiro, o veterano Bob Rafelson escorrega feio na história de um vendedor de banheiras seduzido por uma compradora depois do expediente. Inusitado mas gratuito, não diz a que veio. Ainda assim, perde para a constrangedora obviedade a que Melvin van Peebles recorre para contar a fábula de um garoto e sua motocicleta erotizada. Salvam este pacote o discreto "*Toque-me*", em que o australiano Paul Cox examina a delicada amizade entre duas mulheres insatisfeitas em seus relacionamentos, e especialmente "*O Olhar*", o episódio que melhor explora as possibilidades do formato. Seidelman opta por uma narrativa solta e bem-humorada, em que os atores se dirigem à câmera, para contar a fixação de uma assistente de consultório dentário, noiva de um policial, por uma tela do Metropolitan, em Nova York.

S.R.

MEU IRMÃO, MINHA VIDA★★★

(My Brother's Keeper, EUA, 1994) Direção: Glenn Jordan. Com John Lithgow, Ellen Burstyn, Annette O'Toole, Zeljko Ivanek. 103 min. Lloyds.

Glenn Jordan (*Crise de Consciência*) confirma seu talento neste telefilme baseado em história verídica. Com uma linguagem serena e firme, relata a luta de dois irmãos gêmeos, Bob e Tom (Lithgow, contido), contra a Aids. Portador do vírus HIV, Tom pode ser salvo por um transplante de medula doada por Bob, uma nova técnica desenvolvida por um jovem médico (Ivanek). Mas os recursos financeiros são negados pelo seguro-saúde, gerando processo que chega à mídia. Realçando no tempo certo os vários conflitos decorrentes dessa situação, Jordan não exagera nem no efeito que permite Lithgow contracenar consigo próprio. Comovente.

A.S.

OLEANNA ★★★

Catarse moral e psicológica

O diretor David Mamet (*Homicídio*) adaptou para as telas uma peça sua e realizou um dos filmes mais incômodos e despreocupados com a correção política dos últimos tempos. É uma qualidade evidente, apesar de a falta de sutileza de sua narrativa e o tom exasperado que imprimiu a esse teatro impecavelmente filmado terem provocado reações radicalmente antagônicas por parte dos espectadores.

O filme trata do assédio sexual, mas acaba extrapolando seu tema na relação (ou duelo?) entre um professor e sua aluna. Mamet vai construindo uma teia sufocante de verborragia e tensão psicológica até conduzir o espectador a uma catarse quase involuntária ao final do filme. Apesar de ser uma postura ideal para tirar o espectador de qualquer inércia, é bem verdade que sua discussão pode ser acusada de superficialidade pelos tons pesados com que apresenta personagens e diálogos.

O professor interpretado por Macy é um catedrático bem estabelecido e que desdenha o ato de lecionar como reflexo de seu tédio ante uma vida que já lhe parece pequena e sem vibrações. A estudante (Eisenstadt) provoca imediata antipatia ao acusá-lo de assédio sexual quando este tentava lhe ajudar. Mesmo se o aspecto sexual da questão é posto em dúvida inclusive pelos personagens, a aluna em nenhum momento deixa de acusar seu mestre de pecar por ser vaidoso (intelectualmente) e hermético. Ou seja, ela nega o direito à individualidade.

Se o filme é um tanto paquidérmico na abordagem, Mamet ao menos foi fiel ao seu texto e criou uma das poucas obras recentes a inquietar o espectador. Aplausos!

(EUA, 1994) Direção: David Mamet. Com William H. Macy, Debra Eisenstadt. 89 min. Alpha.

CHRISTIAN PETERMANN

Alpha

O mestre tenta convencer sua aluna: cantada?

AMERICAN CLOCK – O FIM DO SONHO AMERICANO ★★

(American Clock, EUA, 1993) Direção: Bob Clark. Com Mary McDonnell, David Strathairn, Kelly Preston. 90 min. Alphaview.

INÉDITO NO CINEMA

A Depressão, diz uma das personagens do filme, foi o episódio mais traumático da vida americana, pois foi o único a atingir toda a população. É esse momento de crise e reformulação forçada da vida nacional que Bob Clark evoca a partir de uma peça autobiográfica de Arthur Miller, com uma vasta galeria de personagens. O filme, porém, é frio e sem vibração. Apesar de uma narrativa sofisticada – em que as personagens, hoje já velhas, refletem sobre o passado, atuando ao lado delas mesmas quando jovens –, é difícil se interessar com o destino de gente traçado de forma tão indiferente.

L.M.C.

Lumière

Sean Nelson, à esquerda, demonstra talento como um sobrevivente das ruas

FRESH ★★★★

Inocência sacrificada

Acostumado a adocicar o tema da perda da inocência, o cinema americano ganha com *Fresh* uma redenção surpreendente. Numa crônica que mais parece um pesadelo, o roteirista e diretor estreante Boaz Yakin traça a breve trajetória do garoto Fresh (interpretado pelo excelente novato Sean Nelson).

Aos doze anos, o menino já se vê atolado em responsabilidades conflitantes: tem que ir bem na escola, tem que atender às expectativas de dois traficantes que o consideram seu protegido (e para quem Fresh transporta "encomendas"), tem que se preocupar com a irmã dependente de drogas, tem que manter em segredo sua relação com o pai (Samuel L. Jackson, de *Pulp Fiction*). Este joga xadrez por dinheiro e tenta transmitir ao filho a filosofia do jogo – principalmente o capítulo relativo a sacrificar peças importantes para derrotar o adversário.

Mais do que uma metáfora, o xadrez vira um plano na vida de Fresh. Ao testemunhar o assassinato de sua "namoradinha" no pátio da escola, ele compreende que, para sobreviver e salvar sua irmã viciada, ele precisa de uma estratégia. E entre as "peças" sacrificadas no complexo jogo armado pelo menino não estão só pessoas e sentimentos – está sobretudo o que lhe restava de inocência, de aspirações. Diante desse quadro sufocante, a cena final, em que o diretor Yakin nos lembra que Fresh não passa de uma criança, vale por dez conferências da ONU.

(EUA/França, 1994) Direção: Boaz Yakin. Com Sean Nelson, Giancarlo Esposito, Samuel L. Jackson, Ron Brice, N'Bushe Wright, Jean LaMarre. 110 min. Lumière.

ISABELA BOSCOV

Videolançamentos

Top Tape

Funcionários de um restaurante chinês em Nova York: permanência ilegal

PRATO FEITO ★★★

O drama dos imigrantes chineses

O nome mais famoso do atual cinema sino-americano é Wayne Wang, que fez sucesso com *O Clube da Felicidade e da Sorte* (1993) e passou para um tipo de cinema mais ambicioso, ganhando elogios no último Festival de Berlim por *Smoke* e *Blue in the Face*, que realizou em colaboração com o escritor Paul Auster. Há outros talentos chineses em atividade na América.

O estreante Tony Chan, então com apenas 23 anos de idade, assina *Prato Feito*. É a história (quase autobiográfica) de um emigrante chinês que vai para Nova York tentar a sorte. Precisa do *green card*. Envolve-se com uma jovem, tanto por gostar um pouco dela como também pensando em obter o certificado de permanência. O casamento forçado é uma idéia que desagrada a ambos; a relação termina. O final é o mais inconclusivo do cinema nos últimos tempos. Não há desfecho, apenas uma situação que permanece em aberto. Chan está falando com conhecimento de causa.

(Combination Platter, EUA, 1993) Direção: Tony Chan. Com Jeff Lau, Colleen O'Brien, Lester Chan, Colin Mitchell. 84 min. Top Tape.

LUIZ CARLOS MERTEN

DESTINO TRAÍDO ★★

INÉDITO NO CINEMA

(The Summer House, Inglaterra, 1993) Direção: Waris Hussein. Com Jeanne Moreau, Joan Plowright, Julie Walters. 84 min. Capital.

A esfuziante Jeanne Moreau vai ao subúrbio de Londres para visitar sua velha amiga Julie Walters bem quando a filha desta está para se casar. A jovem não demonstra qualquer entusiasmo diante da perspectiva de se unir a seu vizinho chato e quarentão. Até a mãe do noivo (Plowright) está mais preocupada é com a noiva. Enquanto pensa numa forma de evitar o casamento, a mulherada entorna o caneco. Apesar das cenas com as ótimas Plowright e Moreau e da divertida solução final, este telefilme mais aborrece do que diverte.

I.B.

SODOMA E GOMORRA ★★★

(Sodom and Gomorrah, Itália/França, 1963) Direção: Robert Aldrich, Sergio Leone. Com Stewart Granger, Pier Angeli, Stanley Baker, Anouk Aimée, Rossana Podestá. 154 min. Abril/Fox.

O filme tem duas seqüências movimentadas. A primeira e melhor é o ataque aos hebreus liderados por Lot (Granger), com excelente edição de imagens; e também a final, a destruição das pecaminosas cidades em questão. Entre uma e outra, diálogos que soam quase sempre risíveis e muitas cenas que, como ocorre freqüentemente nos filmes bíblicos, obrigam os atores à empostação. Embora seu nome não conste dos créditos, Sergio Leone foi co-diretor. Segundo Aldrich, sua participação foi pequena, mais para satisfazer as exigências dos sindicatos italianos (a fita é uma co-produção rodada no Marrocos). O brasileiro Antonio de Teffé (o Anthony Stephen de vários faroestes italianos) é um oficial a serviço do vilão Astaroh (Baker).

CARLOS M. MOTTA

Miranda Richardson e Willem Dafoe: jogos sensuais na corte vitoriana

Capital

UMA NOITE DE SEDUÇÃO ★★★

INÉDITO NO CINEMA

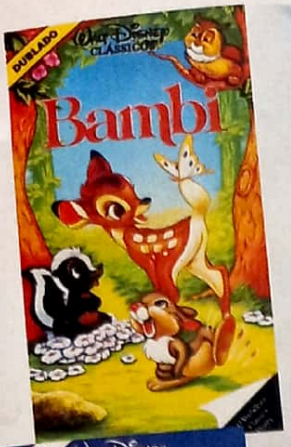
Ligações perigosas

Uma leitura puramente visual de *Uma Noite de Sedução*, drama romântico e generosamente erótico, indica que esta co-produção falada em inglês oscila entre dois cenários: o luxuoso quarto da marquesa (Lena Olin) e a prisão na qual está o escritor (Willem Dafoe) que desafia os costumes da Inglaterra vitoriana, destilando reflexões morais e filosóficas sobre seu tempo.

A narrativa em flashback tem seu equilíbrio justamente no personagem do escritor, que é uma projeção do próprio roteirista do filme, o excelente Jean-Claude Carrière (que também interpreta aqui o papel do governador). O que está sendo questionado? Certamente os conflitos entre o poder, a corte e a libertinagem. Tudo com um clima sofisticado e diálogos de bom gosto, sem se esquecer do humor inglês. Belíssima fotografia de Giuseppe Rotunno e trilha sonora de Ennio Morricone.

(The Night and the Moment, Inglaterra/França/Itália, 1994) Direção: Anna Maria Tato. Com Willem Dafoe, Lena Olin, Miranda Richardson, Jean-Claude Carrière, Carole Richert. 90 min. Capital.

JAIRO FERREIRA



CHEGOU O REI LEÃO DA Disney PARA COROAR SUA COLEÇÃO

Na JOINTVIDEO você encontra a mais nobre e esperada produção da Disney: O Rei Leão. Uma lição de ternura e coragem, um filme que já nasceu coroado de sucesso. Receba, sem demora (*), e fuja da cansativa e muitas vezes frustrante procura de loja em loja. Envie o cupom para a JOINTVIDEO ou peça pelo telefone - ligação gratuita pelo DDG 0800 12 0811. Rápido e fácil e você ainda pode pagar com o seu cartão de crédito.

(*) Entrega gratuita, de moto, para São Paulo e Gde.São Paulo. Para as demais regiões do País, remessas via SEDEX A COBRAR ou débito no cartão de crédito.

ÊNFASE COMUNICAÇÕES

Aproveite e encomende emoções também para você:
CLÁSSICO . AVENTURA . FILME DE ARTE
WESTERN . SUSPENSE . MUSICAL . COMÉDIA

JOINTVIDEO
COMÉRCIO E DISTRIBUIÇÃO DE FITAS LTDA
FONE: (011)290.0811 - FAX: (011)267.6120
AV. GAL. ATALIBA LEONEL, 411 - SANTANA
02033-000 - SÃO PAULO - SP

CUPOM DE PEDIDO

☑ SIM, desejo adquirir esta(s) fita(s) de vídeo na(s) quantidade(s) abaixo relacionada(s) por R$ 25,00 cada:

☐ O REI LEÃO ☐ A PEQUENA SEREIA - O PRESENTE DE ARIEL ☐ O RETORNO DE JAFAR ☐ ALADDIN ☐ BRANCA DE NEVE E OS SETE ANÕES

☐ ALICE NO PAÍS DAS MARAVILHAS ☐ A BELA E A FERA ☐ BAMBI ☐ PINÓQUIO Total do pedido ____ fitas/Custo total R$ ____

Forma de pagamento: • Envie cheque nominal à JOINTVIDEO COMÉRCIO E DISTRIBUIÇÃO DE FITAS LTDA. junto com este cupom preenchido e assinado

• Cartão de crédito - validade: ___/___/___
☐CREDICARD ☐DINERS ☐ SOLLO ☐AMERICAN EXPRESS ☐VISA
Nº do Cartão:

SEDEX: ☐Débito automático ☐A cobrar

Nome: _____
R.G.: _____ C.I.C.: _____
End.: _____
Bairro: _____ Cidade: _____
Estado: _____ CEP: _____ Fone: (___) _____
ASSINATURA _____

OFERTAS VÁLIDAS ATÉ O TÉRMINO DO ESTOQUE

Concorde/Tocantins

Um belo casal: Hepburn e Fonda desfrutam a vida

NUM LAGO DOURADO ★★★

Redenção familiar

Foi só com *Num Lago Dourado*, seu último (e centésimo) filme em quase cinqüenta anos de Hollywood, que Henry Fonda (1905/1982) ganhou o Oscar de melhor ator. Jane entregou-lhe a estatueta no hospital, para alegria de quem julgou enxergar na tela um reflexo do relacionamento entre os dois.

Henry faz um professor aposentado e turrão; Jane, a filha neurótica que tem dificuldade em se comunicar com o pai. A missão de diplomata no front doméstico cabe à mãe (Hepburn, no papel que lhe deu o quarto Oscar de melhor atriz), a única a compreender e suportar o gênio do marido.

Baseado em peça de sua autoria, o roteiro de Ernest Thompson (também premiado com o Oscar) reúne os personagens na casa onde costumam passar o verão. O que ocorre ali segue uma fórmula dramática de pouca originalidade mas de razoável eficiência, sobretudo porque o elenco se encarrega de enxertar emoção onde a estrutura apresenta falhas.

(On Golden Pond, EUA, 1981) Direção: Mark Rydell. Com Katharine Hepburn, Henry Fonda, Jane Fonda, Doug McKeon, Dabney Coleman. 109 min. Concorde/Tocantins.

SÉRGIO RIZZO

LASSIE ★★★
(Lassie Come Home, EUA, 1943) Direção: Fred M. Wilcox. Com Roddy McDowall, Donald Crisp, Dame May Whitty, Elizabeth Taylor. 89 min. Warner/MGM.

O título do filme no Brasil (*A Força do Coração*) é bem apropriado ao tipo de filme que este primeiro exemplar da série *Lassie* na Metro representa. Um filme à antiga, que fala apenas de bons sentimentos. Derivado de um livro de Eric Knight, que morreu durante a Segunda Guerra Mundial, é sobre uma família inglesa que, devido a dificuldades financeiras, é obrigada a vender sua fiel collie, interpretada por um macho de nome Pal. Dirigido por um artesão impessoal, é o melhor da série. Traz Elizabeth Taylor aos 13 anos, mas o astro é o então menino (15 anos) Roddy McDowall (*A Hora do Espanto*).

C.M.M.

INFANTIL

BETTY BOOP ★★★
(EUA, 1990) Direção: George Evelyn, Bill Melendez. 60 min. Teen Action.

Betty Boop, o primeiro símbolo sexual do cinema de animação, criada em 1930 por Max Fleischer, volta à velha forma em dois divertidos episódios para a TV. Em "Betty Boop em Hollywood", ela é acompanhada por seus velhos colegas de estúdio, o cachorro Bimbo e o palhaço Koko. Betty, ao buscar um diamante roubado, tem a chance de ser uma estrela. O estilo Fleischer de animação é recuperado em seus mínimos detalhes. Tudo tem vida, de prédios a telefones, enquanto Betty mostra sua sensualidade marota, ousada para a década de 30. Já "O Romance de Betty Boop" adapta a personagem a um visual típico dos desenhos dos anos 60.

MARCOS SMIRKOFF

PAGEMASTER – O MESTRE DA FANTASIA ★★

Macaulay Culkin vira desenho

Transformar gente de carne e osso em desenho não é lá uma idéia muito original. Principalmente quando o recurso é usado para dar coragem a um personagem condenado à solidão e ao medo. Mac (Macaulay Culkin) teme que seus pais – e ele próprio – morram, por exemplo, por ingerir fumaça de cigarro. Ele não tem amigos.

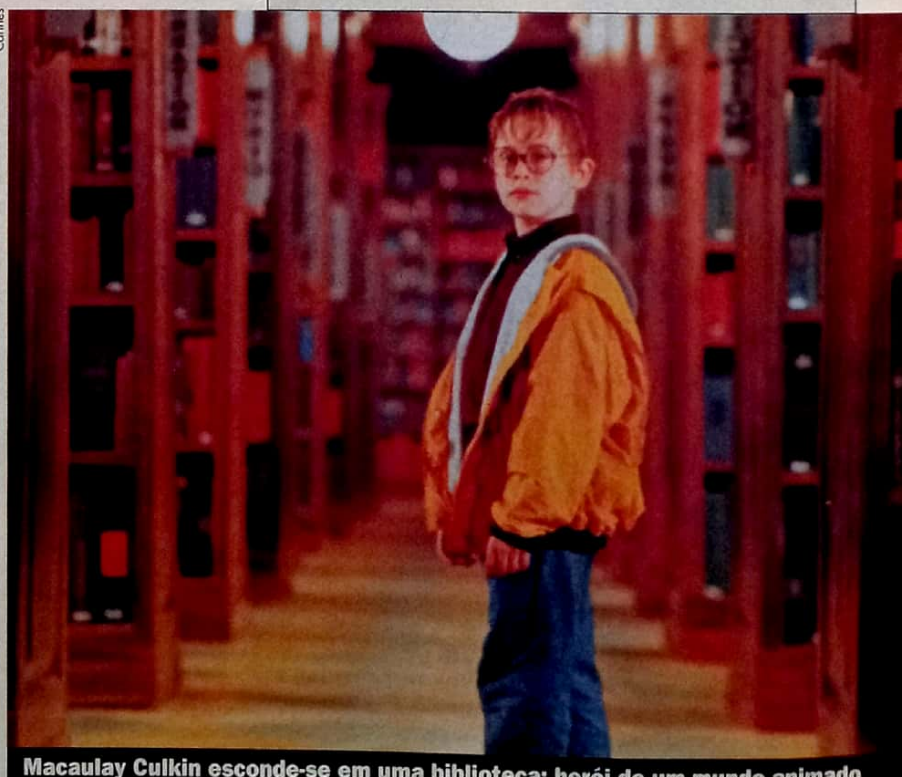
Num dia chuvoso, vai parar numa biblioteca, vira desenho animado e entra no mundo dos livros, conduzido pelo mestre do título. Faz amizade com os volumes falantes Fantasia (com a voz genial de Whoopi Goldberg, na versão original), Aventura e Horror. Enfrenta perigos de livros como *Moby Dick* e *A Ilha do Tesouro*, além de conhecer o dilema de *O Médico e o Monstro*. Vence seus próprios medos, claro.

A obra conta com a maior sofisticação que o cinema de animação pode produzir, música grandiosa – como de hábito – e imagens belíssimas. O problema é que a forma excede o conteúdo, e a boa idéia original – aprender com os livros – se perde entre o ritmo frenético da história e personagens rasos. Fica o espetáculo visual, mas as crianças merecem mais do que isso. Também disponível em versão dublada.

(The Pagemaster, EUA, 1994) Direção: Joe Johnson, Maurice Hunt. Com Macaulay Culkin, Christopher Lloyd. 96 min. Cannes.

FÁTIMA GIGLIOTTI

Cannes



Macaulay Culkin esconde-se em uma biblioteca: herói de um mundo animado

Cage e Bridget Fonda comemoram a bolada na loteria: romance à vista

COMÉDIA

ATRAÍDOS PELO DESTINO ★★★

Conto de fadas

Em 1993, a TriStar obteve sucesso com a comédia romântica *Sintonia de Amor*. O estúdio decidiu investir na mesma dupla do também reconhecido *Lua-de-Mel a Três* (o diretor Andrew Bergman e o ator Nicolas Cage) para tentar repetir a façanha, um ano depois, com *Atraídos pelo Destino*. O filme teve repercussão razoável nos EUA, mas passou quase em brancas nuvens no Brasil. O vídeo agora possibilita conhecer este filme simpático e previsível.

Em clima de conto-de-fadas (com direito a Isaac Hayes como narrador, que começa com o "era uma vez") e livremente inspirado em um fato real ocorrido em Nova York, o filme segue o esquema moral de Frank Capra, honrando a honestidade e a integridade de seus personagens. Cage e a gracinha Bridget Fonda formam um belo casal. Cage, porém, é um policial casado com o projeto de bruxa interpretado histericamente por Rosie Perez. Certo dia, sem dinheiro para dar gorjeta a uma garçonete (Fonda), Cage promete dividir um bilhete de loteria, caso ganhe. O policial leva quatro milhões de dólares, e por direito acredita que Fonda deva ficar com a metade. A esposa, claro, reage mal.

É um filme fácil de se ver, em especial pelo carisma da dupla central, mas o roteiro por vezes abusa do bonitinho. É complicado se entregar totalmente a um longa cujos dramas não comovem o espectador, certo do desfecho que lhe será oferecido. Mesmo assim, suas boas intenções merecem uma sessão sem compromissos.

(It Could Happen to You, EUA, 1994) Direção: Andrew Bergman. Com Nicolas Cage, Bridget Fonda, Rosie Perez, Isaac Hayes, Seymour Cassel, Stanley Tucci, Red Buttons. 101 min. LK-Tel/Columbia.

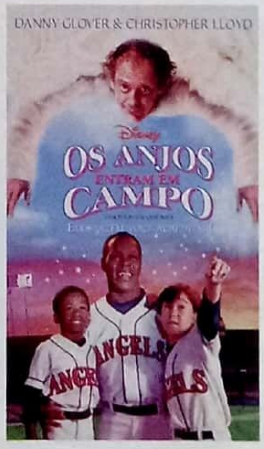
CHRISTIAN PETERMANN

ANOS INCRÍVEIS ★★★★

(The Wonder Years, EUA, 1988) Direção: vários. Com Fred Savage, Dan Lauria, Alley Mills, Jason Hervey, Olivia D'Abo. 92 min. Castle.

Fita com os quatro primeiros episódios da série *Anos Incríveis*, exibida pela TV Cultura de São Paulo, em 1994, com grande audiência. Narrados em *off* por um Kevin Arnold adulto, os episódios contam as aventuras do Kevin adolescente no final dos anos 60, com direção, roteiro e produção impecáveis. A primeira história – genial – situa a série em meio à guerra do Vietnã, através da morte do jovem vizinho da família Arnold em pleno combate. O primeiro amor, a responsabilidade da vida adulta e o movimento hippie são os temas principais dos outros três episódios, respectivamente. Para ver – e rever – com a família toda. Versão original, com legendas.

F.G.



OS ANJOS ENTRAM EM CAMPO ★★★

INÉDITO NO CINEMA

(Angels in the Outfield, EUA, 1994) Direção: William Dear. Com Danny Glover, Joseph Gordon-Levitt, Brenda Fricker, Christopher Lloyd, Ben Johnson. 102 min. Abril.

Filmes sobre beisebol costumam lotar as salas de exibição americanas. O mesmo não acontece no Brasil. Tanto é que o filme de William Dear (*Um Hóspede do Barulho*) não foi lançado por aqui, apesar de ter faturado consideráveis US$ 47 milhões nas bilheterias dos EUA. É refilmagem de uma produção homônima de 1951. Além do beisebol, Dear reúne ingredientes que tendem a funcionar bem, como o drama dos meninos órfãos, atenuado por situações sobrenaturais calcadas em efeitos especiais. Glover (*Máquina Mortífera*) está bem no papel de treinador durão, mas com coração mole. É pena que o filme traga uma mensagem batida do tipo "quando se tem fé, tudo pode se tornar possível".

ANDRÉ POMPEU DE TOLEDO

Abril

O astro francês Gérard Depardieu é o último grande herói para a filha: fantasias e confusões

MEU PAI HERÓI ★★★

Depardieu tenta agradar à filha

Talvez chegue o dia em que algumas produções francesas serão rodadas unicamente para que Hollywood compre os direitos de refilmagem. O original seria apenas uma espécie de ensaio, teste de mercado. Tanto a idéia se aplica a *Meu Pai Herói* que coube a Gérard Depardieu repetir o papel que fôra seu em *Mon Père, Ce Héros* (1991), de Gérard Lauzier.

Depardieu faz um quarentão divorciado que leva a filha de 14 anos (Katherine Heigl) para as Bahamas e assiste às férias se transformarem num tormento quando a garota começa a usar seu inesgotável repertório de mentiras para impressionar um rapaz mais velho. O heroísmo do pai está em levar a farsa adiante, até que a rede de lorotas se rompa sozinha.

Diretor da primeira temporada da série *Anos Incríveis*, Steve Miner cuida apenas de jogar os holofotes sobre Depardieu e Heigl, sem se preocupar com surpresas – exceto pela participação não-creditada, ao final, de uma recente ganhadora do Oscar. Ponta ilustre e deliciosa que vale sozinha a locação.

(My Father, The Hero, EUA, 1994) Direção: Steve Miner. Com Gérard Depardieu, Katherine Heigl, Dalton James, Lauren Hutton, Stephen Tobolowski. 90 min. Abril.

SÉRGIO RIZZO

O ÁRBITRO ★★★

Disney atualiza as relações familiares

INÉDITO NO CINEMA

No passado, a Disney sempre enfatizava a união da família através de sentimentos como a solidariedade e o carinho. Agora, a instituição é exposta da forma mais anárquica possível, não faltando referências a adultérios e golpes baixos. Um exemplo é esta produção da Touchstone, o chamado "selo adulto" da Disney.

O início é típico dos filmes antigos e virtuosos: uma noite de Natal. A câmera leva o espectador, porém, para o consultório de um terapeuta de casais no qual Lloyd (Kevin Spacey) e a esposa Caroline (Judy Davis) trocam acusações pesadas em diálogos que parecem saídos de *Quem Tem Medo de Virginia Woolf?* Em seguida, surgem um ladrão desajeitado (Denis Leary, da MTV americana) e personagens sufocantes como a mãe de Lloyd (Glynis Johns, excelente). O resultado é uma comédia agitada e ferina, bem conduzida por Ted, sobrinho de Jonathan Demme (*Filadélfia*).

(The Ref/Hostile Hostages, EUA, 1994) Direção: Ted Demme. Com Denis Leary, Judy Davis, Kevin Spacey, Glynis Johns. 94 min. Abril.

ALFREDO STERNHEIM

SANTO MATRIMÔNIO ★★★

(Holy Matrimony, EUA, 1994)

INÉDITO NO CINEMA

Direção: Leonard Nimoy. Com Patricia Arquette, Joseph Gordon-Levitt, Tate Donovan, Armin Mueller-Stahl. 93 min. Lumiere.

Leonard Nimoy, o notório Sr. Spock de *Jornada nas Estrelas*, assina a direção desta comédia leve e despretensiosa. O filme poderia passar desapercebido se não trouxesse no elenco a estonteante Patricia Arquette. Na pele de Havana, uma loiraça que ganha a vida imitando Marilyn Monroe, ela vive novamente, como em *Amor à Queima-Roupa*, uma mocinha pouco convencional. As cenas de humor ficam por conta do garoto Joseph Gordon-Levitt que, entre desmaios e citações da Bíblia, acaba conduzindo Havana ao bom caminho. Nimoy não repetiu a bilheteria de sua comédia *Três Solteirões e um Bebê* (1987), mas vale conferir o talento de Patricia, que agora não é apenas a irmã mais nova de Rosanna Arquette.

A.P.T.

Abril

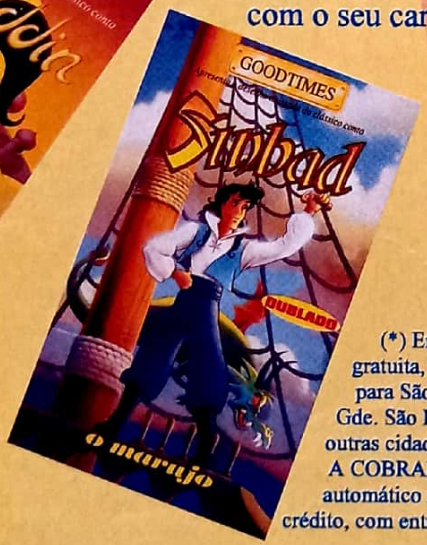
Denis Leary acha que controlou o casal yuppie Spacey/Davis: doce ilusão

ÊNFASE COMUNICAÇÕES

FITA A R$ 18,00

É BRINCADEIRA?

A JOINTVIDEO tem incríveis produções da Goodtimes a um preço baixo de verdade. É sério. Dá pra realizar o sonho da criançada mais rápido do que você imagina. Preencha o cupom ou faça seu pedido por telefone e receba sem sair de casa (*). Ligações gratuitas pelo DDG 0800 12 0811. Acredite, se puder e pague, se quiser com o seu cartão de crédito.



(*) Entrega gratuita, de moto, para São Paulo e Gde. São Paulo. Para outras cidades, SEDEX A COBRAR ou débito automático no cartão de crédito, com entrega a domicílio.

Aproveite e encomende emoções também para você:
CLÁSSICO . ERÓTICO . AVENTURA . FILME DE ARTE
WESTERN . SUSPENSE . MUSICAL . COMÉDIA

JOINTVIDEO
COMÉRCIO E DISTRIBUIÇÃO DE FITAS LTDA

FONE: (011)290.0811 - FAX: (011)267.6120
AV. GAL. ATALIBA LEONEL, 411 - SANTANA
02033-000 - SÃO PAULO - SP

CUPOM DE PEDIDO

☑ SIM, desejo adquirir esta(s) fita(s) de vídeo na(s) quantidade(s) abaixo relacionada(s) por R$ 18,00 cada:

☐ LEO - O REI LEÃO ☐ A BELA E A FERA ☐ O QUEBRA NOZES ☐ A POLEGARZINHA ☐ SINBAD - O MARUJO ☐ PINÓQUIO
☐ ALADDIN ☐ OS TRÊS MOSQUETEIROS ☐ A PEQUENA SEREIA

Total do pedido ____ fitas/Custo total R$ ____

Forma de pagamento: • Envie cheque nominal à JOINTVIDEO COMÉRCIO E DISTRIBUIÇÃO DE FITAS LTDA. junto com este cupom preenchido e assinado

• Cartão de crédito - validade: ___/___/___
☐CREDICARD ☐DINERS ☐SOLLO ☐AMERICAN EXPRESS ☐VISA
Nº do Cartão: ____

SEDEX: ☐Débito automático ☐A cobrar

Nome: ____
R.G.: ____ C.I.C.: ____
End.: ____
Bairro: ____ Cidade: ____
Estado: ____ CEP: ____ Fone: (___) ____
ASSINATURA ____

OFERTAS VÁLIDAS ATÉ O TÉRMINO DO ESTOQUE

AVENTURA/SUSPENSE

Vídeo Arte

Elijah Wood e seu anjo da guarda (Willis): o Alasca é uma das paradas na viagem pela paternidade ideal

O ANJO DA GUARDA ★★★

Em busca dos pais ideais

O diretor de *Conta Comigo*, Rob Reiner, repete a dose: se em 1986 o narrador (Richard Dreyfuss) só aparecia para abrir e fechar a história, agora esta função ganha mais importância com Bruce Willis. A coragem e a inocência continuam a determinar o caráter dos protagonistas, as crianças, e o tema principal ainda é o primeiro contato com a maturidade.

Já a história é bem diferente: o ótimo Elijah Wood (*O Anjo Malvado*) é o North do título original, um garoto perfeito que decide, na justiça, encontrar uma família melhor – só porque precisa simular um sufocamento para ser notado pelos pais, que vivem discutindo.

Começa então uma peregrinação pelo mundo atrás de pais especiais (Dan Aykroyd, Kathy Bates e Graham Greene estão entre eles), vigiado pelo seu anjo da guarda (Willis, fazendo tipos diferentes). Não é difícil adivinhar o ponto final da viagem de North, mas ele chega lá depois de uma aventura intimista e divertida. Lar, doce lar.

(North, EUA, 1994) Direção: Rob Reiner. Com Elijah Wood, Bruce Willis, Jon Lovitz, Alan Arkin, Dan Aykroyd, Graham Greene, Kathy Bates, Alexander Godunov, Kelly McGillis, Rosalind Chao, John Ritter. 87 min. Vídeo Arte.

FÁTIMA GIGLIOTTI

EXECUÇÃO AO VIVO ★★★
(Witness to the Execution, EUA, 1994) Direção: Tommy Lee Wallace. Com Sean Young, Tim Daly, Dee Wallace Stone. 95 min. Alpha.

A discussão da cultura da violência encontrou um bom veículo nesta trama ambientada no futuro em cidade que convive com a brutalidade contínua. Numa emissora de TV a cabo, a nova diretora de programação (Sean Young, sem brilho) resolve transmitir ao vivo a execução de um prisioneiro (Daly), condenado por assassinato e estupro. Será ele inocente? Não obstante uma direção por vezes vacilante, o filme é vigoroso e prende a atenção até o epílogo, ambíguo e simbólico.

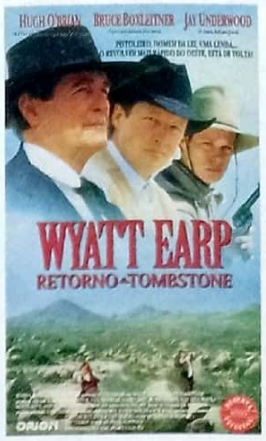
A.S.

KLEPTOMANIA ★★
(EUA, 1993) Direção: Don Boyd. Com Amy Irving, Patsy Kensit. 100 min. NCA.

INÉDITO NO CINEMA

Diana (Irving, esposa de Bruno Barreto) é uma entediada senhora da sociedade nova-iorquina. Para fugir da monotonia, passa a furtar coisas, sempre junto à ladra Julie (Kensit), que conheceu roubando jóias e sapatos num magazine. Entregue à bebida e à cleptomania, Diana procura a ajuda do marido. Julie, porém, bate à sua porta cobrando a promessa de ajudá-la a matar o homem que enforcou seu namorado. Irving está totalmente perua e Kensit se esforça no papel de ladra com problemas existenciais.

D.P.



WYATT EARP – RETORNO A TOMBSTONE ★★★
(Wyatt Earp – Return to Tombstone, EUA, 1994) Direção: Frank McDonald. Com Hugh O'Brian, Bruce Boxleitner, Jay Underwood, Harry Carey Jr., Bo Hopkins, Martin Kove. 94 min. Reserva Especial.

Foi no O.K. Corral de Tombstone, Arizona, que o xerife Wyatt Earp e seu parceiro Doc Holliday enfrentaram a quadrilha dos Clanton no tira-teima lendário recriado recentemente por George Pan Cosmatos em *Tombstone* (1993) e por Lawrence Kasdan em *Wyatt Earp* (1994). Mas, antes mesmo que John Sturges contribuísse para aumentar a mitologia desse duelo com *Sem Lei e Sem Alma* (1957), Hugh O'Brian já encarnava o xerife numa série de TV, levada ao ar de 1955 a 1961. O ator retoma aqui seu personagem mais célebre, de volta a Tombstone em 1914 para um misterioso acerto de contas. À medida que Earp revê os sobreviventes de sua época, flashbacks com imagens colorizadas da série original recuperam detalhes "históricos", incluindo o tiroteio no O.K. Corral. O recurso prejudica a fluência, mas o transforma num tesouro para saudosistas.

S.R.

COWBOY WAY ★★★

(The Cowboy Way, EUA, 1994) Direção: Gregg Champion. Com Woody Harrelson, Kiefer Sutherland, Ernie Hudson, Dylan McDermott, Tomas Milian. 104 min. CIC.

O filme começa com um rodeio em Novo México. Excelentes cenas com novilhos esperneando em câmera lenta. Os dois personagens principais são os cowboys Sonny (Sutherland), o sério, e Pepper (Harrelson), o engraçado. Essa dupla de trambiqueiros segue em direção a Nova York, depois que Sonny se despede de sua namorada em extravagante cena de sexo. O diretor Gregg Champion e seu roteirista Bill Wittcliff misturam humor e denúncia. A dupla cômica se envolve numa trama em que o racismo vem à tona. Procuram um amigo que desapareceu e encontram um marginal que explora uma jovem cubana. O resultado é um curioso faroeste do asfalto.

J.F.

UM AMOR E UMA 45 ★★★

Assassinos por acaso

O filme poderia ser descrito como um *Assassinos por Natureza* para um público mais jovem, caso não tivesse sido feito meio ano antes. O roteiro do diretor estreante Talkington, de qualquer forma, bebe pesado na cartilha Quentin Tarantino, com diálogos mordazes, situações absurdas e violência no limite do humor negro. Há também os detalhes que lembram muito o filme de Oliver Stone acima citado: casal de foras-da-lei que agem por amor; a exploração sensacionalista da TV; perseguidores mais insanos que o próprio casal; retrato do desajuste social absoluto dos EUA de hoje etc.

O filme funciona de forma irrepreensível, apesar de perturbar um pouco o fato de ter sido "construído" segundo as regras mais batidas do universo independente de produção. Parece um filme feito para virar *cult*, inclusive com a já ancestral temática do casal em fuga. Talkington, porém, foge do esteticismo reinante no cinema atual (presente também no filme de Stone) e realiza um filme de sarjeta, visual sujo, câmera na mão, apesar de em nenhum momento descuidado na decupagem e na composição visual.

Para os jovens, além da trilha alternativa com nomes como Tom Verlaine, Mazzy Star, Butthole Surfers e Jesus and Mary Chain, fica a provocação dos personagens estranhos criados pelo diretor. As únicas figuras que não se drogam é o casal central. Ann Wedgeworth e Peter Fonda brincam com seus passados contraculturais e interpretam um casal completamente queimado por LSDs consumidos. Há uma dupla de capangas que vive à base de heroína. E o excelente Rory Cochrane (*Jovens, Loucos e Rebeldes*) rouba o espetáculo como um jovem mergulhado na droga *speed* e de escalpo tatuado. Filme moderninho, mas com fortes elementos de sedução.

(Love and a .45, EUA, 1994) Direção: C.M. Talkington. Com Gil Bellows, Renee Zelwegger, Rory Cochrane, Jeffrey Combs, Jace Alexander, Ann Wedgeworth, Peter Fonda. 101 min. Flashstar.

Christian Petermann

Flashstar

A modelo Renee Zelwegger e Gil Bellows: casal apaixonado põe o pé na estrada para fugir de drogados e das ironias do destino

Vencedor de 6 Oscars®

MELHOR FILME

MELHOR DIRETOR (Robert Zemeckis)

MELHOR ATOR (Tom Hanks)

MELHOR ROTEIRO ADAPTADO

MELHOR MONTAGEM

MELHORES EFEITOS VISUAIS

Lançamento Nacional 24 de Maio

Paramount Pictures apresenta uma produção de Steve Tisch/Wendy Finerman
um filme de Robert Zemeckis Tom Hanks Forrest Gump Robin Wright Gary Sinise Mykelti Williamson e Sally Field
Co-produção Charles Newirth Figurinos Joanna Johnson Música Alan Silvestri Produtor Executivo de Música Joel Sill Montagem Arthur Schmidt
Desenho de Produção Rick Carter Direção de Fotografia Don Burgess Baseado no Livro de Winston Groom, Roteiro Eric Roth
Produção Wendy Finerman Steve Tisch Steve Starkey Direção Robert Zemeckis

EFEITOS VISUAIS ESPECIAIS POR INDUSTRIAL LIGHT & MAGIC TRILHA SONORA SONY MUSIC Tm & Copyright © 1995 by Paramount Pictures. Todos os Direitos Reservados.

Academy Award ® e Oscar ® são marcas registradas e marcas de serviço da Academy of Motion Picture Arts and Sciences.

Tom Hanks é Forrest Gump

O Contador de Histórias

Warner

Stallone e Stone: a bomba passa de mão em mão

O ESPECIALISTA ★

Stallone e Sharon Stone não seguram o filme

Se houve um filme constrangedor em 1994, este foi *O Especialista*. Tanto Stallone quanto Sharon Stone poderiam muito bem ter fugido de um roteiro tão ruim e, ainda por cima, não precisavam se prestar a fazer uma cena de sexo no chuveiro, com muito óleo para realçar os músculos do ator. O quadro continua piorando: em certas cenas, Sharon passeia gratuitamente de lingerie preta pela tela. Por tudo isso, eles receberam a Framboesa de Ouro de dupla mais sofrível do ano passado.

A história: mulher bonita e misteriosa (Stone) cultiva desde criança o desejo de vingança contra os assassinos de seus pais; contrata um especialista em bombas (Stallone) e se infiltra na organização de um manda-chuva do crime organizado (Steiger), que é auxiliado pelo filho arrogante (Roberts) e por um matador de aluguel (Woods).

Como é de se esperar, ela se mete em encrencas, tira o especialista do sério – sexual e profissionalmente – e deixa o espectador com cara de otário pois, entre mortes e explosões, este se vê preocupado, no fim do filme, com a vida do gato de estimação de Stallone, perdido no meio de tanta "bomba".

(The Specialist, EUA, 1994) Direção: Luis Llosa. Com Sylvester Stallone, Sharon Stone, James Woods, Rod Steiger, Eric Roberts. 111 min. Warner.

DEBORAH PELEIAS

CONTAGEM REGRESSIVA ★★
(Blown Away, EUA, 1994) Direção: Stephen Hopkins. Com Jeff Bridges, Tommy Lee Jones, Suzy Amis, Lloyd Bridges, Forest Whitaker. 117 min. Warner/MGM.

Stephen Hopkins adora pauleira (*A Hora do Pesadelo 5*; *O Predador 2*). Aqui ele apresenta Tommy Lee Jones, um especialista em explosivos que foge da cadeia para se vingar do ex-parceiro (Bridges), supostamente responsável por sua prisão. Eles são as duas faces da mesma moeda. O que os distingue é que Bridges é um homem violento com tendências morais. O que o espectador retém do filme são as explosões. Uma delas é filmada do ponto-de-vista do homem que armou o dispositivo. É o máximo de virtuosismo a que Hopkins se permite.

L.C.M.

NINHO DE COBRAS ★★
(The Enemy Within, EUA, 1994) Direção: Jonathan Darby. Com Forest Whitaker, Jason Robards, Sam Waterston, Dana Delany. 86 min. HVC/Penta.

INÉDITO NO CINEMA

O coronel Casey (Whitaker), diretor de operações do Pentágono, desconfia que seu oficial superior (Robards) participa de um complô militar para derrubar o presidente (Waterston). Produção para a TV a cabo que atualiza o roteiro de Rod Serling para *Sete Dias de Maio* (1964), de John Frankenheimer. Apesar das atuações de Whitaker e Robards e do aproveitamento de fatos recentes da política internacional (como o fim da URSS), o diretor não consegue alcançar o nível do suspense que envolvia Kirk Douglas (o coronel) e Burt Lancaster (o general) na versão anterior, fotografada em preto-e-branco no auge da carreira de Frankenheimer.

M.S.

CORRENDO PERIGO ★★
(Don't Talk to Strangers, EUA, 1994) Direção: Robert Lewis. Com Pierce Brosnan, Robert Lewis, Terry O'Quinn. 98 min. CIC.

O DETONADOR EM ALTA VOLTAGEM ★★★
(Live Wire, EUA, 1992) Direção: Christian Duguay. Com Pierce Brosnan, Ron Silver, Ben Cross, Lisa Eilbacher. 90 min. América.

Pierce Brosnan estrela estes dois policiais de ação e mostra o que convenceu os produtores a transformar esse ator inglês no novo James Bond, o famoso agente 007. Em *Correndo Perigo*, o filme mais recente, ele exibe versatilidade ao interpretar um vilão – em pele de cordeiro, é claro – que se envolve com troca de bebês na família de um policial perturbado. Mas é em *O Detonador* que aparecem suas principais qualidades de herói: policial especializado em bombas e com traumas pessoais mostra inteligência e charme para prender o vilão. Brosnan nem é a melhor coisa do filme – o roteiro surpreeende e supera *O Especialista* no gênero.

F.G.

América

A imagem aterradora de Freddy aparece nos sonhos dos atores: realidade?

O NOVO PESADELO – O RETORNO DE FREDDY KRUEGER ★★★

O vilão assume que é uma fantasia do cinema

Wes Craven fez dez anos de "terapia" para se ver livre do estigma de Freddy Krueger. Nesse meio tempo, realizou apenas um filme acima da média, o subestimado *Criaturas Atrás das Paredes* (1991). Bem resolvido, porém, o diretor aceitou a proposta da produtora New Line e retornou para trás das câmeras com a intenção de criar mais um "último e definitivo" filme sobre o demônio de garras de aço. Com uma única condição: que ele tivesse total liberdade no roteiro.

O que Craven conseguiu foi realizar um dos melhores filmes de terror dos últimos anos, e o que é ainda melhor, apoiado em idéias, e não em sustos sanguinolentos. Craven abandona o humor autoparódico que a série foi adquirindo no decorrer de sua década de existência, investe fundo na tensão e desenvolve uma idéia metalingüística que justifica de forma impressionante a existência desta sexta continuação. Segundo o roteiro de Craven, que aparece no filme interpretando a si mesmo, Freddy Krueger sempre foi uma fantasia cinematográfica, mas que atraiu, com o seu "karma", um espírito maligno ancestral. Com a morte do personagem no sexto filme (aquele final medonho em terceira dimensão), o espírito se soltou da imagem de Freddy e agora está livre para atuar no mundo real. É necessário realizar mais um filme para eliminar de vez esta energia mortal.

Com vários atores do primeiro filme comparecendo como eles mesmos (a heroína Heather Langenkamp, seu "pai" John Saxon e o próprio Robert Englund, o Freddy) e em meio a vários terremotos (afinal, é Los Angeles!), a trama avança de forma tenebrosa e sempre interessante, para iniciados ou leigos. O filme só não leva quatro estrelas, mesmo sendo o melhor desde o original, por ter a conclusão mais medíocre de toda a série. Mais fraca até que a da sexta parte. De qualquer jeito, o culto a Freddy Krueger perdurará ainda por muito tempo.

(Wes Craven's New Nightmare, EUA, 1994) Direção: Wes Craven. Com Robert Englund, Heather Langenkamp, Miko Hughes, John Saxon, Wes Craven, Fran Bennett, Robert Shaye. 112 min. América.

CHRISTIAN PETERMANN

ANJOS REBELDES ★★★

O plano de Deus e a guerra dos anjos

Três atores do filme *Pulp Fiction* participam de uma fantasia que mescla misticismo e terror sobre a segunda guerra dos anjos no céu. O ruivo Eric Stoltz é Simon, o anjo que tenta salvar a humanidade; Christopher Walken, de cabelo tingido de preto, é Gabriel, o líder dos anjos revoltados com Deus; Amanda Plummer é Rachael, uma morta-viva usada por Gabriel como ponte com o mundo dos seres humanos. O roteiro original do diretor cria situações que agradarão em cheio tanto aos fãs do gênero terror como aos adeptos da cultura dos anjos.

Flashstar

Gabriel (Walken) recruta crianças para a sua causa

Há séculos, um grupo de anjos revoltou-se com o fato de Deus ter dado uma alma ao ser humano, o que o deixou num patamar superior perante a Criação. Incapazes de desenvolverem estratégias bélicas que definam o litígio, os alados revoltosos procuram uma alma negra humana para conduzi-los na batalha. O confronto dar-se-á próximo a uma reserva indígena (lugar mais místico e politicamente correto impossível), com intervenção direta de Lucifer (Viggo Mortensen), que por artimanhas do destino se transformará no grande mocinho da história.

O diretor Widen conseguiu no mínimo elaborar conceitos muito interessantes e reunir um elenco de primeira. Ante idéias tão ricas (como vislumbrar os anjos como aves ou o fato de termos alma ser parte do grande plano de Deus), lamenta-se apenas que o filme não ouse formalmente. É uma narrativa tradicional com uma concepção religiosa das mais instigantes. Vai dar o que falar.

(God's Army, EUA, 1994) Direção: Gregory Widen. Com Christopher Walken, Elias Koteas, Virginia Madsen, Eric Stoltz, Viggo Mortensen, Amanda Plummer, Adam Goldberg. 95 min. Flashstar.

CHRISTIAN PETERMANN

Na Tailândia todo mundo vê HBO. E olha que lá

√O maior canal de TV por assinatura do mundo. √25 milhões de assinantes em 35 países.
√Mais de 95 filmes por mês. √Filmes, shows e séries exclusivos na sua TV.
√Som original com legendas. √48 horas de filmes por dia, em dois canais.*

* Assinantes da HBO recebem na HBO 2 a mesma qualidade de programação, com seis horas de diferença. Restrições técnicas em algumas operações.
** Consulte seu operador local de TV por assinatura.

ninguém faz nada sem meditar muito antes.

McCANN

@ que você está esperando?

Assine já.** Quem não tem está fora do ar.

Videolançamentos

FICÇÃO

Ray Liotta ameaça o diretor do presídio (Michael Lerner): herói spaghetti

FUGA DE ABSOLOM ★★

Fantasia futurista à italiana

Fuga de Absolom é um exemplo de como os americanos gostam de complicar as coisas. A história – militar é confinado numa ilha-prisão, na qual se vê às voltas com selvagens e uma aldeia de párias – daria uma bela aventura "Z" italiana, daquelas com Mark Gregory (da trilogia *Thunder*) no elenco. Ao invés disso, o que temos é um herói inexpressivo – Ray Liotta, uma nulidade em matéria de músculos e expressões faciais – e com um passado misterioso, revelado depois de muito papo furado e cenas nas quais o galã (?) se esforça em fazer caretas denotando sua dor interior.

O enredo se transformou em algo entre *Mad Max* (bandidos em farrapos) e *Papillon* (Liotta tentando fugir da ilha) e caminha para um final sem emoções – até o inevitável confronto de Liotta com o bandidão é filmado de forma burocrática. E o pior: o diretor Martin Campbell comandará as novas aventuras de James Bond. O agente 007 nunca esteve tão desamparado...

(Escape from Absolom/No Escape, EUA, 1994) Direção: Martin Campbell. Com Ray Liotta, Lance Henriksen, Stuart Wilson, Kevin Dillon, Michael Lerner, Ernie Hudson. 118 min. 20/20 Vision.

SÉRGIO MARTINS

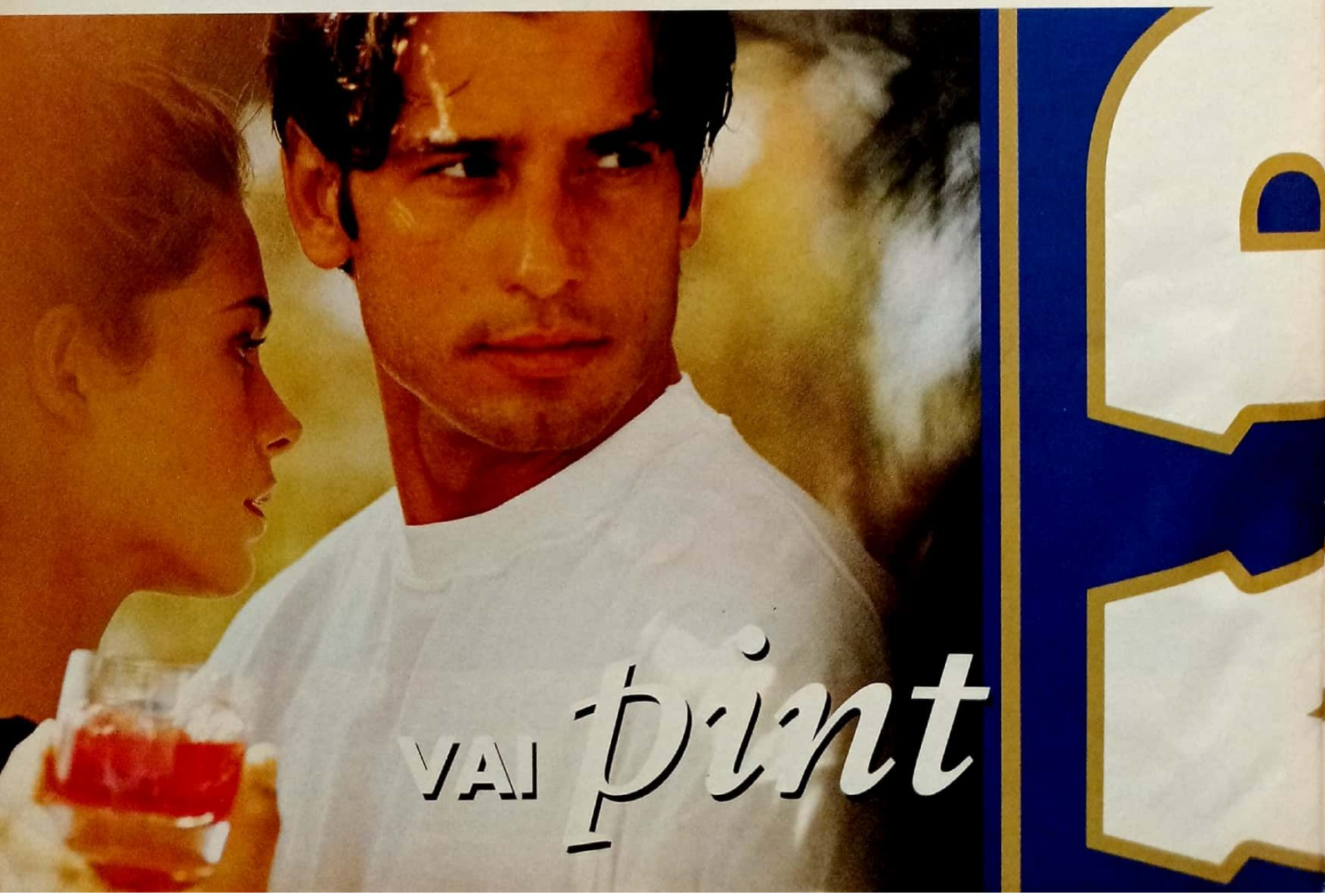
PARAÍSO MORTAL ★

INÉDITO NO CINEMA

(Pacífica – Sailor's Tattoo, EUA, 1994) Direção: Eric Fleming. Com Robert Hays, Martin Kemp, Grace Jones, Adam Ant. 80 min. Lumiere.

Na ilha de Pacífica, tudo pode acontecer. Situada num futuro próximo, ela abriga vilões com sede de poder (Hays, de *Apertem Os Cintos... O Piloto Sumiu*, digno de pena), marinheiros com armas poderosas tatuadas no corpo (Martin Kemp, ex-Spandau Ballet) e até mesmo a cantora Grace Jones interpretando a sobrinha de sangue de um tatuador oriental (!). O filme é inverossímil, não se define entre ficção (no uso da realidade virtual) e aventura (algumas perseguições), e tem apenas uma finalidade: mostrar o triste destino do inglês Adam Ant, que nos anos 80 comandava uma banda de new wave.

S.M.



DOCUMENTÁRIO

ACTION! BEHIND THE SCENES ★★

(EUA, 1985) Direção e produção: Drew Cummings. 58 min. Opção.

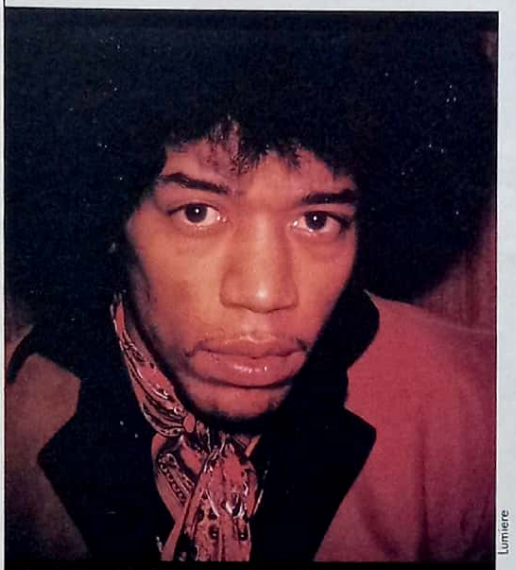
Este documentário dá uma visão geral de alguns dos efeitos especiais usados no cinema atual, desde o uso de explosivos e a atuação dos dublês até maquiagens e efeitos óticos. A amostra, no entanto, está um tanto desatualizada, já que o filme mais recente é *Força Sinistra* (de Tobe Hooper, 1985) – a evolução dos efeitos digitais já mudou boa parte do que é revelado aqui. Além disso, a qualidade de imagem da fita é péssima. Fala-se demais de filmes de Chuck Norris, mas o documentário ao menos inclui detalhes interessantes do primeiro *O Exterminador do Futuro*, de James Cameron, além de curiosidades sobre os pioneiros dos efeitos no cinema mudo. Especialistas no assunto dão depoimentos, como Stan Winston e John Dykstra.

M.S.

RAINBOW BRIDGE ★★★

Algumas declarações de Jimi Hendrix

Se Ed Wood tivesse dirigido um "filme rock", este bem que poderia ter sido *Rainbow Bridge*. As semelhanças entre a obra do obscuro Chuck Wein e as do "pior diretor do mundo" saltam aos olhos. Precursor do "cinema ripongo", Rainbow *Bridge* prima pelo amadorismo. Seu maior chamariz aparece nos últimos vinte minutos de filme: ninguém menos que o maior guitarrista do rock, Jimi Hendrix.


Lumiere

Jimi Hendrix toca muito e fala pouco

Estrelada por Pat Hartley (outra desaparecida), esta espécie de documentário musical narra as desventuras de uma hippie que viaja pela Califórnia e o Havaí em 1970, em busca de paz, amor e toneladas de LSD. Ela encontra Hendrix no festival que dá nome ao filme, no qual o guitarrista nos brinda com versões ao vivo de alguns de seus clássicos e troca algumas palavras com sua fã. E só. Indicado para súditos de Hendrix ou qualquer um que queira encarar um flashback pesado da era hippie.

(EUA, 1970) Direção: Chuck Wein. Com Jimi Hendrix, Pat Hartley, The Jimi Hendrix Experience. 74 min. Lumiere.

HELIO GOMES

Preview

CIC

O MÊS DE JUNHO VAI SER O MAIOR VISUAL

Alguns dos filmes de maior impacto fotográfico e artístico dos últimos meses chegarão às locadoras no mês de junho. Há os efeitos especiais impressionantes de *True Lies* (acima); a direção de arte e figurinos sofisticados de *Entrevista com o Vampiro*; as cores delirantes de *O Sombra*; a revitalização da animação de bonecos no divertido *De Tim Burton O Estranho Mundo de Jack*; e o estonteante jogo de câmeras de *Endless Summer 2*. Quem quer filmes com narrativas menos feéricas terá grandes opções: o italiano *Uma Simples Formalidade*, com Gérard Depardieu e Roman Polanski; o carisma de Paul Newman em *O Indomável*; o drama de guerra alemão *Stalingrado*; ou o *Assédio Sexual* de Demi Moore em cima de Michael Douglas. Para os saudosistas, o musical *Bonita como Nunca*, com Fred Astaire e Rita Hayworth, e Sidney Poitier em *Ao Mestre, com Carinho*. Os títulos inéditos no cinema também oferecem curiosidades: o ambicioso painel urbano de *Vida de Cidade* (*City of Hope*), de John Sayles; o suspense policial *A Lua dos Amantes* (*China Moon*), com Ed Harris e Madeleine Stowe; e a comédia romântica *Um Favor Indecente* (*The Favor*), com Elizabeth McGovern e Brad Pitt.

BOLSA DE VÍDEO

Surpresa: *Fresh*, uma das melhores produções independentes dos últimos anos, arrebata a crítica

	Celso Fioravante Folha de S. Paulo	Luiz Carlos Merten O Estado de S. Paulo	José Norberto Flesch Folha da Tarde	Paulo de Góes Jornal do Video	Luiz Zini Pires Zero Hora	Luciano Trigo O Globo	Roberto Rios HBO	Miguel Barbieri Jr. Diário Popular	Christian Petermann SET	Média
Fresh (Lumiere)	7	9	–	9	–	7	9	–	9	8.3
A Fraternidade É Vermelha (Mundial/Look)	8	7	7	8	9	8	–	8	7	7.7
Num Lago Dourado (Concorde/Tocantins)	–	7	7	8	8	7	7	7	7	7.2
Assassinos por Natureza (Warner)	8	6	7	7	8	6	4	9	8	7.0
Oleanna (Alpha)	–	7	4	8	–	8	–	–	7	6.8
Atraídos pelo Destino (LK-Tel/Columbia)	7	7	6	7	5	7	–	6	6	6.3
Contagem Regressiva (Warner/MGM)	6	5	4	–	7	–	–	6	–	5.6
O Especialista (Warner)	5	5	6	6	4	7	5	–	3	5.1
Amante Bilíngüe (PlayArte)	–	3	6	7	–	4	–	–	–	5.0
Fuga de Absolom (20/20 Vision)	–	–	6	–	4	6	–	–	4	5.0

SET DÁ A DICA

Dúvidas, reclamações, sugestões? Identifique-se como leitor da SET e ligue para as distribuidoras

Abril/Belas Artes/Fox	(011) 832-1555	Flashstar/Cartoon	(011) 255-9911
Alpha/Betta	(011) 230-0200	HVC/Penta	(011) 826-0233
Alphaview	(011) 725-6135	Jovem Pan*	(011) 881-6213
América/Paris/Republic	(011) 533-8300	LK-Tel/Columbia	(011) 825-5766
Cannes/Lumière	(011) 579-6522	Lloyds	(011) 536-0677
Capital	(011) 257-8655	NCA	(011) 966-6135
Castle/Look/Mundial	(011) 536-0677	PlayArte/Vídeo Arte	(011) 575-6996
CIC	(011) 816-0852	Reserva Especial	(011) 605-6101
Concorde/Tocantins	(011) 266-6999	Teen Action	(011) 536-0677
Continental/Opção	(021) 262-0751	Top Tape	(021) 205-5552
DIF	(011) 573-8498	Transvídeo*	(011) 223-7233
DIV*	(011) 814-2577	20/20 Vision	(011) 825-5766
Europa/Carat	(011) 579-6522	VTI	(021) 580-3130
		Warner	(011) 820-6777

Obs.: Estão listadas aqui somente as distribuidoras presentes nesta edição de SET; os lançamentos antigos da Look estão sendo comercializados pela Mundial, assim como os da F. J. Lucas pela Concorde; as distribuidoras indicadas com um asterisco (*) não têm mais lançamentos, mas continuam vendendo seu estoque; as distribuidoras Globo, Herbert Richers, Hollywood Classics, MacVídeo, Polevídeo, Videocast e Video Room estão desativadas.

PARADA MARÇO

BRASIL

1. ***Velocidade Máxima (Speed)*** (Abril/Fox)
2. ***Acertando as Contas com Papai (Getting Even with Dad)*** (Warner/MGM)
3. ***Quando um Homem Ama uma Mulher (When a Man Loves a Woman)*** (Abril Vídeo)
4. ***A Fuga (The Getaway)*** (América)
5. ***Rapa Nui – Uma Aventura no Paraíso (Rapa Nui)*** (Paris)
6. ***Intersection – Uma Escolha, uma Renúncia (Intersection)*** (CIC)
7. ***Highlander 3 – O Feiticeiro (Highlander 3 – The Sorcerer)*** (Top Tape)
8. ***A Rainha Margot (La Reine Margot)*** (Europa/Carat)
9. ***Vestígios do Dia (The Remains of the Day)*** (LK-Tel/Columbia)
10. ***O Homem sem Face (The Man Without a Face)*** (Paris)

Fontes: Real Vídeo (SP), Hobby Vídeo (SP), Vídeo Factory (SP), Primeramu's (SP), Scorpius (GO), Vídeo Clube do Brasil (GO), Star Vídeo (GO), Canal Vídeo (MG), Cia do Vídeo (MG), Dumont Vídeo & Games, Copa 6 (RJ), Vídeo Shack (RJ), Vídeo Clube Nacional (RJ), Open Vídeo (RS), Back I (RS).

E.U.A.

1. ***StarGate*** (LIVE)
2. ***Timecop (Timecop – O Guardião do Futuro)*** (MCA/Universal)
3. ***The River Wild (O Rio Selvagem)*** (MCA/Universal)
4. ***The Lion King (O Rei Leão)*** (Walt Disney)
5. ***The Little Rascals (Os Batutinhas)*** (MCA/Universal)
6. ***True Lies*** (Fox Vídeo)
7. ***Clear and Present Danger (Perigo Real e Imediato)*** (Paramount)
8. ***Natural Born Killers (Assassinos por Natureza)*** (Warner)
9. ***Milk Money (As Aparências Enganam)*** (Paramount)
10. ***Color of Night (A Cor da Noite)*** (Hollywood)

Fonte: *Entertainment Weekly* 31/03/95

100 lançamentos pra derreter seu videocassete.

NAS BANCAS

SET O MELHOR DO VÍDEO ERÓTICO

EDITORA AZUL

As Prateleiras de Sua Locadora Escondem Filmes Que Põem o Pé na Estrada

ESTRADA PARA O INFERNO

(Highway to Hell, EUA, 1991) Direção: Ate de Jong. Com Patrick Bergin, Chad Lowe, Kristy Swanson. 92 min. 20/20 Vision.

Gênero rodoviário: Estrada sobrenatural.

Público passageiro: Adolescentes, amantes do *trash*.

A trama no asfalto: Casal em lua-de-mel (Lowe e Swanson) adormece ao volante; ao acordar, encontra um estranho policial que rapta a jovem; um misterioso andarilho (Bergin) revela ao mocinho que ele terá 24 horas para reaver a esposa, antes que ela seja entregue a Satã.

Desvendando o mapa: Bobagem que mistura toques de violência com humor – nesta última categoria, beira as raias do mau gosto; quanto à violência, oferece criaturas bizarras que parecem ter nascido do cruzamento dos filmes *Maniac Cop* com a série *Hellraiser*; o espectador pode optar por piadas que se referem, por exemplo, a um boulevard Joan Crawford ou pelos efeitos de maquiagem.

Motoristas: Ninguém tem muito prestígio – Bergin é canastrão, Swanson é sempre uma heroína em perigo, o irmão de Rob Lowe é inexpressivo.

Saldo da viagem: É possível se divertir, várias idéias são boas, mas o clima "samba do crioulo doido" desagradará o grande público.

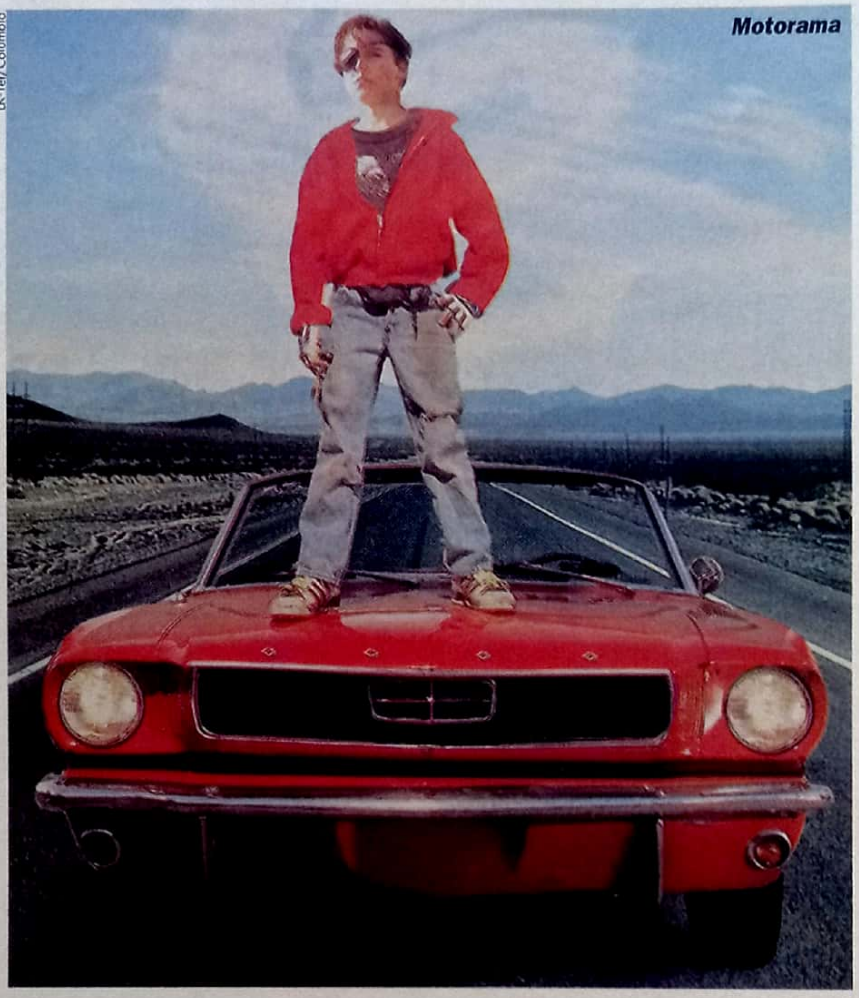
MOTORAMA

(EUA, 1991) Direção: Barry Shils. Com Jordan Christopher Michael, Michael J. Pollard, Dick Miller. 90 min. LK-Tel/Columbia.

Gênero rodoviário: Estrada anárquica e autodestrutiva.

Público passageiro: Jovens, cinéfilos, roqueiros e amantes do pop moderninho.

A trama no asfalto: O roteirista de *Depois de Horas*, Joseph Minion, concebe a louca saga de Gus (Christopher Michael), um garoto de dez anos de idade que foge de casa, rouba o carro dos pais e põe o pé na estrada; conhece as figuras mais bizarras e sofre o pão que o diabo amassou – em suma, amadurece.



LK-Tel/Columbia

Desvendando o mapa: Aventura cômica que poderia ser descrita como um cruzamento entre *Esqueceram de Mim* e *Thelma e Louise*; é irresistível acompanhar a odisséia do garoto, que vai se mutilando (perde uma visão, quebra os dedos de uma mão etc.) em prol da própria liberdade; trilha sonora de Andy Summers, ex-Police.

Motoristas: Os parceiros de viagem de Gus vão de roqueiros (Flea, do Red Hot Chili Peppers; Meat Loaf) a atrizes *cult* (a esguia Mary Woronov e a gostosinha Drew Barrymore).

Saldo da viagem: Passeio *cult*, com ritmo acelerado, lances dramáticos inacreditáveis e uma bizarria que conquistará gregos e troianos alternativos dispostos a rir com o absurdo da história.

OS PROFETAS DO ASFALTO

(Roadside Prophets, EUA, 1992) Direção: Abbe Wool. Com John Doe, Adam Horovitz, David Carradine, John Cusack. 96 min. LK-Tel/Columbia.

Gênero rodoviário: Estrada neo-psicodélica.

Público passageiro: Hippies, neo-hippies, alternativos, viajantes, jovens, roqueiros, doidões.

A trama no asfalto: Motoqueiro veterano (Doe) quer levar as cinzas de um amigo até a lendária cidade de El Dorado, um lugar mágico ideal para um enterro; no caminho, faz amizade com um motoqueiro novato (Horovitz) e cruza com estranhos cidadãos de beira de estrada.

Desvendando o mapa: O roteiro do diretor cria uma aventura repleta de reminiscências contraculturais, um retrato seco da atual alienação social americana e de como a cultura pop do passado se transformou em nostalgia nos dias de hoje; motos e restos humanos ao som de músicas dos Beastie Boys (do qual Horovitz é um dos integrantes), dos Pogues, da cantora Exene Cervenka (ex-X), do Pray for Rain (que musicou *Sid & Nancy*) e do próprio John Doe.

Motoristas: Além dos atores Carradine e Cusack em pontas marcantes, há as presenças do cantor folk Arlo Guthrie e do papa do LSD, Timothy Leary, padrinho de Winona Ryder.

Saldo da viagem: Os profetas da vastidão americana nos oferecem uma imagem poética, mesmo que superficial, do beco sem saída em que se encontram as vias de acesso do povão americano às suas tradições mais enraizadas; triste imagem de um país que está perdendo sua identidade.

VIAJANTES SEM RUMO

(Made in USA, EUA, 1988) Direção: Ken Friedman. Com Adrian Pasdar, Christopher Penn, Lori Singer. 87 min. VTI.

Gênero rodoviário: Estrada criminosa.

Público passageiro: Amantes de um thriller rápido, admiradores de Lori Singer (*Footloose*).

A trama no asfalto: Dois amigos abandonam o trabalho nas minas para conhecer a ensolarada Califórnia; dão carona a uma jovem e mergulham em uma rotina de assaltos.

Desvendando o mapa: Inspirado em *Bonnie e Clyde*, é uma aventura existencial com câmera detalhista, sensível em captar um país de juventude perdida e com um meio ambiente sacrificado por indústrias químicas, usinas nucleares instáveis e reservas florestais e indígenas desrespeitadas; a excelente trilha é assinada pelo grupo Sonic Youth.

Motoristas: Não há ninguém que mereça menção; o irmão de Sean Penn, talvez? Curiosidade: Penn e Singer atuaram em *Short Cuts – Cenas da Vida*.

Saldo da viagem: Mosaico de um país em eterna mutação, aqui em clima policialesco; entrecho melancólico e imagens de impacto suprem a irregularidade do roteiro.

CASH VÍDEO

FITAS NOVAS E USADAS TUDO EM ACESSÓRIOS

ACEITAMOS PERMUTAS
DESPACHAMOS
PARATODO O BRASIL
CONFIRA NOSSAS PROMOÇÕES

REPRESENTANTES:
ABC (011) 444-8769
MG (032) 331-5146

Rua Jovita, 167 - 1º andar - Santana
CEP 02036 - São Paulo - SP
Tel.: (011) 267-0060
267-1810

Estacionamento: Rua Gabriel Pizza, 444

Cannes Home Video

A GRANDE REVENDA DE FITAS E GAMES.

MONTE SUA LOCADORA CONOSCO OU AMPLIE SEU ACERVO. SÃO + DE 5.000 TÍTULOS NOVOS E USADOS. ÓTIMOS PREÇOS À SUA DISPOSIÇÃO

PROMOÇÕES:

- Se você estiver abrindo, ganhe expositores, estojos, acessórios e transporte sem custo.
- A cada 60 fitas ganhe um expositor.
- Ganhe estojos novos e usados.
- Fitas a partir de R$ 7,00

CONFIRA!

- Temos todos os lançamentos.
- Garantia e qualidade.
- Facilidade no pagamento.

DESCONTO ESPECIAL PARA PAGAMENTO À VISTA

SOLICITE NOSSO CATÁLOGO E MALA DIRETA.
Tel.: (011) 290-2788
Telefax: (011) 959-5061
Av. Cruzeiro do Sul, 2752 - Salas 21/22
CEP 02030-100 Santana - SP - Metrô Carandirú
Horário: Segunda a Sexta das 8:30 às 19:00 horas
Sábado das 8:30 às 18:00 horas

PATY'S HOME VÍDEO

MONTE SUA LOCADORA CONOSCO!
TUDO EM FITAS E ACESSÓRIOS

CONFIRA OS ÚLTIMOS LANÇAMENTOS

- PARA CADA FITA, GANHE UM ESTOJO
- PAGAMENTO CONFORME SEU BOLSO
- PREÇOS SEM CONCORRÊNCIA
- GARANTIA E QUALIDADE
- ACEITAMOS CARTÃO DE CRÉDITO

TEMOS FITAS EM PROMOÇÃO

NOVO ENDEREÇO

Rua Dr. Zuquim, 70 - Santana
São Paulo - SP - CEP 02035-020
(Próximo ao Metrô Santana)
Tel: (011) 298-8161
(011) 298-1120
(DDG) 0800118161
REMETEMOS PARA TODO O BRASIL
Estamos c/ estacionamento na Rua Dr. Zuquim, 166

7ª ARTE VÍDEO SHOP

FITAS NOVAS E USADAS. ABRA SUA LOCADORA OU AMPLIE SEU ACERVO COM ARTE. LANÇAMENTOS COM ÓTIMOS PREÇOS.

CONFIRA NOSSAS PROMOÇÕES

- FITAS A PARTIR DE R$ 7,00
- CHEQUES PRÉ-DATADOS
- ACEITAMOS PERMUTA: TELEFONES E CARROS
- REMETEMOS PARA TODO O BRASIL.
- GANHE ESTOJOS NOVOS E USADOS.
- GARANTIA TOTAL.

DESCONTO ESPECIAL PARA PAGAMENTO À VISTA

Horário: segunda a sexta das 8:30h às 19:00 h. Sábado das 8:30h às 18:00 h.
Av. Cruzeiro do Sul, 2619 - Sala 12 - 2º Andar
Santana - São Paulo - SP - CEP 02030-100
Ao lado do Metrô Carandirú
Tel.: (011) 267-5567
ESTACIONAMENTO AO LADO.

HAWAI HOME VÍDEO

FITAS NOVAS E USADAS

TODOS OS LANÇAMENTOS

Av. Cruzeiro do Sul, 2282 - Sala 1/2 e 3
CEP 02030 - Carandiru - São Paulo - SP
(entre os Metrô Carandiru e Tietê)
ESTACIONAMENTO:
Rua Manoel dos Santos Neto, 3

Tel.: (011) 290-4330
Tel/Fax: (011) 299-5572

ABERTO TAMBÉM AOS SÁBADOS
REMETEMOS PARA TODO O BRASIL

- Toda linha de acessórios
- Pagamentos com cheques semanais sem juros
- Permuta por automóvel e telefone como forma de pagamento.

15% DE DESCONTO PARA PAGAMENTO A VISTA NOS CATÁLOGOS.

MERCADO DO VÍDEO

COMPRA
VENDA
TROCA

Recuperamos fitas com mofo

VÍDEOS FAX CÂMERAS

1 ANO DE GARANTIA

ASSISTÊNCIA TÉCNICA EM TV'S, VÍDEOS, CÂMERAS E FAX.
Orçamentos em 24 horas.
Transcodificações em TV"S Importadas.
1 ANO DE GARANTIA

SISTEMA EUROPEU

TRANSFORMAMOS FITAS PARA NOSSO SISTEMA E VICE-VERSA TAMBÉM U-MATIC

SERVIÇO NO MESMO DIA

PABX: (011) 5333290
Av. Pavão, 690 - Moema - SP

EQUIPAMENTOS

APARELHO INTERATIVO

Este console **3DO Interative Multiplayer System** da Goldstar tem um drive de CD-ROM de dupla velocidade, roda CDs de música e de imagens com ótima qualidade de som. Inclui ainda um gamepad novo com sete botões. Encontrado nos Estados Unidos por US$ 399.

CÂMERA COM VISOR DE 4 POLEGADAS

A grande novidade da linha de câmeras **VL-H410U** da Sharp é o visor LCD de 4 polegadas. O modelo da foto é um Hi8 top de linha e custa US$ 2.500 nos Estados Unidos. O visor também funciona como um minitelevisor. Com adicionais US$ 899 pode-se comprar o Sharp Viewcam Teleport que possibilita enviar stills de imagens através de um telefone normal.

PARA GRAVAR ÁUDIO E VÍDEO DIGITAIS

O Estúdio Abertura está trazendo para o Brasil a câmera **Betacam Digital DVW-700** da Sony, única que possibilita a gravação simultânea de áudio e vídeo em sistema digital. Com R$ 800 por 12 horas, profissionais de cinema e vídeo podem alugar o equipamento, incluindo acessórios e pessoal técnico. A DVW-700 possui um microcomputador que, entre outras funções, altera a colorimetria durante a captação das imagens, mudando tonalidades e corrigindo certas áreas. Além disso, sua lente permite maior profundidade de campo e qualidade de gravação em ambientes de pouca luz. Para maiores informações, ligue para o Estúdio Abertura no tel. (011) 884-3020.

TV COM MENU EM PORTUGUÊS

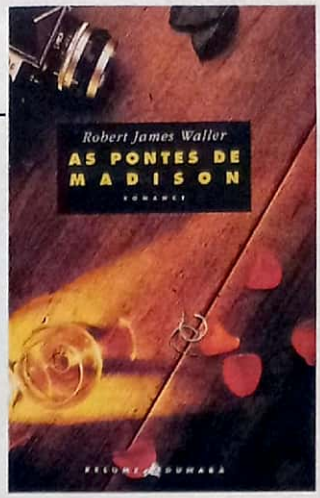
A Philco lançou uma nova linha de televisores em cores, a **Emotion**, cuja característica principal é simplificar seu manuseio. Uma das novidades é a tecla canal express que substitui as teclas de 0 a 9, facilitando o acesso aos canais, além de um menu na tela em português. A linha está disponível nos tamanhos de 14 e 20 polegadas, com opção de controle remoto.

LIVROS

CONFIRA NO PAPEL O QUE CHEGA NAS TELAS

A HISTÓRIA SECRETA (de Donna Tartt, ed. Companhia das Letras)

É conhecido o dom do diretor Alan Pakula de transformar um bom livro de suspense em um filme eletrizante. Foi assim com *Acima de Qualquer Suspeita*, de Scott Turow, e *O Dossiê Pelicano*, de John Grisham. O leitor brasileiro já pode conhecer o próximo alvo do cineasta, com o lançamento de *A História Secreta*, da estreante Donna Tartt. A trama se passa numa universidade norte-americana de elite onde jovens que se dedicam ao estudo da Grécia antiga acabam envolvidos em violência e crime.



AS PONTES DE MADISON (de Robert James Waller, ed. Relume Dumará. Trad. Antônio Trânsito, 200 páginas)

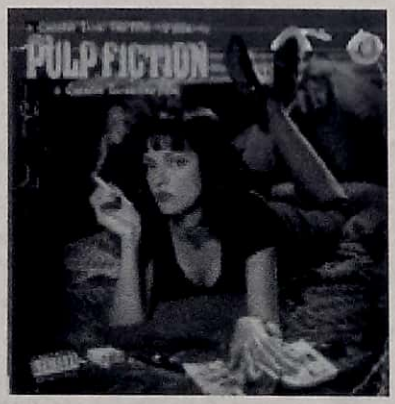
Clint Eastwood e Meryl Streep já estão encarnando no cinema os personagens principais do romance *As Pontes de Madison*, do professor de administração Robert Waller, que vendeu mais de 1,5 milhão de exemplares e ficou muito tempo em primeiro lugar na lista de best-sellers do *New York Times*. O livro traz a história de amor entre um fotógrafo cinqüentão e uma italiana de meia-idade nas paisagens bucólicas do Estado norte-americano de Iowa. Confira pela edição caprichada da editora Relume Dumará.

DE AMOR E DE SOMBRAS (de Isabel Allende, ed. Bertrand Brasil. Trad. Suely Bastos, 307 páginas)

A escritora Isabel Allende não pára de flertar com o cinema. Primeiro foi o seu clássico *A Casa dos Espíritos*, que migrou para as telas pelas mãos do diretor Bille August; agora é a vez de *De Amor e de Sombras*, com o ator espanhol Antonio Banderas no papel principal. Publicado em 26 países, conta a história de amor entre uma jornalista burguesa e um fotógrafo apaixonado, em meio ao golpe militar chileno de 1973.

TRILHA SONORA

EMBALO IRRESISTÍVEL

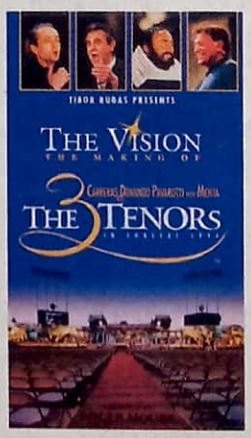


PULP FICTION (BMG)

Tempo de Violência é candidato a trilha *cult* do ano. E não é só porque inclui alguns dos diálogos impagáveis escritos por Quentin Tarantino: ele selecionou as músicas a dedo, e o resultado é um CD absolutamente delicioso de se ouvir. Momentos marcantes: a irresistível música dos créditos de abertura ("Misirlou", de Dick Dale & His Del-Tones); a antológica dança de John Travolta e Uma Thurman (o twist "You Never Can Tell", de Chuck Berry); o solo de Uma e posterior overdose (a bela "Girl, You'll Be a Woman Soon", música de Neil Diamond em versão do Urge Overkill). Poder-se-ia ficar apenas citando os pontos altos, como as baladas de Al Green e Ricky Nelson, o funk da Kool & The Gang, o som nostálgico e meio geração surf dos Tornadoes, Centurians e Revels, entre outros. São vários os motivos para o espectador/ouvinte entrar nesses novos tempos de embalo. E que embalo!

Christian Petermann

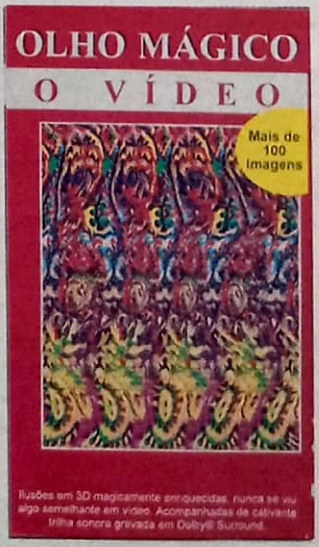
VIDEOS



MAKING OF DOS TENORES NA COPA

A fita *The Making Of – The 3 Tenors in Concert 1994*, da Warner Music, mostra os bastidores do concerto que fechou a Copa do Mundo, em 16 de junho de 1994, com a construção do cenário, a escolha do repertório por José Carreras, Placido Domingo e Luciano Pavarotti e momentos do evento, narrados pelo ator Roger Moore.

OLHO MÁGICO EM VHS



O livro *Olho Mágico* virou mania nacional em 1994 e vendeu mais de 250 mil exemplares. Quem curtiu ficar entortando os olhos na caça das imagens tridimensionais, agora tem mais uma opção: o vídeo *Olho Mágico* traduzido e distribuído pela MPO, empresa do mercado educativo de informática e música. A fita traz mais de 100 imagens e custa RS$ 250. Pode ser encontrada em livrarias, magazines e redes de supermercados de todo o Brasil.

Cartas

"Não tenho palavras para descrever o que senti ao ler a edição de março de SET. Vocês merecem um Oscar. Parabéns e continuem assim!"

Jacqueline P. Oliveira de Sá (Maceió – AL)

Oscar para SET

Não há como poupar elogios à edição de março de SET. Magnífica a matéria sobre a entrega do Oscar, com todos os indicados e com informações precisas do prêmio. Um prato cheio para quem ama o cinema. A redação está de parabéns!

Aguinaldo P. Antunes (Itaju – SP)

SET, mais uma vez, não decepcionou. "Por dentro do Oscar", "Os desprezados" e "Como se chega aos cinco finalistas" comprovam um trabalho jornalístico fantástico sobre a festa da Academia.

Luiz Carlos S. da Silva Jr. (Belém - PA)

Não me contive quando li a edição nº 3, ano 9, sobre o Oscar. As reportagens sobre os filmes indicados dá um verdadeiro show de cobertura. As matérias, entrevistas e ilustrações nos mostram que SET mais uma vez chega na frente ganhando o "Oscar" de melhor revista do gênero. Parabéns.

Rúbio Franco Carvalho (Jataí – GO)

A edição nº 3, ano 9, de SET está impecável. A reportagem sobre o Oscar/95 é fantástica. E ainda, as ótimas entrevistas com Quentin Tarantino e John Travolta. SET está de parabéns!

Jadir Marcos Correia Silva (Recife – PE)

Parabéns aos jornalistas envolvidos na edição de março, principalmente José Emilio Rondeau e Dulce Damasceno de Brito. Os dois merecem o "Globo de ouro" e SET o "Oscar".

Francisco de Assis da Silva (Recife – PE)

Parabenizo SET pela excelente matéria sobre os indicados para o Oscar na edição de março/95. Só lamento não terem publicado o encarte para acompanhar e marcar os vencedores como fizeram na edição de março/93.

Edler Gama Lins (Maceió – AL)

SET melhora a cada edição. Na edição nº 3, ano 9, a seção *Takes* trata muito bem do Oscar. Excelente também estavam os históricos dos filmes *Pulp Fiction*, *Forrest Gump*, *O Indomável*, *Adoráveis Mulheres* e *Lendas da Paixão*. SET prova que se comporta como o mundo e os homens: cheia de altos e baixos.

Germano Filho (Fortaleza – CE)

Fina Flor

Quero parabenizá-los por essa revista que enfocando o tema cinema, onde prevalece tanta fofoca, sabe manter um nível fino, com matérias inteligentes complementadas por fotos sempre de bom gosto.

Aline Clérici (São Paulo – SP)

Correio entre Leitores

Quero me corresponder com colecionadores de trilhas sonoras, principalmente com fãs de Henry Mancini, Quincy Jones, John Williams, Ennio Morriconi e John Barry.

José Flávio Mantoani
SQS 304 Bl. I ap. 608, CEP 70337-090
(Brasília – DF)

Quem gostar da atriz Jodie Foster mantenha contato comigo.

Thiago Falcão
R. Nelson Ferreira, 389 ap. 103, Piedade, CEP 54410-220
(Jaboatão dos Guararapes – PE)

Gostaria de trocar correspondência e material sobre superproduções.

Rodrigo Lara Porto Biancalana
R. Oscar Leite, 147 ap. 52V, Ponte Preta, CEP 13041-620
(Campinas – SP)

Gostaria de trocar correspondência com amantes do cinema. Admiro Truffaut, Hitchcock, Almodóvar e Woody Allen.

Ariel Perdomo
R. Antonio Machado, 2206, CP 11600
(Montevideo – Uruguai)

Vendo coleção completa de SET, com todas as fichas de vídeo, inclusive algumas edições especiais. Em excelente estado de conservação.

David Eduardo de Souza
R. João Batista Marinho, 847, CEP 17522-390
(Marília – SP)

Errata

Ed. nº 3, ano 9: pág. 12, Morgan Freeman foi indicado para ator coadjuvante por *Armação Perigosa*; pág. 13, a atriz Jodie Foster foi indicada para atriz coadjuvante por *Táxi Driver*. Dianne Wiest recebeu os Oscar de atriz coadjuvante por *Hannah e suas Irmãs*; pág. 26, Gillian Armstrong é diretora.

Ed. nº 4, ano 9: pág. 18, *Jornada nas Estrelas VI – A Terra Desconhecida* é de 1991.

Envie sua carta aos cuidados de Editor de SET, av. das Nações Unidas, 5777, CEP 05479-900, São Paulo – SP.

EDITORA AZUL

Fundador
Victor Civita
(1907-1990)

Diretoria
Angelo Rossi
Roberto Civita

Diretor Superintendente: Angelo Rossi

Diretor Editorial: Carlos C. Arruda
Diretor de Publicidade: Cláudio Santos
Diretora Comercial: Vera Helena M. Gomes
Diretor de Comunicação Carlos Alberto Araújo
Diretor Financeiro: Pedro Frazão

SET
CINEMA & VÍDEO

REDAÇÃO
Diretor Editorial: Jorge de Souza
Editor-Chefe: Cadão Volpato
Editora: Deborah Peleias
Editor-Assistente: Christian Petermann
Editora-Contribuinte: Isabela Boscov
Editor de Arte: Marco Mancini
Editor-Assistente de Arte: Izaú Norbertino
Coordenador de Produção: Roberto Morgan Lopes
Correspondente (Los Angeles): José Emilio Rondeau
Assistente de Redação: Ellen Alaver
Colaboram nesta edição:Texto: Alessandro Giannini, Alexandre Ortiz Ramos, Alfredo Sternheim, André Pompeu de Toledo, Antonio Querino Neto, Ariel Fingermann, Carlos M. Motta, Dulce Damasceno de Brito, Ellen Alaver, Fátima Gigliotti, Inácio Araujo, Inimá Simões, Jairo Ferreira, Lauro Machado Coelho, Luiz Carlos Merten, Luiz Nazário, Marcos Smirkoff, Sérgio Martins, Sérgio Rizzo, Vitor Paolozzi.
Revisão e Preparação de Texto: Alexandre Ortiz Ramos.

STAFF EDITORIAL
Secretaria Editorial: Isabela Boscov
Azul Press: Benjamin S. Gonçalves
Administração Editorial: Ariovaldo Carrera Dias
Sistemas Editoriais: Walter Toscano
Direção Responsável: Liège de Lima Dória Castelli

PUBLICIDADE
Gerente: Ana Lúcia Serra
Supervisores de Contas: Afonso Palomares, Jorge de Oliveira, Miriam Horta, Ricardo Santos
Contatos: Ana Lúcia Bertola, Ana Maria Lobo, Rosaria Pires
Marketing Publicitário: Reginaldo Andrade
Coordenadores: Alex-Sander, Antônio Perissinoto, José Soares, Tieko Kuniyuki.

COMERCIAL
Gerente de Produto: André Felipe D'Amato
Gerente de Assinaturas: Alexandra Pallis da Silva
Gerente de Planejamento: Ana Camargo
Gerente de Pesquisa: Sílvia Campos

COMUNICAÇÃO
Gerente de Promoção: Sandra Galli Ponsoni
Gerente de Propaganda: Vavi Zalla

SET é uma publicação mensal da Editora Azul S.A. **(ISSN 0104-1592**, edição 95, maio de 1995). **São Paulo - Redação e Correspondência:** Av. das Nações Unidas, 5777, CEP 05479-900, tel: (011) 816-7866, Caixa Postal 66254, CEP 05389-970, telex: (011) 83178, fax: (011) 813-9115. **Rio de Janeiro:** Av. Marechal Câmara, 160 - 15º andar - salas 1534/35, CEP 20020-080, Centro, tel: (021) 532-0313, fax: (021) 532-1468, CP 4816. **Distribuidor em Portugal:** Distribuidora Jardim de Publicações Lda., Quinta Pau Varais, Azinhaga dos Fetais, 2685, Camarate, Lisboa. **Assinaturas:** ao fazer sua assinatura, exija a credencial do vendedor e pague somente com cheque nominal à Editora Abril S.A. A Editora Abril garante aos assinantes desta publicação que a interrupção na entrega dos exemplares contratados, sem que para isso tenha dado motivo o próprio assinante, implicará a restituição, em moeda corrente nacional, correspondente aos exemplares que não forem entregues, devidamente corrigida de acordo com o índice oficial legalmente aplicável. Com sua assinatura, seu nome é automaticamente incluído no cadastro da Editora Abril, o qual poderá ser cedido a empresas idôneas, para fins unicamente de divulgação e promoção de seus produtos, que julgamos ser de seu interesse. Caso não queira fazer parte desse cadastro, entre em contato com a Central de Atendimento. **Serviço ao assinante:** tel. (011) 823-9222. **Números atrasados:** (As seis últimas edições recolhidas, mediante disponibilidade do estoque) ao preço da última edição em banca. Peça por intermédio de seu jornaleiro ou distribuidora Dinap de sua cidade. Se preferir, peça diretamente à Caixa Postal 2505, Osasco - SP - fax (011) 810.4800, fone (011) 810.6800 (Dinap), pagando com os cartões: Visa, Credicard e Diners, ou cheque nominal, acrescendo 30% ao valor do pedido para despesas de postagem.

ANER

Fotolito: Fotoline Ltda, Bureau Azul, Proposta Editorial **IVC**
Impressa na Editorial Antártica – Chile

NA PRÓXIMA EDIÇÃO DE SET

★ O nono aniversário de SET é comemorado em edição especial com os novos filmes de Johnny Depp, Marlon Brando e Faye Dunaway (*Don Juan de Marco*), *Gasparzinho* em carne-e-osso produzido por Steven Spielberg e *Tiros na Broadway*, de Woody Allen, Oscar de melhor atriz coadjuvante para Dianne Wiest.

Stills

Don Juan de Marco

UIP

Gasparzinho

★ **No *Caderno de Vídeo*** – *True Lies, Entrevista com o Vampiro, Assédio Sexual, De Tim Burton O Estranho Mundo de Jack, Endless Summer 2, O Indomável, Ao Mestre com Carinho, O Sombra.*

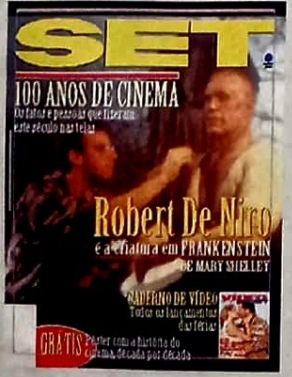
★ **Cinema e vídeo na Internet**
A rede internacional de informática é um verdadeiro paraíso para os espectadores. Saiba como usar.

NOSSAS SEIS ÚLTIMAS EDIÇÕES

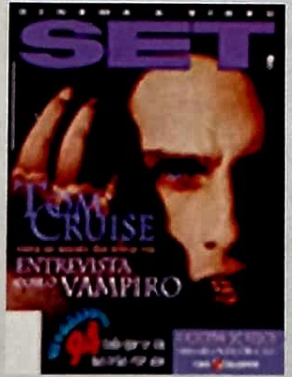
Nº 94
ABRIL 95
Jornada nas Estrelas, o sétimo longa da série mais duradoura do cinema; *Os Melhores de 94*; *50 Anos de Neo-Realismo*; em vídeo, *Os Flintstones*, *Fellini Oito e Meio*

Nº 93
MARÇO 95
Tudo sobre os indicados ao Oscar; *Tempo de Violência – Pulp Fiction*, de Quentin Tarantino; *Ed Wood*; e, no *Caderno de Vídeo*, *Rei Leão*, *Lobo*, *Maverick* e *Crooklin*

Nº 92
FEVEREIRO 95
Robert Redford revela os bastidores da TV em *Quiz Show*; as filmagens de *Braveheart*, com Mel Gibson; em vídeo, *Velocidade Máxima* e *Priscilla*



Nº 91
JANEIRO 95
Robert De Niro é a Criatura de *Frankenstein de Mary Shelley*, dirigido por Kenneth Branagh; especial sobre os 100 anos de cinema; em vídeo, *A Fuga* e *O Jornal*



Nº 90
DEZEMBRO 94
Tom Cruise, Neil Jordan e Brad Pitt comentam *Entrevista com o Vampiro*; o melhor das telas na *Retrospectiva 94*; no *Caderno de Vídeo*, *Corra que a Polícia Vem Aí 33 1/3*

Nº 89
NOVEMBRO 94
Sharon Stone e Sylvester Stallone em *O Especialista*; Oliver Stone fala sobre *Assassinos por Natureza*; em vídeo, *A Lista de Schindler* e *A Época da Inocência*

ATENÇÃO: ***A DINAP – (011) 810-5001 – tem apenas os seis últimos números (incluindo o de banca) em estoque limitado***

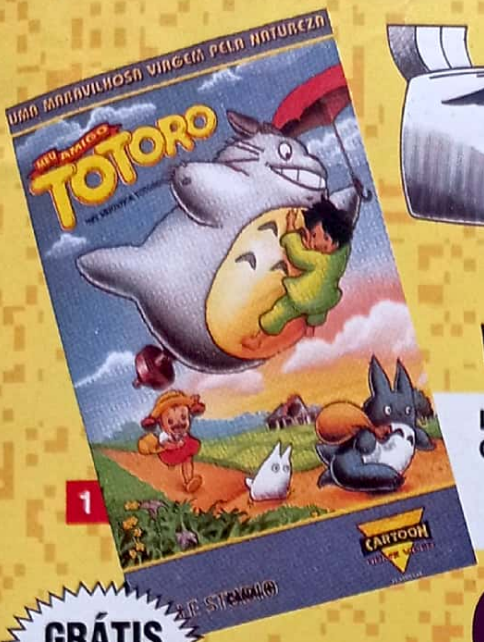
A GRANDE ESCAPADA

Cary Grant foge de um aeroplano em cena clássica de um dos melhores Hitchcocks: *Intriga Internacional* (*North by Northwest*, 1959)

UIP

Real®

VIDEO MARKET



1

Longa metragem 87 minutos.
O 5º mais vendido nos EUA.

20,00* Reais

2 3

20,00* Reais

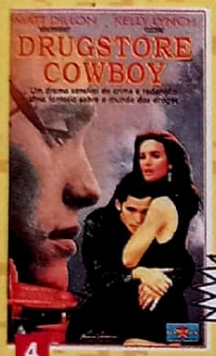
GRÁTIS POSTER

OFERTAS SÓ NA REAL;

O RESTO É FAZ DE CONTA.

LEGENDADO E DUBLADO

9



4

4, 5, 6, 7 e 8
28,00* Reais

RELANÇAMENTOS
Fitas de ótima qualidade
(nova fita master)

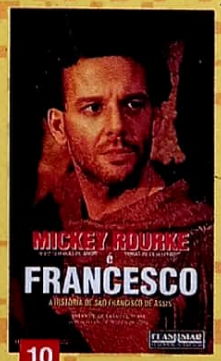
9, 10, 11, 12 e 13
29,00* Reais

5

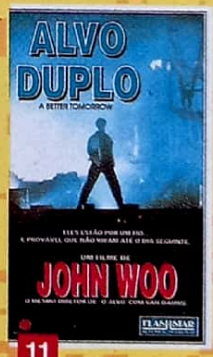
6

*Mais despesas de remessa. Despachamos por SEDEX.

GARANTIA DE PROCEDÊNCIA REAL VIDEO



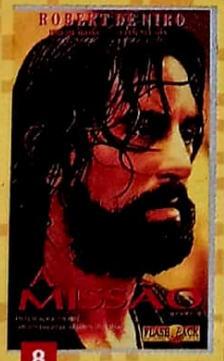
10



11

12

7



8

ACEITAMOS TODOS OS CARTÕES DE CRÉDITO

Revendedor Autorizado

FLASHSTAR HOME VIDEO

13

Preços válidos até término do estoque.

CUPOM DE PEDIDO

Recorte ou se preferir envie cópia deste cupom.
Marque o número e a quantidade desejada de fitas nos respectivos espaços abaixo: _____

_____

Total do pedido _____ fitas - Custo total _____

Assinale abaixo a sua forma de pagamento:

☐ Envie cheque nominal à Real Market Video Ltda. junto com o cupom preenchido para Av. Paes de Barros, 334 - CEP 03114-000

☐ Pagamento pelo cartão de crédito: Nº do cartão: _____

_____ Validade: _____

Nome: _____ Fone: _____

Rua: _____ CEP _____

Bairro: _____ Cidade: _____ Estado: _____

Assinatura: _____ J.V. - abril/95

VENDAS POR TELEFONE

Fone: (011) 292-7759 / 692-6664 - Fax: (011) 292-1080

Av. Paes de Barros, 334 - CEP 03114-000 - Moóca - São Paulo - SP

ED HARRIS MADELEINE STOWE

A LUA DOS AMANTES

COPYRIGHT © 1996 ORION PICTURES CORPORATION

Ele pensou que era amor.
Era assassinato.

20·20 VISION
LK-TEL VIDEO
JUNHO, NA SUA LOCADORA